

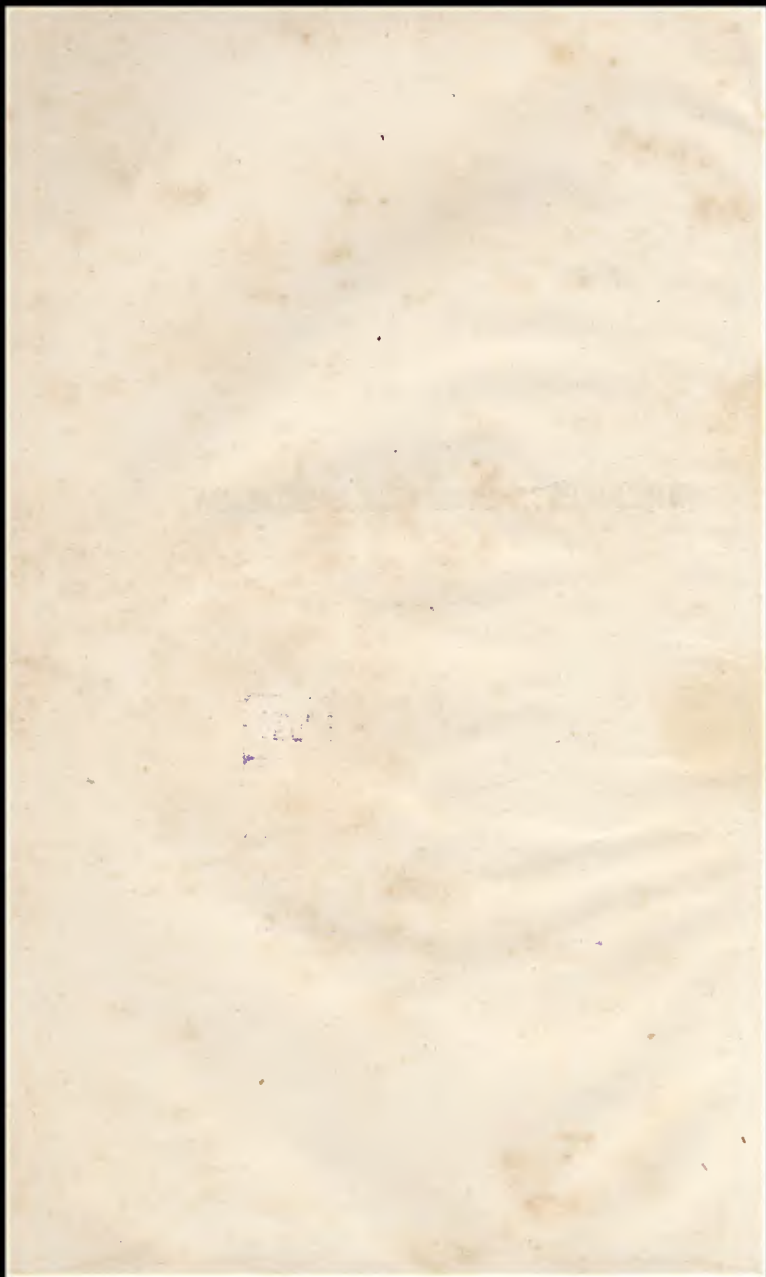


BIBLIOTHECA SCIENTIFICA MODERNA

---

I





SCIENCIA DAS RELIGIÕES

---

ORIGENS

POETICAS

DO CHRISTIANISMO

POR

THEOPHILO BRAGA



MAGALHAES & MONIZ - EDITORES

12 - Largo dos Loyos - 14

1880



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Data	8/6/14
Tombo	B: 8131
1878	me

PORTO: 1880 — IMPRENSA COMMERCIAL — LAVADOUROS, 16.

869.07  
B 8130  
V.L.P  
622



Este pequeno estudo acha-se annuciado desde 1864, com o titulo *Historia da Poesia do Christianismo*, (1) em fins de 1869 tornamo-nos a referir a elle como desenvolvendo a seguinte these: «No Christianismo catholico o genio poetico pertence exclusivamente ao povo rude, que inventou as grandes legendas que o tornaram universal. Sam Jeronymo foi o primeiro que assignalou este facto. O povo seguiu nas suas erenças o genio aryano, que se revelava na grande alma indo-europêa. Reduzido o Christianismo ao que é puramente *canonico*, é uma religião esteril, de uma severidade judaica incommunicavel, tendendo cada vez para mais strictamente definir-se até ficar reduzida a seita; elle por si não consolou a alma humana na profunda elahoração da Edade Media, renovou a trenenda poesia *semitica* da excommunhão, propagou a terror constante do millenario e fim do mundo, inventou o Diabo e a tentação, alimentou as guerras religiosas e as Cruzadas, antepoz a morte á vida, creou a auctoridade e a intolerancia.» (2)

Circumstancias alheias á nossa vontade fizeram que o livro ficasse em apontamentos; aproveitando hoje o ensejo da publicidade, destaeamos os capitulos em que melhor se pôde vêr applicado o methodo historico-comparativo que fundou em hases positivas a Sciencia das Religiões.

Baur diz do Christianismo: «A religião nova não contém principio algum que não tivesse sido preparado mui anteriormente e em meios diversos, e trazido por differen-

(1) *Visão dos Tempos*, p. VIII. Porto, 1864.

(2) *Ibidem*, 2.<sup>a</sup> edição, p. XLIII. Porto, 1869.



tes vias ao grão de desenvolvimento em que nos apparece n'ella; o Christianismo nada contém, que sob uma ou outra forma não fosse já anteriormente affirmado, quer como producto da actividade da razão, quer como necessidade do sentimento, quer como exigencia da consciencia moral.» Esta these fundamental da christologia podia formular-se segundo um encadeamento logico: 1.º manifestações do sentimento anteriores ao Christianismo e aproveitadas por elle; (mythos fetichistas, etc.); 2.º productos da razão; (philosophia dos judeo-hellenicos); 3.º exigencias da consciencia moral (paulinismo, e definições dos Concilios sobre os elementos tradicionaes).

Independentemente da elaboração dos dogmas sobre os elementos philosophicos da Grecia e de Roma, (neoplatonicos e stoicos) o Christianismo baseou-se sobre os elementos tradicionaes do polytheismo indo-europeu, conservados na sua parte cultural; como se fez esta apropriação syncretica? As religiões não são um producto artificial, nascem de transformações de elementos anteriores, e desenvolvem-se segundo as necessidades progressivas da consciencia; portanto, não basta indicar a somma d'esses elementos anteriores para explicar a formação do novo organismo, é preciso em seguida definir a necessidade que achou n'esses elementos uma satisfação natural. Assim, a vitalidade do Christianismo manteve-se sempre na adhesão dos povos não pelas abstracções e syntheses doutrinarias dos concilios, mas no apoio de uma aspiração indefinida; essa aspiração variou com os tempos, mas podemos caracterisal-a em todas as suas phases taes como nol-as conservou a historia. A primeira aspiração, a que o Christianismo procurou associar-se foi a ideia messianica do *Reino de Deus*, de que elle fallava dando a boa nova da sua realisação na terra; isto o levou a servir-se da hallucinação dos cultos orgiasticos para a sua propaganda. Como o Reino de Deus não chegava, durante a era das perseguições, formou-se a lenda do apocalypse da vinda do *Anti-Christo*, que embaraçava a consummação da esperança messianica. A Igreja tor-



nou-se então um refugio para os povos. Como a lenda apocalyptica decaía da credulidade do vulgo, recorreu-se ao estímulo das imaginações renovando a tradição oriental do pralaya, n'esse annuncio do fim do mundo, sendo o *Millenio* prégado até ao seculo x. Quando por effeito da primeira Renascença, se desfez essa última illusão, surgiu então como extremo recurso o desenvolvimento da lenda do *Diabo*, e essa hallucinação da feiticeria, que fazia proclamar pela Egreja: *Ubique Daemon!* Assim como a astronomia destruiu o millenio, a medicina destruiu a possessão demoniaca; que resta hoje para hallucinar a imaginação popular? Nada, e é por isso que o clero trabalha em formar um novo phantasma, a que pôz já o nome antes de tempo—a *Revolução*. A necessidade d'estes estímulos de hallucinação proselytica é a prova inilludível das origens orgiasticas do Christianismo, que desviou a civilisação do occidente da sua base scientifica.

Ao conflicto d'estas emoções atrazadas que pretendem embarçar o curso das ideias que dirigem a consciencia moderna, conflicto que chega até á organização civil invadida pela intervenção de sacramentos, deu-se-lhe o nome pomposo de *questão religiosa*. Em todos os paizes onde a auctoridade se funda em bases tradicionaes, como as castas dynasticas, dá-se uma subserviencia da esphera civil ás ambições do clericalismo, que pelo celibato se tornou uma casta artificial. E' por isso que a *questão religiosa* é concomitante da *questão politica*, ambas interessadas em manterem o passado além do seu momento historico, e na exploração das forças staticas da sociedade em beneficio de classes egoistas. O phantasma da *Revolução*, que justificava o poder temporal no emprego do arbitrio, e o poder espirital no exercicio da intolerancia, dissipa-se, e a vulgarisação do criterio scientifico disciplinando as necessidades da consciencia humana é o que vac eliminando de um modo sereno tudo o que é atrazado, abusivo e doentio.



## INDICE

### ORIGENS POETICAS DO CHRISTIANISMO

---

	Pag.
PROLOGO.....	v
CAPITULO I	
Persistencia dos cultos fetichistas no Christia- nismo.....	1-83
CAPITULO II	
Vestigios polytheistas do mytho orgiastico chris- tão. ....	85-169
CAPITULO III	
Assimilação do Polytheismo árico e indo-euro- peu ás formas cultuaes do Christianismo....	171-251
CAPITULO IV	
Costumes populares do culto solar, que expli- cam os ritos christãos.....	253-296



## CAPITULO I

### PERSISTENCIA DOS CULTOS FETICHISTAS NO CHRISTIANISMO

As religiões já não pertencem exclusivamente ás theologias, nem ás interpretações metaphysicas; são um facto humano, sujeito a todas as modificações do meio social, e portanto só podendo ser estudado através das condições que o determinaram, condições de aptidão ethnica, de sobrevivencia e de persistência tradicional, de assimilação syneretica de doutrinas de differentes épocas intellectuaes, emfim de accidentes historicos que concorreram mais ou menos directamente para a sua propagação. Tal é o criterio da Sciencia das Religiões, que o nosso seculo acaba de constituir, sciencia indispensavel para que a consciencia humana, orien-



tada pela mentalidade positiva, se emancipe d'essa miragem secular que separou o homem da comprehensão da natureza e o poz em antagonismo consigo mesmo pela duplicidade moral. As religiões da antiguidade têm sido submettidas a este criterio, decompõdo-se as suas varias épocas de elaboração, em periodo *mythico*, cultural ou *ritualistico* e doutrinario ou *theologico*; a cada uma d'estas phases corresponde um criterio especial; sem as investigações ethnicas mal se comprehenderiam os mythos das differentes raças, sem o methodo comparativo as cerimoniaes liturgieas ficavam sem sentido, sem a critica philosophica a filiação dogmatica desligada de doutrinas anteriores seria sem connexão historica, e por isso uma revelação privilegiada a um individuo ou a um povo. A critica negativa do seculo XVIII está substituida pela seriedade do methodo historico-comparativo pelo qual se procura comprehender a origem e transformações do grande factõ psychologico e social das Religiões: assim como a linguaagem não é uma creação dos grammaticos, a Religião não é um productõ dos padres. Emquanto o grammatico discute desesperadamente as bellezas e superioridade de uma lingua classica sobre a lingua vulgar, o philologo aprecia com o mesmo



interesse scientifico tanto a linguagem de uma tribu da America, como a linguagem dos cidadãos de Athenas; da mesma forma emquanto os padres deblateram para mostrarem que só a sua religião é a verdadeira, perante o criterio da Sciencia das Religiões todas são verdadeiras como factos realisados no tempo, como manifestações de certos estados mentaes da humanidade, como phenomenos sociaes que apresentam transformações bem characteristics, emfim como productos d'onde se tiram profundas deducções sobre a marcha progressiva da nossa intelligencia. A paixão proselytica está aqui substituida pela sciencia imperturbavel e serena que só elabora o lado positivo das cousas.

O Christianismo, como um facto coexistente com a sociedade moderna, não podia escapar ao processo severo mas desprevenido da Sciencia das Religiões. O estado actual do espirito humano tendo substituido as crenças por opiniões demonstraveis, procura estabelecer a sua unanimidade não na catholicidade de uma vaga aspiração, mas no accordo de uma verificação da sciencia. É por isso que as Religiões vão ficando sem destino, e decahindo como acontece no phenomeno physiologico da atrophia dos órgãos cujo exercicio já não é

\*



preciso. Desde que o Christianismo deixou de produzir a unidade moral dos povos modernos, (protestantes, schismaticos, velhos catholicos e syllabistas) porque a corrente da civilisação trouxe novos elementos com os quaes a Egreja não quiz, nem lhe era logicamente possivel conciliar-se, o Christianismo vac sendo despojado d'esse poder espiritual por um outro poder, o das convicções scientificas, que levam progressivamente á unidade intellectual, base de toda a harmonia nos factos sociologicos. A marcha da civilisação, pelas suas grandes descobertas historieas, pelas suas profundas revoluções politicas, pelas esplendidas applicações industriaes, tende a estabelecer o regimen scientifico como a unica fonte d'onde hade dimanar o novo poder espiritual que tende a harmonisar em um mesmo intuito os agentes complexos do progresso humano. O poder espiritual do Christianismo está quebrado, e o poder espiritual da Sciencia ainda não está reconhecido nos costumes; as leis civis ainda se subordinam a sacramentos, os actos politicos ainda invocam destinos providenciaes. Contribuir para quo passe um tal estado de anarchia moral deve ser um dos trabalhos mais serios de todo o homem que pensa, e essa anarchia só se poderá extinguir auxiliando



a dissolução do poder que tende a ser eliminado pela propria evolução da sociedade, fazendo com que mais cedo se reconheça esse outro poder que nos vem não de uma tradição morta e transmittido já sem sentido, mas da actividade da vida intellectual no seu esforço de conhecer o condicionalismo do meio cosmico e de determinar-se conscientemente. Aplicar os processos seientificos da comparação ethnographica e historica ás origens do Christianismo, mostrando os seus elementos primitivos e essenciaes no fetichismo tellurico do sacrificio de um adolescente para applacar a divindade, transformados no polytheismo árico, vedico, e no mithraismo medo-persa d'onde provieram as ideias messianicas dos Judeus, emfim estudar separadamente a parte cultual, doutrinal e mythica, segundo as épocas da mutua assimilação no mundo greco-romano e medieval, é talvez o facto mais importante onde os dois poderes se encontram de frente na grande lueta da emancipação da consciencia.

Alguns padres da Egreja, como Jeronymo, Agostinho e Justino Martyr, querendo demonstrar a divindade do Christianismo, fortificaram as suas origens collocando-as entre as crenças populares ou derivando-as da perpetuidade das tra-



dições humanas; mas aquillo que para elles era uma prova de um caracter divino, torna-se hoje uma condição humana de relatividade, de transformação evolutiva, que a Sciencia das Religiões procura por meio do seu criterio ethnologico. A profunda ramificação dos elementos polytheistas nas raças da Europa derivados dos mythos vedicos e do magismo persa, bem como a persistencia de uma vasta camada de superstições das raças ante-historicas do nosso continente, explicar-nos-ha a rapida propagação do Christianismo em Roma, nas Gallias e na Hispania, na Bretanha e na Allemanha. Sam Jeronymo presentiu esta cooperação assimiladora das classes inferiores, quando separou a formação ou systematisação dos hellenistas: «*Ecclesia non de Academia, sed de vili plebecula orta est.*» Compete hoje á Sciencia das Religiões investigar estas origens ethnicas do Christianismo, remontando-nos não só ás formas religiosas inferiores do fetichismo e do polytheismo, que ainda se conservam de mistura com os principios os mais abstractos no culto das reliquias, no baptismo ou na forma da expiação, mas tambem aos logares onde essa corrente de um mysticismo proselytico se derivou, tansformando-se de uma sensualidade orgiastica em um idealismo doentio.



Santo Agostinho, um dos principaes systematisadores do Christianismo, chega a enunciar, com outro intuito já se sabe, esta falta de originalidade da religião naseente: «*Res ipsa, quæ nunc Religio christiana nuncupatur, erat apud antiquos, nec defuit ab initio generis humani, quousque Christus veniret, quæ jam erat, cæpit apellari christiana.*» (Retrattationes, I, 13.)

As palavras de Sam Agostinho, nas Retrattações, podem ser ampliadas com a auctoridade de Sam Justino, martyrisado em 167, com relação á progressão crescente do Christianismo: «Não ha povo entre os Gregos, nem entre os barbaros, nem em alguma raça de homens, quaesquer que sejam o seu nome e character, por mais ignorante que possa ser nas artes ou na agricultura, quer habite em barracas ou em carros nomadas, não ha povo, dizemos, que não dirija ao nome de Jesus crucificado orações ao pae e ao creador do universo.» (1) Por certo que Justino Martyr não se podia referir aos effeitos immediatos de uma propaganda restricta e recente, mas sim ás innu-

(1) Divi Justini, *Opera*, p. 211. Apud Beugnot, *Hist. de la destruction du Paganisme en Occident*, t. II, p. 188.



meras analogias de mythos orgiasticos e doutrinas proselyticas com as formas cultaes e com os dogmas christãos. De facto entre os povos barbaros achava-se a victima humana, sem patria, (*Guesa*) votada ao sacrificio desde criança, o filho da Meriah, como entre os Konds; essa victima, no polytheismo syro-phenicio, era um joven morto na flôr da idade, e que resuscitava, ou como no mytho medo-persa de Mithra, era um mediador de Deus que vinha libertar as almas da morte pela resurreição; a moral christã estava formulada nos philosophos gregos, os pythagoricos, os orphieos, os neo-alexandrinos; e as praticas cultuaes derivadas da seita dos nazarenos achavam-se entre os gymnosophistas, entre os essenios e therapeutas. O Christianismo foi o resultado de uma transformação metaphysica da tradição religiosa, sendo apenas um syncretismo informe de todos os elementos proselyticos que o precederam. Nascido d'esse syncretismo, a religião echristã conservou sempre esse character, propagando-se em Roma já pela confusão com o judaismo, já pela confusão com os ritos do polytheismo romano; mais tarde quando se tornou uma religião politica, impoz-se nas Gallias, na Allemanha, na Inglaterra assimilando a si os cultos



locaes e as superstições, deixando a cousa e mudando-lhe o nome.

Por estas tres auctoridades patrologicas, vêmos que a applicação do criterio ethnico na investigação das origens do Christianismo é um processo velho; só é novo o espirito e o methodo scientifico. Os seus resultados são surprehendedentes. Antes porém de o applicarmos, mostraremos a sua importancia scientifica traduzindo para aqui as palavras de Tylor, no bello livro das *Civilisações primitivas*, e que constituem uma clara methodologia na sciencia das religiões: «As lições da historia provam que cada crença religiosa se deriva de uma crença anterior; que em todas as epocas a religião se apoderou de um systema de philosophia que havia incorporado concepções mais ou menos superiores em doutrinas constituindo, no momento em que ellas existem, a expressão suprema do pensamento humano, doutrinas, de mais, sujeitas a modificações incessantes, copias servis de mudanças intellectuacs, quer as antigas fórmulas conservem ainda a sua auctoridade com uma significação nova, ou quer ellas sejam reformadas ou substituidas. O Christianismo fornece-nos testemunhos em apoio d'esta hypothese. Se se comparar, por exemplo, sem pensamento



reservado, a opinião das pessoas intelligentes em Roma no seculo v e em Londres no seculo XIX sobre assumptos taes como a natureza e as funções da alma, do espirito, da divindade, pode-se julgar por comparação que differenças importantes se deram na philosophia da religião e como foram aaceites pelos homens que representam em diferentes épocas os mesmos grandes princípios da fé. O estudo da ethnographia da religião, tomada no seu conjuneto, pareceo testemunhar em favor da theoria da evolução considerada no seu ponto de vista mais lato e elevado.» E particularizando mais o methodo seientifico, continúa Tylor: «O ponto esseneial, com effeito, do methodo ethnographico applicado á theologia, é de admitir as relações que existem entre todas as formas religiosas em qualquer phase da eivilisação a que estas formas possan perteneer. Estes testemunhos actuan sobre a theologia no sentido de se não poderem mais considerar a maior parte das doutrinas e dos ritos aaceitados pelas sociedades humanas como o producto directo dos systemas religiosos especiaes que os sancionam, mas como consequencias mais ou menos modificadas de opiniões tomadas de systemas anteriores. O theologo estudando por seu turno cada um dos elementos



que constituem a crença ou o culto, deve primeiramente determinar o logar que occupa este elemento no systema geral da historia da religião. Se a doutrina ou o rito discutido parece provir de uma phase anterior do pensamento religioso, precisa assegurar-se, como se faria para qualquer outro ponto da civilisação, do logar que occupa, da parte que representa na evolução geral da religião. Importa investigar a qual das tres cathogorias seguintes pertence: É um producto de uma theologia anterior, producto assás sensato para desempenhar um papel util em uma theologia subsequente? É una derivação de um pensamento primitivo e grosseiro, que se modificou o bastante para representar fielmente ainda ideias mais avançadas? É uma forma persistente de um estado de civilisação inferior, mas impondo-se em uma phase superior, não em virtude de una verdade inherente mas em virtude da tradição?—O enunciado simples d'estes problemas sugere vastas investigações; os espiritos, sem reservas, deveriam proseguil-o com tanto mais ardor quanto da solução dos problemas que d'elles implicam depende a descoberta da verdade na medida compativel com a condição intellectual da nossa epoca. O estudo scientifico das ideias religiosas parece ser,



durante muito tempo, o assumpto principal para o qual se voltarão os esforços do pensamento humano; ora, importa não deixar aos theologos, aos metaphysicos, aos biologistas, aos physicos, unicamente a solução dos problemas que esse estudo comporta. É ao historiador, ao ethnographo que compete demonstrar o que ha de hereditario em cada opinião e em cada costume, e importa que a sua investigação, a proposito de cada um d'estes factos, remonte aos vestigios afastados que deixaram nas sociedades antigas ou selvagens; por que effectivamente, não ha pensamento humano tão primitivo que deixasse de influenciar nos nossos proprios pensamentos, nem tão antigo que se haja quebrado toda a relação com a vida moderna.» (1)

Sem estas claras indicações da methodologia proposta por Tylor, seria impossivel comprehender a necessidade da investigação das origens fetichistas do Christianismo; e espiritos bastante lucidos, como Emilio Burnouf, caíram em miragens historicas por causa de aproximações e interpretações prematuras. Procurando o que ha de

(1) Tylor, *Les Civilisations primitives*, t. II, p. 578 a 580.



persistente de uma civilização inferior conservado pela força da tradição no Christianismo, vemos o seguinte facto central, em volta do qual se vão adaptando os productos mythicos, cultuaes e dogmaticos: *Uma Divindade, que se applaca pelo sacrificio expiatorio de um Innocente.*

Este dogma, separado de todas as suas allegorisações polytheistas, apparece com toda a sua pureza concreta entre os povos selvagens ainda no estado de um atrazado fetichismo.

Essa divindade fetichista é a terra, *prima deorum Tellus*, como lhe ehamou Virgilio, a qual, quer entre muitas tribus da Africa, quer entre as raças da America, ou entre os povos que prece-deram as civilizações árica, semitica, hellenica e romana, foi o centro de elaboração do culto chtoniano, primeiramente sanguinario, pelo sacrificio do *macho* como mais agradavel á divindade feminina, e pelo sacrificio do *pastor* como odiado pela raça agricola, que exercia esses tremendos ritos propiciatorios para que a terra produzisse; e depois, sensual pela idealisação das forças telluricas como um *kteis* ou utero fecundo. D'estas duas phases do culto chtoniano, o culto pelo sacrificio do homem, existiu entre os Arias e Semitas, pelo menos emquanto não modificaram pelo



seu contacto as raças selvagens com que tiveram de cohabitar, conservando apenas alegorias a esse antigo costume; a segunda phase, a da adoração da Terra como um *kteis*, deu lugar a uma profunda elaboração theologica e metaphysica entre os povos da Asia anterior, especialmente os de civilização accadica, onde as divindades femininas como Anath, Istar, Belit, influiram no desenvolvimento das Deusas-Mães, ou as Virgens-Mães dos povos semitas, propagando-se como uma nova crusta religiosa para a Grecia através da Asia-Menor, e para a Italia e occidente europeu pela civilização phenicia. Esta propagação religiosa dos cultos chthonianos e phallicos vem produzir uma revivificação momentanea do polytheismo hellenico e italico, na Grecia levando á concepção do sacrificio do homem como uma *mediação* e como um symbolo eschatologico, e no resto da Europa occidental uma revivescencia dos idolos e cultos das Deusas-Mães, as Virgens fecundas, as Venus italicas, que tanto facilitaram a implantação do Christianismo pela adopção da Virgem-Maria. O Christianismo formando-se quando se dava esta revolução moral no mundo, quando a Asia reagia ás invasões de Alexandre e de Pompeio, lançando sobre o occidente a sua fascinação



orgiastica, esse producto trouxe o caracter do meio em que foi produzido, o syneretismo d'esse momento historico aecidental, e uma facil adaptação aos novos meios mentaes e moraes em que se propagava; é por isso que o vêmos na Asia anterior tomar como base a forma orgiastica do saerificio do homem, na Grecia desenvolver-se dogmaticamente sobre as noções eschatologicas do orphismo, e absorver o resto do Occidente aproveitando-se dos cultos das Virgens-Mães, e ritos ehtonianos, cuja sensualidade muitas vezes conservou. Levantar estas erustas religiosas é reduzir o problema complexissimo á sua simplicidade, e é por isso que preferimos a ordem logica, investigando primeiro o culto da Terra, como nucleo d'onde se derivarão as outras formas.

É pelo criterio ethnico, tão essencial como o presentiu Tylor na sciencia das religiões, que o culto da Terra pode ser bem comprehendido; existem dois systemas de religiões bem distinctos, o culto da Terra como centro de elaboração dos productos da natureza, ou o *Chthonismo*, e o culto do Céu, como centro das energias fecundantes, o *Siderismo*. Estes dois systemas não apparecem de um modo exclusivo em nenhum povo conhecido pelos documentos da sua civilisação ou pelas re-



lações dos viajantes, quer nas épocas historicas, ou entre as tribus barbaras actuaes; encontra-se uma synthese espontanea, em que o culto do Céu se confunde com o da Terra, em que as duas concepções antropomorphicas das energias da natureza masculina e feminina se confundem na representação symbolica do kteis e do phallus. Isto leva a uma miragem mental, em que se imagina o culto da Terra posterior e derivado do culto do Céu, (1) ou este ultimo separado do primeiro pelo desenvolvimento subjectivo do espirito impulsionado pela causalidade; (2) estudadas estas manifestações fetichistas fóra do seu conditionalismo ethnico ou social, a questão torna-se insolúvel, sobretudo quando as grandes raças historicas, como os arias e os semitas e mesmo os povos comprehendidos sob o nome de turanianos, foram especialmente sideristas, distinguindo nas suas adorações o elemento feminino nos astros. Estudados porém estes systemas religiosos sob a acção immediata do meio cosmico, e segundo a constituição e actividade do meio social, o siderismo proto-semita e arico tem a sua razão de ser

- (1) Girard de Rialle, *Mythologie comparée*, I, cap. x.  
(2) Baisac, *Origines de la Religion*, I, 132.



na zona geographica quo occuparam estes povos e na sua primeira actividade pastoral; á medida que assimilaram a si as raças agricolas, e que o progresso d'essas sociedades fez recorrer á exploração agricola, então a Terra começou tambem a ser adorada, como esposa do Céu, e como fceun-dada por elle.

O culto chthoniano, ou da Terra-Mãe, como separada do culto do Céu, ou do siderismo, só podia existir em um povo essencialmente agricola, dado aos trabalhos da terra, em deltas humidos, e em um regimen social bastante rudimentar, sobretudo em que preponderasse o hetairismo ou o regimen da maternidade. Sabe-se que a separação entre povos *agricolas* e povos *pastoraes* não é uma distincção artificial; o mytho de Caim e Abel, um agricultor outro pastor, as luetas dos primeiros Arias com os negros trabalhadores da terra ou os echristnas, equiparados aos Rakehasas que perturbavam os sacrificios, mesmo a distincção entre as raças uralo-altaicas dos trabalhadores da terra e dos metalurgistas, se nos revelam grandes conflictos de raças, explicam tambem como por estas differenças de trabalho a especulação religiosa se fez sobre os objectos em que se exerceu a actividade de cada povo; os po-



vos pastoraes foram essencialmente sideristas, não só pela ociosidade da sua condição de vigilância e nomadismo, como pela independencia dos accidentes meteorologicos; os povos agricolas, assistindo constantemente aos phenomenos da vegetação, observando as forças productivas da Terra, pela simples idealisação animista fizeram d'ella um fetiche, primeiramente de uma força neutra, sem sexo, depois uma Deusa-Mãe, conforme a noção dirigente do regimen social. Nos povos *sidericos*, mais avançados por se haverem apoderado pela força dos povos chtonianos, a concepção religiosa é do Deus-masculino, symbolisado na sua energia pelo Phallus; e esta concepção explica-se pela derivação do estado da organização social em que preponderava o regimen do pac ou o *estado patriarchal*, o que se reflecte de um modo passmoso na tendencia das diversas manifestações polytheistas a subordinarem-se a um Deus-Padre, a um Ancião, circumstancia que tem influido na miragem intellectual dos eruditos que sustentam a existencia de um monotheismo inicial e portanto de uma revelação. O criterio ethnico esclarece estes phenomenos aparentemente tão complicados; o culto feminino não pode existir onde a mulher occupa uma posição de escrava, e é por isso que



a concepção da força criadora, além do phallus, é representada pela *mão*, como symbolo do poder transformador egual ao de criador. Nos povos semitas onde o regimen patriarchal predominou sempre, a mão representava o poder de Jehovah, como na sociedade patricia de Roma *in manu* era a fonte de derivação dos direitos civis, como na sociedade dos eupatridas da Grecia a *mão*, como se vê pelo mytho de Chiron, significava a invenção das industrias.

Portanto a condição social dos povos é que explica as origens da sua concepção religiosa; a sociedade pastoral e patriarchal foi precedida no desenvolvimento humano pela sociedade agricola. Os primeiros que souberam communicar a mutua necessidade da defeza, fixaram-se em logares seguros, como todos os Deltas, e fecundos para a cultura agricola por serem formados com os detritos organicos e siliciosos que constituem o solo humoso; n'esses logares seguros como os Deltas da Chaldêa, ou do Nilo, ou de outros já extinctos pelos novos relevos que tomou o nosso globo, a vida sedentaria obrigada exerceu-se no desenvolvimento da domesticidade dos animaes, como o boi, o cavallo e o eão. Nos mais antigos documentos archeologicos do homem pre-historico, acha-se

\*



o trigo, como prova do seu trabalho agricola, e esqueletos dos animaes ainda hoje ligados á nossa domesticidade; pode-se portanto logicamente inferir, que sem o homem haver primeiro conseguido a domesticidade, o que se faz nos animaes á custa de tempo e de hereditariedade, não podiam existir rebanhos guiados pelo homem e submettidos á sua exploração. É da industria agricola que se hade deduzir o typo o mais antigo das sociedades humanas caminhando para a civilisação; n'essas sociedades rudimentares a mulher vive em união indistincta, em um hetairismo, exactamente com o caracter que então conserva a propriedade tambem em commun. O regimen da maternidade, como o esboço da familia primitiva, explica-se pela forma da aggregação social; a propriedade sobre que trabalha essa sociedade agricola não têm dono, pertence á comunidade, e da mesma fórma a mulher. Nas sociedades modernas, apesar da sua alta noção juridica, ainda existem formas de propriedade ligadas á condição da mulher, como regimen dotal e bens paraphrenaes: É por isso que na investigação dos phenomenos sociologicos primitivos, a religião, a familia e a propriedade, nenhum d'elles pode ser bem comprehendido se for estudado isoladamente, sem a acção



modificadora de cada um sobre os outros. O homem faz o deus á sua imagem; assim como o Amenti do Egypto era uma eopia do solo agricultado, e assim como os deuses tem paixões pessoaes, assim o estado social se reflecte nas formas da concepção que o homem faz da divindade representando coneretamente a noção abstracta. Em uma sociedade no regimen agricola, o deus-fetiche, concepção já superior de uma força, que produz e que transforma, é a Terra; e como n'essa sociedade a terra é ainda commum, e por consequencia a mulher é tambem commum, todos os laços sociaes que tendem a estabelecer-se vem pelas mães, e é por isso que n'essa aggregação de industria agricola e de regimen de maternidade ou de *hetairismo*, a primeira diseiplina de parentesco faz-se pela linha feminina, e a divindade Terra é a representação de uma força feminina. Na sociedade grega, os grandes conflicts sociaes, como notou Aristoteles e Polybio provinham da desigualdade territorial, e o vestigio d'esse eommunismo primitivo acha-se na persistência do *hetairismo* mesmo no seu periodo do esplendor atheniense; em Roma, a plebe é a representante do regimen da maternidade das tribus italicas, e essa plebe sempre em lucta eom o patriciado, assim como tem o *concupinatus*, tam-



bem aspira constantemente á egualdade da divisão da propriedade nas propostas das leis agrarias. Tanto na sociedade grega como na romana, os cultos da Terra-Mãe representam a existencia de uma camada ethnica ante-historica, e de uma organização social supplantada por um novo regimen patriarchal ou de paternidade. Entre os povos a que se dá o nome de Turanianos persistiu mais do que em nenhum outro o regimen da maternidade, e o fetiche da Terra-Mãe, tendo desaparecido, ainda conserva o titulo da *Velha*, Akka, talvez o mesmo vestigio da superstição popular europêa da *Velha* que é serrada na festa de maio, e nos *dias da Velha* da locução arabe. O fetiche da Terra-Mãe, produzindo tudo por si, independentemente da energia masculina, ou a Virgem-Mãe, especie de entidade neutra, só podia formar-se em uma sociedade humana constituida no regimen da maternidade, e de exclusiva actividade agricola: a Terra era então a mãe de tudo o que existe, sem conhecer esposo. (1) Esta noção primordial acha-se no Egypto em *Neith*, isto é, em um delta onde existiu a agricultura, vindo essa

(1) J. Baisac, *Origines de la Religion*, I, 88, 116.



sociedade primitiva a ser escravizada pelos kuschitas; o culto de Isis, uma verdadeira Virgem-Mãe, desenvolveu-se com a nacionalidade, e quando os cultos sideraes preponderaram na religião official, Neith, era a Virgem-Mãe, o espaço, o meio celeste onde Râ ou o sol renascia. No delta da Chaldêa, tambem se creou o culto da Terra, a deusa *An*, e *Anath*, anterior mesmo ás camadas turanianas e kuschito-semitas, que lhe misturaram as formas da sua actividade social, apparecendo nas religiões chaldeo-babylonicas as divindades femininas harmonisadas com as entidades masculinas, e preponderando sobretudo o acto da geração como o typo de toda a creação divina. Em uma sociedade pastoral, o desenvolvimento dos rebanhos, e a influencia do calor levam a dar á força productora a forma concreta de pae, e o symbolo phalico como meio da creação. O culto da Virgem-Mãe, entre os povos kuschito-semitas tornou-se sensual e phalagogico, sendo a forma do culto a prostituição sagrada, e as grandes festas essa hallucinação orgiastica, como a festa de *Succoth* em Babylonia, em honra de Anaitis, a *Sakea*, do Ponto, a festa dos Tabernaculos entre os Judeus; as cavernas mithriacas, os bosques religiosos, e os agapes christãos ligam-se a esta ca-



deia tradicional de costumes que se transformam inconscientemente; as festas de Anna Perena, em Roma, tal como as descreve Ovidio, são como as orgias sagradas da Succoth de Babylonia. Assim o culto da Terra teve as suas duas formas tanto em Babylonia, como na Grecia e em Roma, de Virgem-Mãe, e Virgem-Meretriz, predominando este ultimo character nos povos organisados em sociedade patriarehal, e que possuíam como elaboração propria os cultos sidericos e solares. No Egypto, em que Isis, segundo Plutarcho, é a Terra, Osiris é o seu esposo, que morre e resuscita como em todos os mythos solares. A civilização mediterranea desenvolvida pelos Phenicios, e propagada pelo occidente europeu, fez com que se vulgarissem entre os antigos habitantes da Europa os cultos orgiasticos das Deusas-Mães, na sua forma da prostituição sagrada; e as relações da mythologia grega com estes cultos orgiasticos por via da Asia Menor, veiu dar ao seu naturalismo um novo vigor poetico, e um fervor cultual que se extinguiu. As Deusas-Mães dos povos italicos tambem se renovaram n'esse sensualismo orgiastico pelas guerras carthaginezas, e pela conquista da Grecia e invasões da Asia. Sobre esta extraordinaria phase religiosa, que precedeu o chris-



tianismo, e que preparou os espiritos para a sua assimilação, transcrevemos aqui as palavras do illustre archeologo George Perrot, no seu estudo dos *Elementos phenicios da Civilização grega*: «Na decadencia do mundo antigo, na perpetua elaboração do pensamento religioso sem cessar occupado em modificar as suas concepções, as figuras dos deuses olympicos que o genio grego criara com contornos tão firmes e tão nitidos, acabam por se resumir em simples attributos da divindade suprema; essas figuras esvaem-se, e o polytheismo volta ao pantheismo. A Deusa-natureza da Asia, n'este periodo adquire todo o seu valor, todo o seu imperio sobre as imaginações; fecha o cyclo que abrija um milhar de annos antes. Era ella que, sob os nomes de Deusa syriaca, de Rhea, de Artemis de Epheso, de Isis e de Tiché, estava senhora do mundo greco-romano, no tempo em que o christianismo começou a inspirar aos pagãos apprehensões serias.» (1) Esta forma do culto da Virgem-Mãe propagada da Asia anterior, é sensual, e particularmente kuschito-semita; penetrou na Grecia e sobretudo em Roma

(1) *Rev. des Deux-Mondes*, 1879, t. xxxiii, p. 413.



e povos italicos pela sua organisação hetairista primitiva ligada aos eultos chthonianos. Esta transformação orgiastica do culto da Virgem-Mãe, facilitou a propagação das doutrinas do Mithriaismo ou do sacrificio propiciatorio de um mediador, e por um lado se a noção do fetiehe Terra decaiu, o sacrificio material do homem á terra elevou-se até a uma allegorisação e abstracção philosophica, o que coadjuvou a propagação do christianismo que se apropriou dos symbolos mithriacos. Na critica das origens importa separar estes dois dados constitutivos, o da *Virgem-Mãe* e o do *Sacrificio do Homem*, pela influencia que a tradição chthoniana da Terra teve no paganismo occidental para a completa assimilação do christianismo. Em todo o occidente da Europa eram numerosos os templos á Virgem-Mãe, especialmente designados da *Mãe de Deus*, sobre colinas, com bosques sagrados, cavernas ou *lapinhas e fontes santas*; no tempo de Sam Martinho ainda estava no seu vigor nas Gallias o culto de Cybele, <sup>(1)</sup> e todos estes elementos fetiehistas do culto da Terra

(1) Beugnot, *Hist. de la destruction du Paganisme en Occident*, I, 302.



se conservaram na devoção da Virgem-Maria, syncrétisando-se artificialmente pelo esforço da propaganda proselytica. Como o culto da Virgem Maria foi apropriado ao Occidente, escreve Beugnot: «Em verdade misturaram muitas vezes á adoração de Maria estas idcias pagãs, estas vãs praticas, estas superstições ridiculas das quaes parecia não poderem separar-se, mas a Egreja rejubilava-se vendo-as entrar no seu seio, porque lhe seria facil com o tempo expurgar estas fézes de un culto cuja essencia era a pureza mesma.» (1) O processo de sublimação consistiu em tirar todo o caracter de maternidade a Maria, em eliminar-lhe esse lado poetico da *Mater-dolorosa*, que inspirou ao povo o sentimento que penetrou na egreja na augusta sequencia do *Stabat*; em separal-a da humanidade pelo immaculatismo, e em fazer por ultimo uma *poupée*, não obstante a persistencia do costume fazer apparecer nas *grutas* (Saletc) ou em *fontes* (Lourdes) o mesmo typo derivado da superstição chthoniana. O fetichismo da Terra-Mãe, ainda hoje tem nos costumes europeus a maior parte dos seus elementos primiti-

(1) Idem, op. cit., t. II, p. 271.

vos, taes como o culto das *montanhas* (Calvario, Carmello, e os Puy, onde se collocam estatuas collossaes da Virgem,) o culto das *cavernas*, ou o kteis (Belem, e o presepio, grutas milagrosas, ca-tacumbas, e as lendas da descida aos infernos, de Tundal, de Sam Patricio), o culto das *fontes santas* e rios (Jordão, e todos os tanques junto de uma arvore, pias baptismaes), o culto das *arvores*, prohibido no tempo de Carlos Magno, (persistente na lenda do paraizo, arvore do Bem e do mal, nas varas ou fascinus, nas raizes phallicas ou mandragoras, nas hastilia das sete dores, na lança do Centurião;) por fim o culto das *pedras*, dos menhirs levantados por toda a Europa, (nas picotas de forma phallica, na superstição de revolver penedos por mulheres chamadas Maria, e nas virtudes da pedra de ara.)

Todos estes elementos persistentes são peculiares do culto da Terra-Mãe, e por isso pode-se dizer que nos primeiros seculos do Christianismo, a nova religião tornou-se quasi que exclusivamente da Virgem-Mãe. Escreve Beugnot na sua obra da *Historia da destruição do Paganismo no Occidente*: «Depois do Concilio de Epheso, as egrejas do Oriente e do Occidente apresentaram á adoração dos fieis a Virgem Maria, que saira



victoriosa de um violento ataque. Os povos ficaram como que deslumbrados pela imagem d'esta Mãe-divina, reunindo na sua pessoa os dois sentimentos os mais doees da natureza, o pudor da Virgem e o amor da mãe, emblema do doçura etc. Elles acolheram este culto novo com um entusiasmo ás vezes excessivo, pois que para muitos christãos este culto tornou-se o christianismo inteiramente. Os pagãos nem tentaram mesmo defender os seus altares contra os progressos do culto da Mãe de Deus, abriram a Maria os seus templos que tinham fechado a Jesus Christo e se confessaram vencidos.» (1) Por outra passagem já citada vemos que lhe misturavam superstições, isto é os cultos das Deusas-Mães syro-phenicias e heleno-italicas; a prova temol-a como os templos das Minervas, de Venus e de Ceres se apropriavam insensivelmente com todos os seus ritos orgiasticos ao culto da Virgem Maria, e como os nomes das primeiras mulheres que soffreram pelo christianismo tinham especialmente nomes tirados da effectividade da crença nas Deusas-Mães. Transcreveremos primeiramente una nota de Beugnot:

(1) Op. cit., t. II, pag. 271.



«Entre uma multidão de provas escolho uma só para mostrar com que facilidade o culto de Maria varreu diante de si todos os restos do paganismo que cobriam ainda a Europa. Apesar da prédica de Santo Hilarião, a Sicilia permaneceu fiel ao antigo culto. Depois do concilio de Epheso, nós vêmos os seus oito bellos templos pagãos tornarem-se em um curtissimo tempo egrejas sob a invocação da Virgem. Estes templos eram: 1.º o templo de Minerva, em Syracusa; 2.º o templo de Venus e de Saturno em Messina; 3.º o templo de Venus Erycina, sobre o monte Eryx; passava por ter sido edificado por Eneas; 4.º o templo de Phalaris em Agrigento; 5.º o templo de Vulcano junto do monte Etna; 6.º o Pantheon em Catana; 7.º o templo de Ceres na mesma cidade; 8.º o sepulchro de Stesichoro. (Vid. Aprile, *Cronologia universale della Sicilia*, p. 601) Os annaes ecclesiasticos de cada paiz fornecem testemunhos semelhantes.» (1) Na iconographia christã, encontra-se tambem a imagem da Virgem isolada, como as Deusas-Mães. (2)

(1) Beugnot, p. cit., t. II, p. 271.

(2) Abb. Martigny, *Dicc. des antiq. chrét.*, p. 659.



Muitas vezes os nomes de pessoas usados na sociedade civil são tomados dos personagens dos poemas e novellas que mais seduzem a imaginação de uma época; os nomes dos heroes da Távola Redonda foram communs na Europa do fim da idade media e até se encontram na aristocracia portugueza do seculo XIV e XV; um facto analogo se dá com os nomes dos primeiros christãos conservados nas inscripções, nas actas dos martyrios e nos escriptores ecclesiasticos: esses nomes são tomados dos cultos das Deusas-Mães helleno-italicas e syro-phenicias. Os nomes de *Artemisius*, *Artemeicia*, *Cerealis*, *Demeter*, *Demetria*, *Dianesis*, *Cinthia*, *Martia*, *Minervia*, *Minervinus*, *Palladia*, *Urania*, *Uranio*, *Venere*, *Venerius*, *Venerigine*, *Aphrodisias*, figuram nas inscripções como de martyres do Christianismo, e ao mesmo tempo significam a orientação religiosa da sociedade polytheista de que saíam, principalmente as mulheres que achavam a analogia entre os novos ritos e os cultos phalicos que substituíam (1). Nos nomes de homens apparecem com frequencia os dos deuses orgiasticos, que tambem

(1) Abb. Martigny, *Dicc. des Antiquités Chrétiennes*, p. 446, onde se acham citadas as inscripções e actas.



morrem prematuramente e resuscitam, e de deuses solares, como *Apollo*, *Apollinaris*, *Apollinaria*, *Apollonius*, *Phæbes*, *Bacchus*, *Bachus*, *Dionysius*, *Dionysia*, *Herculanus*, *Heraclius*, *Satyrus*; este uso frequente dos primeiros christãos explica a transição do naturalismo para o mithriacismo e dois seculos depois para o Christianismo.

O proselytismo das mulheres era o caracteristico das novas doutrinas; em Minutius Felix, acha-se consignada a observação dos receiosos polytheistas: «Os christãos escolhem os seus proselytos na escoria do povo, e entre as mulheres credulas.» As theorias equalitarias e a communhão da propriedade indistincta lisongcava esse elemento degradado de uma sociedade onde a tradição mantinha o bem estar de uma classe privilegiada sobre a servidão do maior numero. Bastava a aspiração communista para ligar as classes servas ao culto secreto; é por isso que os escriptores pagãos conheciam que as doutrinas dos christãos minavam as bases da sociedade. As mulheres achavam na religião nova uma seducção emocional, sobretudo pelo culto das Deusas-Mães da tradição polytheista, de que o Christianismo se apropriara, fortalecendo-se por meio de um heitairismo religioso. A concepção da Terra Vir-



dres da Igreja ainda as fixavam por meio das discussões com os philosophos greeo-romanos, e em uma forma dialectica inacessivel ao vulgo. Portanto podemos concluir com Tylor, adoptando em relação ao culto da Virgem-Mãe, que «É uma forma persistente de um estado de civilização inferior, mas impondo-se em uma phase superior não em virtude de uma verdade inherente mas pela força da tradição.»

A fusão dos cultos chthonianos com os cultos sidericos deu-se de um modo completo entre os semitas; eustou a assimilar-os no polytheismo arieano, conforme a fusão d'essas raças progressivas com as raças selvagens com que tiveram de cohabitar. O *sacrificio do homem* proveiu do culto da Terra, como mais tarde o Deus mediador nasceu da *Virgem-mãe*; porém o progresso de um mytho havia de influir sobre a outra concepção fetichista, elevando-a da sua brutal forma conereta á allegorisação digna de um estado social mais adiantado. O culto das cavernas, que influuiu na formação mythica do mundo subterraneo do Hades, do Scheol, do Amenti, dos Elysios, do Limbo, liga-se insensivelmente ao culto siderico, em que o Sol todos os dias se sóme como para se renovar no kteis tellurico; os deuses solares deseem ao



mundo subterraneo, como Baccho para trazer Semcle, Orpheu a Eurydice, Hercules para agarrar o cerbero, Ulysses, e Christo segundo o Evangelho apocrypho de Nicodemus. Bastam estes factos para se conhecer por onde se estabeleceria o syncretismo dos dois systemas religiosos. Remontando-nos outra vez ao estado do fetichismo chthoniano, podemos dizer que o *sacrificio do homem*, quer na forma mithriaca ou christã, é segundo a applicação critica do aphorismo ethnico de Tylor: «uma derivação de um pensamento primitivo e grosseiro, que se modificou bastante para representar fielmente ainda ideias mais avançadas.» Entremos na demonstração d'este aphorismo, examinando o culto da Terra, na parte em que se observa o rito propiciatorio do *sacrificio do homem*, ainda sem vestigio de interpretação, e anterior á concepção mythica de Deusa-Mãe.

A concepção religiosa não é um producto espontaneo e primario do cerebro do homem, para se poder por ella fazer um character anthropologico, como pretendeu Quatrefages, designando-o pelo nome de *religiosidade*; a concepção religiosa a mais rudimentar é profundamente complexa, e cabe a Tylor a gloria de ter determinado os ele-



mentos espontaneos que se desdobraram na criação do fetichismo. Esses elementos derivam-se todos do *animismo*; no seu ponto de vista pessoal, o homem nas suas especulações primitivas attribuiu uma alma a todas as cousas, aos animaes, ás formas da natureza bruta, e aos proprios objectos produzidos por elle, como a setta, a lança, etc., costume que nos ficou ainda na linguagem figurada, inconscientemente como na epopêa de *Roland* fallando á sua espada, e artificialmente como nas nossas prosopopêas rhetoricas e nas locuções populares. Chegado a esta concepção especulativa do *animismo*, o homem achou-se interpretando o mundo á sua imagem, e por assim dizer, á entrada de dous caminhos: 1.º) pela entidade animica, que attribuia ás cousas fóra de si, foi levado a procurar um meio propiciatorio, para que essas entidades lhe fossem favoraveis, e assim criou o idolo fetichista, e d'ahi por diante todas as formas materiaes e abstractas que constituem essa grande actividade doentia das religiões; 2.º) pelas especulações sobre a sua propria força animica, veio a reduzir todas as phases do fetichismo ao typo anthropomorphico, e desprendendo-se da estreiteza cultural chegou ás noções metaphysicas de uma Psychologia, que foi

\*



a base das primeiras philosophias na India, na Grecia e ainda na idade media.

O meio propiciatorio, foi a necessidade que provoeou a transição da especulação *animista* para a formação material do fetiche; por isso presentiu admiravelmente Lucrecio, que foi o terror quem inventou os primeiros deuses. Citemos um exemplo, por onde se veja a passagem da noção subjectiva do *animismo* para a invenção do fetiche: entre os Papus, o fetiche chamado *korwar*, é a representação da pessoa que morre, cuja alma errante é incarnada n'esse páo einzelado que apresenta o aspecto de uma cabeça humana; então a alma do morto é forçada por meio de esconjuros a vir incarnar-se no *korwar*, e só assim é que se evita todos os males que poderia produzir. (1) D'aqui se deduz, que á ma-

(1) Do *Korwar*, lêmos em uma noticia da missão scientifica de M. Raffray na Nova-Guiné: «o *Korwar*, idolo papu, é um grande bastão quadrado, minuciosamente contornado e rendilhado de lado a lado, com uma cabeça humana. Quando um individuo morre entre os Papus, faz-se fabricar uma d'estas estatuetas por um feiticeiro-artista, que, logo que acaba a sua obra, attrac a alma do defunto para o bonceco de páo por todas as es-



neira do *korwar* dos Papus, se fabrica a imagem da cousa de que se tem medo, e pela noção animica, se concebe que a alma da cousa malevola é forçada a vir ligar-se ao idolo onde se prende, e se abranda por offertas ou por esconjuros. Tal é a origem psychologica do fetiche, antes mesmo de se tornar uma phase religiosa; isto explica a incalculavel variedade das formas feticistas, a natureza esconjuratoria dos seus ritos cultuaes, o seu particularismo domestico e mesmo individual, e as suas transformações abstractas de genios domesticos, culto dos maiores ou Penates, e dos Espiritos em geral, como Anu, ou Thian, na China.

Nas raças agricolas os deuses presidem aos phenomenos que se ligam á cultura da terra; ou

pecies de encantos; o *Korwar*, assim animado, torna-se um dos deuses da familia, que n'elle reverencia um dos seus membros, um dos seus antepassados; se não se tivesse esta precaução, os manes dos mortos se transformariam em espiritos maleficos, que impediriam os vivos de fazerem boa pésea, rasgariam as rêdes, virariam os barcos, enviariam doenças e causariam uma multidão de desastres.» Ap. *La republique française du 6 juin, 1878*: (Les Missions scientifiques de la France.)



se adora o vento, ou a chuva, ou o trovão, mas especialmente o fetiche directo, e por assim dizer geral e espontaneo é a propria Terra. «Entre os Finlandezes e os Esthonianos, é á Terra-Mãe que está confiado o cuidado de fazer crescer os fructos. Egualmente entre os gregos, é um sêr analogo, *Dêmêtêr*, a terra-mãe, que preenche a mesma funcção. . . » (1) Temos aqui os dois extremos da concepção fetichista, entre os finlandezes, que pertencem a essa raça á qual tambem pertenciam os Anarias, que os ramos indo-europeus encontraram no seu caminho, e entre um dos mais importantes ramos aricos. O culto da Terra-Mãe é o mais geral em todos os povos turanianos; estudamol-o aqui simplesmente como condição para entrarmos na parte cultural do *sacrificio humano*, e da sua transformação orgiastica. Como diz Tylor, a Terra-Mãe, é uma das grandes figuras da mythologia das raças da America; os Peruvianos chamavam-lhe, adorando-a, com o nome de *Mama-Ppacha* (terra-mãe); este mesmo mytho dos Caraibas e Comanchos, adorado entre os Esthonianos, e entre os Konds, te-

(1) Tylor, *Civil. primit.*, II, 397.



ve um desenvolvimento natural ligando-se a um mytho mais abstracto o fetiche do Céu; tanto entre os antigos Seythas como entre os Chinezes, o Céu e a Terra, são o pae e a mãe de todas as cousas, como se lê no Chu-King; uma vez entrados na abstracção, a noção de divindade feminina e masculina entrou no culto, na moral e na cosmogonia. D'esses dois principios fetichistas, a philosophia chinesa deduziu o principio *feminino Yang*, e o principio *masculino, Yu*, com que fundamentou uma moral pratica. Os idolos do *lingam* e do *phalus*, que são senão esta influencia do mytho da Terra-Mãe, e do Céu, ligados em casamento, representados materialmente no culto? Onde apparecer este symbolo, deve existir um subsolo mythico do fetiche-Terra. Entre os Arias, como se vê pelo Rig-Veda, existiu o Céu-pae e a Terra-Mãe, *Dyaushpitar* (Deus-pater, e Jupiter) e *Prthivi mâtár* (Demeter). Nos costumes brahmanicos conservou-se esta concepção; dizia o noivo na cerimonia do casamento: «eu sou o Céu e tu és a Terra». Tambem entre os Romanos, dizia a noiva: «Ubi tu gaius, ego *gaia*.» Gaia, na mythologia grega, era a terra, mulher de Uranos. E nos costumes anglo-saxões, existiu a saudação: «Salve, Terra, mãe dos Homens» ve-



stigio de uma concepção cosmogonica proveniente de mythos telluricos. Diz Tylor: «Entre as raças tartaras da Asia septentrional, a divindade da Terra representa uma parte consideravel e bem definida. Assim entre os Tongusses e entre os Burrettes, a Terra é collocada entre o numero das maiores divindades.» (1) Este mesmo culto se acha nas tribus indigenas da India, e além dos Konds, que adoram a Terra, ou *Bella-Pennu*, acha-se nas tribus bygag de Seonee, com o nome de *Dhurteemah*, a Terra-Mãe. Tudo prova que as raças aricas encontraram este culto entre as tribus indigenas que assimilaram na sua constituição social, como vemos pelos costumes e por varias dissidencias religiosas. O culto do sol, ou do fogo, facilmente se syncrretisava com este mytho da Terra, tendendo para modificar-se em divindade feminina. O sacrificio a *Hertha*, entre os povos germanicos, era já considerado por Tacito como derivado do feticho da Terra; e sabe-se que a raça germanica encontrou na Europa a raça scythica com que chegou a fusionar-se, e de quem recebeu a côr ruiva dos cabellos. A indicação d'este mytho

(1) *Civil. primit.*, II, 352.



tellurico entre diversos povos, conservando-se puro entre as raças selvagens, e persistindo em costumes já não compreendidos em raças civilizadas, tem o valor de mostrar a unidade de diferentes cultos, diversificados conforme a concepção do mesmo mytho. Umhas fórmhas cultuaes levaram ao sacrificio da virgindade, e á conservação do fogo procreador como vemos pela instituição das vestaes entre algumas raças indigenas da America, e em Roma; por outro lado á prostituição sagrada nos cultos orgiasticos.

Uma outra fórmula preponderante no Mexico e nas raças indigenas da India, é o sacrificio do macho á divindade feminina, como seu antagonista, e por isso a vietima que lhe é mais agradavel. Uma vez considerada a Terra como um fetiche feminino, o sacrificio tornou-se principalmente de uma criança, educada para esse dia; a compra do innocente, faz-nos lembrar o preço do sangue, (*trinta dinheiros*) e essa condição era essencial para o effeito propiciatorio; a criança era por assim dizer predestinada para esse grande dia, a epoca das sementeiras, e em casos anormaes por occasião de um regosijo publico ou por motivo de alguma calamidade geral. A *Ops Mater* (Festo) entre os Romanos, e *Hertha* (Taeito)



entre os Germanos, são os vestígios d'esta concepção feminina do fetiche Terra em dous grandes ramos indo-europeus, onde tambem se encontra o sacrificio de victima humana; tanto na religião grega como romana esta ordem de sacrificios achase allegorisada ou substituida, quer por imagens quer por animaes. Pausanias descreve como os sacrificios humanos foram substituidos na Grecia por algumas gotas de sangue; este processo repetiu-se entre os Esthonianos; e as ceremonias d'esta natureza, como o sacrificio de um dedo entre os aryas, são consideradas como de origem dravídica.

O sacrificio era *propiciatorio* e *expiatorio*; na conversão do fetichismo em polytheismo estas duas formas tenderam a confundir-se. O sacrificio propiciatorio, era para tornar favoravel a divindade a favor das cousas humanas. O que mais se cuidava na sociedade primitiva, na sua phase *agricola*, era a regularidade das colheitas, sob pena de se recorrer a migrações forçadas do *ver sacrum*, por causa da fome publica. Os trabalhos das colheitas eram preeedidos pelo sacrificio de um adolecente á divindade da Terra, considerada como o mais augusto fetiche; e attendendo ao conflito que se dava entre a classe



agricola e a pastoral, e a ser tambem a Terra uma divindade feminina, o objecto do sacrificio era um homem, e especialmente um Pastor (um *Govinda*, na mythologia hindu.) Quando se davam as crises geraes, as doencas, os vendavaes, a esterilidade ou a estiagem, então fazia-se o sacrificio expiatorio, para applacar a divindade offendida; entre os povos mexicanos apparecem sacrificios á Terra, trucidando-lhe *numerossimas crianças*, como a realidade conereta da lenda da *degolação dos innocentes*. Na lenda de Jesus é tambem o sangue de um innocente ou de um justo, que hade remir as maldades humanas e applacar a eolera do Deus-Padre. Aqui a paternidade do deus caracteriza a origem fetichista do dogma. E o proprio Sam Paulo, apezar da sua metaphysica, aeeitava a formula fetichista, «*não ha remissão sem derramamento de sangue.*» Nos costumes primitivos dos hebreus, quando ainda não haviam deseido a Canaan, Abraham ia satisfazer á divindade saerificando-lhe o seu proprio filho; existiu por tanto nas tribus terachitas esse costume que mais tarde apparece em Babylonia, nos cultos orgiasticos, em Mithra e Adonis, cultos que pela Asia Menor passaram á Greece e a Roma, e que um dia se evhemerisaram em Christo.



Era no tempo das sementeiras que se fazia o sacrificio do adolesecnte ao fetiche Terra; Thammuz, no polytheismo da Syria, é ehorado pelas mulheres syriacas e judaicas entre junho e julho; Jesus é tambem ehorado em abril, e nos cultos solares o deus morre com a entrada do inverno. Os Jagas, ao começarem as colheitas sacrificiam vietimas humanas; os seus padres, ou Gangas, comem a carne da hostia, e o sangue serve para baptisar as primicias da terra. O sacrificio do captivo ou da eriança, por occasião de uma calamidade, como entre os selvagens do Taiti, ou a morte de uma eriança para que o doente recobre a saude, como em Tonga-Tabu, têm intimas analogias com o sacrificio do Deus-homem, para eurar a humanidade doente pelo peecado, e salvar o mundo da ira do Deus-padre.

O culto do fetiche Terra, como divindade *feminina*, facilmente se ampliaria a comprehender a influencia proreadora, como presidindo aos phenomenos da parturição. Segundo Castren, o fetiche da Terra entre os Esthonianos preside aos partos, e entre os Gregos *Hera* representa a Terra com os mesmos attributos. (1) É o desen-

(1) Tylor, *Civil. Primit.*, II, 395.



volvimento do fetiche da Terra-Mãe, cujo caracter *feminino* tornando-se abstracto em uma raça superior, adquire esse caracter sensual e hallucinador das festas phalagógicas. Foi com este caracter que prevaleceu entre os povos da Asia anterior, sobretudo entre os povos semitas.

Entre alguns povos que conceberam o fetiche da Terra como ligado por união sexual com o fetiche do Sol, existe entre elles o desenvolvimento de um antagonismo, tornando-se a Terra um fetiche malevolo, e o Sol um libertador. A necessidade do culto da Terra entre povos *agricolas*, e a necessidade da propiciação pelo sacrificio humano, eram motivos do soparação e de odios profundos da parte das raças *pastoraes*. As raças *agricolas* eram equiparadas ás serpentes, e symbolizadas por um fetiche ophiolatrico; assim foi facil o constituir-se sobre isto o novo mytho da introdução do mal no mundo pela mulher, e da morte do innocente como expiação d'esse mal. A vietima comprada ou roubada para o sacrificio á Terra não podia deixar de pertencer á raça *pastoral* para ter toda a efficacidade; e por isso nos mythos aricos, Kristna se torna em Govinda ou pastor, em volta de quem se fazem as festas orgiasticas. Christo nas representações primitivas



é também considerado como *negro* (christna) e como o *Bom-Pastor* (Govinda.) Nos Vedas, a terra sagrada que recebe a semente chama-se *Armaitea*, nome evhemerizado em José de *Arimathea*, que dá a sepultura ao crucificado.

E visto que fallamos na Cruz, como symbolo e instrumento do sacrificio, a sua existencia entre povos diversissimos, como os peruanos, os arias, os romanos, e até entre os egypcios, em epochas muitissimo anteriores á nossa éra, provanos que são differentes symbolos emquanto ás concepções mythicas, postoque tenham toda a analogia na fórma. No Egypto a *cruz ansata*, á maneira de uma pomba de asas abertas, é um um vestigio phalico, cujo character se conservou no Christianismo na pomba que symbolisa o Espirito santo. No Peru, a cruz é a representação dos quatro pontos cardcaes da orientação polytheista. Entre os Arias, é o instrumento da produção do Agni, ou o fogo do altar, pelo arani (a Virgem) e pelo Tvastri (o carpinteiro); nos mythos christãos conservou-se esta evhemerisação, materializando-se o Agni no Agnus Dei ou o cordeiro do sacrificio. Como instrumento penal, posterior a todo este symbolismo, a cruz é puramente semita, usada especialmente pelos cartha-



ginezes e adoptada pelos romanos. Ou pelo igniterebrator das raças selvagens, ou pelo culto do fogo dos arias, ou pelo culto phalico kuschito-semita, a Cruz, como symbolo do sacrificio, tem uma origem anterior a toda a evhemerisação evangelica.

Os Judeus, como todos os outros povos da Asia anterior, syrios, cananeos, phenicios, usaram *sacrificios humanos* ainda depois de se haverem elevado do seu fetichismo primitivo ao monotheismo mosaico. O seu instituidor prescreve: «Vós não imitareis as abominações dos povos cananões, que offerecem aos seus deuzes os filhos e filhas queimando-lh'os.» Por aqui se vê que subsistia o culto primitivo entre as classes populares, culto communicado á raça semitica na Asia central pelas povoações inferiores ainda hoje representadas por tribus dravidicas, e que constituíam esse elemento ethnico turano-kuschita. Abraham tambem conduz para o altar de terra seu filho Isac, para ser sacrificado á divindade; signal de que era este o culto entre as tribus terachitas quando desceram para Canaam, e que sobrevive em Jephthé fazendo voto do sacrificio humano para vencer a batalha contra os Ammonitas. Ezechiel descreve tambem as mulheres israelitas



chorando pelos montes a morte do joven *Thamuz*, divindade solar dos Syrios, morto na flor da edade como os outros deuses *Atys*, *Baccho*, *Christo*, *Adonis*, *Mithra* e *Zagreus*. Havia portanto entre os Judeus todos os elementos tradicionaes fetiehistas para facilmente accitarem os cultos orgiasticos babylonieos, as allegorisações de um messianismo medo-persa, as abstracções alexandrinas de um mediador offerecendo-se em sacrificio humano eomo victima expiatoria da humanidade. *Philon* chegou á parte metaphysica d'esta elaboraçãõ, e só as raças áricas da Europa é que evhemerisaram as lendas fetiehistas do *sacrificio humano* conservado nos cultos syrophenicios.

Entre as outras raças semitas o *sacrificio humano* nunca perdeu a sua terrivel realidade; os ammonitas queimavam os seus filhos a *Moloch*; os arabes matavam-os ante o idolo do *Hobal*, e entre os carthaginezes fazia-se o sacrificio das crianças nas calamidades publicas, e havia o suicidio religioso. Os sacrificios humanos eram uma expiação ao *Fogo* ou á *Terra*, os grandes fetiches d'essa raça ante-historica, que precedeu na Asia os *Arias* e os *Semitas*. Entre os *Semitas* prevaleceu o sacrificio ao feticho do *Fogo*, pelas suas rela-



gem, Artemis, Cybele, Juno, Rhea, Atergatis, da Virgem-Mãe, Urania, Aphrodite, Venus, da Mãe fecunda, Isis, Astarte, Dea Meretrix, todo este syncretismo, do elemento primitivo, *Anath*, variando nos cultos syrio-philistinos, gregos e latinos, vicram desenvolver o elemento feminino do Christianismo. O nome de *Maranatha* (I Corinth., XVI, 22) tinha um sentido secreto, talvez de senha de entrada nos ajuntamentos cultuaes, e segundo Epiphanio os nomes de *Marthana* e *Martha*, eram o de duas divindades femininas adoradas pelos judeus-pagãos da Palestina. (1)

O character chthoniano do culto de Maria achase tambem nos monumentos iconographicos os mais antigos: «Existe um certo numero de vidros dourados, em que Maria está de pé, as mãos estendidas,—entre duas arvores e duas pombas sobre duas columnas. . . » (2) A tradição de Virgem do templo, conservada em outra imagem que traz a inscripção: MARIA VIRGO MINISTER DE TEMPVIO GEROSALE, eondiz com as reminiseencias dos templos cypriotas, syriacos e phenicios, em que as donzellas ou hierodulas estavam ao serviço da

(1) J. Baisac, *Origenes de la Religion*, t. II, 103.

(2) *Dicc. des Antiq. chrét.*, p. 660.



Deusa-Mãe; as arvores das outras representações iconographicas tomam então um sentido mais restricto. Outros vidros, cujas estampas foram publicadas por Garrucci, trazem a inscripção *Anne Mara*, o que leva immediatamente á forma feminina da divindade semitica *Marah*, a Senhora, e tambem *Marth*, o que deu desenvolvimento ás lendas do apostolado de Santa Martha na Provença. Diz Baisac: «Acha-se o nome de *Marah* ou *Marth* sobre a costa punica, om uma localidade chamada Maraza, por *Marah-Aza* a forte Senhora... A denominação de Martha era propriamente uma das denominações em uso, no semitismo, para designar a Mãe-divina, aquella mesmo de que os Gregos fizeram a sua Artemis ou Diana.» (1) A *torre* era um symbolo da Mãe-divina, como se vê nas figuras que representam Cybele, a *Mater-turrigera*, o que leva a comprehender não só a lenda sensual da Magdalena, (Magdla, a torre) como a voz dythirambica da *Turris davidica* e *Turris eburnea* da ladainha da Virgem Maria. (2) Em algumas sepulturas chris-

(1) *Origines de la Religion*, II, 103.

(2) *Ibidem*, p. 116.



tãs usava-se o symbolo da *torre*, na forma do modius, ás vezes com o trigo germinado, tal como os jardins de Adonis. Nos antigos ritos da Igreja, cita-se como objectos do culto *turream argenteam et columbam auream*, como na offerta do papa S. Hilario ao Baptisterio do Latrão, e na de Constantino á Basilica do Vaticano; existiam tambem a *torre* e a *pomba* nas antigas basilicas de Roma, no mosteiro de Tours, e na antiga liturgia galiana descreve-se o rito com que se leva a *torre* para o altar. (1) Bottari descreve um sarcophago antigo no qual junto de uma mulher em oração está figurado um vaso em forma do *torre*, com uma tampa redonda que lhe dá a forma de glande e com uma *pomba* em cima; Ciampi descobriu figuras analogas do seculo VI. A *torre* é um emblema phalico «symbolizando a transição da Mãe produzindo por si mesma, para a Mãe fecunda;» (2) a *pomba* é tambem symbolo phalico, como a *mão* da torre de Borsippa. A columna confunde-se tambem com a *torre*, que se conserva nos emblemas populares das festas de Corpus Christi, até ao seculo XVII.

(1) Abb. Martigny, Dicc., p. 164.

(2) *Origines de la Religion*, t. II, p. 116.

\*



A lenda do martyrio de S. Ignez liga-se ás tradições da Deusa-Mão dos eultos ethonianos; o seu nome escripto nas formas *Hagne, Anna, Ana, Angne e Annes*, e o seu martyrio, lançando-a em um logar de prostituição, condizem perfeitamente com a deusa *Anah* e os seus mysterios da prostituição sagrada, que se acham no culto carthaginez de *Anna-Dido*, como no de *Venus-Aenaea* e de *Anna-Perenna* em Roma. Ovidio, nos *Fastos* descreve a festa de *Anna* (III, 523 sq.) com a sua prostituição sagrada em um bosquo na margem do Tibre, como as *Sakoea* em honra do Anath, ou como o *Saccoth-Benoth* entre os Judeus. (1) A crypta em que se diz ter-se enterrado o corpo da martyr, é a gruta ou caverna, sanctuario das deusas geradoras, das Virgens-mães, como de Astarte ou *Venus syriaca*, da *Aphrodite* dos gregos, ou da *Venus-Urania* dos romanos; o cemiterio subterraneo de Santa Ignez, é mesmo considerado mais antigo do que essa crypta (2).

A lenda de *Agnes* ou *Anna* é evidentemente uma apropriação poetica feita por Prudencio e

(1) J. Baisac, *Origines de la Religion*, I, cap. 8.

(2) Abb. Martigny, *Dicc. des Antiq. chrét.*, v.º AGNÈS.



Sam Damaso sobre as tradições ehthonianas da Virgem-Mãe persistentes entre o povo de Roma, onde se conservavam os costumes da prostituição sagrada a *Anna-Perenna*.

Nos momentos iconographicos, Anna, ou santa Ignez é representada quasi sempre entre duas arvores, ou dois troncos floridos, ou em um campo semeado de flores; (1) as formas iconographicas conservam mais fielmente a tradição popular, e essas arvores são o indício da divindade ehthoniana, cuja festa da prostituição sagrada se fazia em um bosque; em uma outra figura conservada em uma patena de vidro, a santa está entre duas *columnas*, sobre cada uma das quaes está uma *pomba*, evidentemente symbolos phalicos do culto primitivo.

Os primeiros christãos foram accusados de praticarem em ajuntamentos nocturnos a promiscuidade das mulheres, reminiscencia do culto das cavernas ligado á adoração da fecundidade da Terra representada nos fetiches ehthonianos do *kteis* e do *phalus*; a seita dos Adamitas, e os setarios de Prodius conservaram mais tempo essa

(1) Abb. Martigny, ib.



tradição, que se obliterava por causa da substituição do eulto da Terra-Mãe pelo culto do Mediador, a victima adolescente que morre e ressuscita. O papa Gregorio IX, falla em uma carta a Henrique, imperador da Allemanha, de uma congregação de hereticos que depois de se deixarem em *trevas*, se entregaram á hallucinação sexual. (1) O abbade Mariti, na viagem á ilha de Chypre, Syria e Palestina, descreve uma seita de christãos da Syria, os *Nezeires* ou *Nazarenos*: «crêem em Jesus Christo como propheta escolhido para instruir os homens e lhes dar a lei. Dirigem indifferentemente suas orações aos apóstolos, á Virgem, e aos antigos prophetas. Praticam o baptismo de immersão, celebram a natividade e a ascensão de Jesus Christo, e algumas outras festas instituidas por nós. Têm uma festa singular, a que dão o nome da *Madre* (utero). N'esta solemnidade vêem-se saudar as mulheres com um santo respeito, prostrarem-se diante d'ellas, e abraçal-as ternamente pelos joelhos; d'aqui vem o chamarem-lhes *Adoradores da Madre*. — Entre

(1) Dulaure, *Des Cultes qui ont précédé et amené l'Idolatrie*, p. 427.



outras depravações admittem a pluralidade das mulheres. No dia da circumcisão, em que começa o seu anno, ajuntam-se todas as mulheres na sala do sacrificio, fecham-se as janellas e apagam-se as luzes. Vem depois os homens, e cada um toma ao acaso, a primeira mulher que lhe cae na mão, sem se importar conhecê-la. Esta abominação renova-se muitas vezes no anno, e particularmente na festa da *Madre*. . . Crê-se que os Nezeires são os restos dos antigos hereticos hebionistas...» (1) Isto que se conservou como costume em um grupo isolado do christianismo acha-se descripto por Minucio Felix como acusação referida pelos pagãos, e que elle combate: «Não sabemos nós o que se passa nos vossos festins? Todos os nossos auctores o mencionam, e o discurso do orador de Cirta o attesta egualmente; em um dia solemne todos vão ao banquete, com seus filhos, mulheres e irmãs; ali, depois de um longo repasto, quando os vinhos com que se embriagaram começam a excitar n'elles os ardores da luxuria, amarram um cão ao candelabro, e o acirram para que corra apoz um pedaço de carne que atiram a certa dis-

(1) Ob. cit., II, 63. Dulaure, *ibidem*, p. 428.



tância; as luzes tombadas apagam-se; então, livres de uma claridade importuna, ajuntam-se ao acaso, no meio das trevas, por horriveis abraços, e tornam-se todos incestuosos, ao menos na vontade se o não são em effeito, pois que o que pode succeder na acção de cada um está nos desejos de todos.» (1) Esta accusação do interlocutor pagão é verdadeira com relação ás scitas dos Adanitas, e esse costume conservou-se entre os Nezeircs como se vê nas relações de viagens do seculo passado, e na ascese molinista, como se viu pelo processo da Cadière. Portanto estes factos não são só uma aberração doentia, mas uma consequencia dos elementos chthonianos que entraram na constituição do christianismo.

Depois do saque de Jerusalem, no anno 70, mais de cem mil adolescentes de ambos os sexos foram vendidos em Roma para a exploração dos lupanars; basta um facto d'esta ordem para imprimir ás concepções dogmaticas do christianismo a forma do culto das Deusas-Mães do polytheismo syro-philistino; as associações fraternas das Agapctas tomaram assim um caracter de concu-

(1) Abb. Martigny, *Dicc. des Antiq. chrét.*, p. 96.



binato sagrado, e é por isso que Sam Jeronymo escrevia no tratado *De Custodia virginitatis*: «Não posso dizel-o, sem córar, tam deploravel a cousa é, sem deixar por isso de ser bem verdadeira, como se introduziu na Egreja esta peste das mulheres *Agapetas!* isto é, das mulheres, que, sob um nome supposto, e sem serem casadas, occupam o logar de esposas! ou, antes, de ter concubinas de uma nova especie; ou mesmo, meretrizes que se prostituem com um só homem». (1) Os Padres da Egreja, que abraçaram o culto das Deusas-Mães para a mais facil propagação do Christianismo, na sua moral ultrajaram sempre a mulher, identificaram-na com o mal, fizeram a demonologia feminina do *Diabo-Venus* e do *Vampirismo*, e durante a idade media aecenderam as fogueiras para queimarem as mulheres *Feiticeiras por natureza*. (2) Mal sabiam esses systematisadores dos elementos eultuaes do chthonianismo e do siderismo, que conservavam o antagonismo primitivo do culto solar, em que a Terra era equiparada á morte, e a noção feminina ao

(1) Ap. Ferriere, *Les Apotres*, p. 263.

(2) Michelet, *La Soccière*, p. vii.



mal; e elles proprios, tirando ao culto da Virgem a maternidade, conservavam as festas da prostituição sagrada, e na sua moral de quietismo a justificação da sensualidade que preponderou sempre em todas as ordens monachaes, associações ou communidades religiosas.

Ao estado da familia que influe nas formas da concepção religiosa, as quaes têm por objecto as cousas em que o homem exerce a sua actividade e sobre que trabalha, liga-se tambem o phenomeno social da organização da propriedade nas suas differentes transformações.

Quando a familia se resume exclusivamente na mãe, e sobre esta base a sociedade pastoral ou agricola se organisa no hetairismo, a propriedade começa tambem a constituir-se sobre um dado communismo de territorio; a plebe romana, oriunda do regimen da maternidade, quando este regimen já estava esquecido ainda conservava a tradição impulsiva que a levava a exigir pelos seus tribunos Licinio Stolon e os Graceos a igual distribuição da propriedade ou a execução das leis agrarias. As perturbações da sociedade romana deram-se sempre entre os patricios e a plebe representante de um hetairismo primitivo, por causa da propriedade; por isso diz Plinio, synthe-



tisando essa elaboração e conflito social: *Latifundia perdidere Italiam*. Na sociedade grega, onde o hetairismo chegou a impulsionar o genio artistico hellenico, deu-se equal conflito a ponto de Aristoteles attribuir na sua *Politica* as revoluções á desigualdade das fortunas. Bem caracterisada esta situação das sociedades greco-romana, o advento do Christianismo, pelo seu espirito equalitario e communista, devia lisonjear profundamente as classes inferiores e numerosas, que aspiravam segundo o estimulo do seu hetairismo primitivo a uma egualdade que suppunham usurpada pelos eupatridas e pelos patricios. O Christianismo constituiu-se com vastos elementos tradicionais de uma sociedade baseada no regimen da maternidade e do hetairismo, como se vê nos mythos da Virgem-Mãe e pela acção exclusiva das mulheres na sua propagação; a nova religião nasceu communista, pelo desprendimento dos bens d'este mundo, e as suas grandes manifestações historicas foram communistas desde os banquetes das mulheres nos ágapes até ás ordens monaehaes, que pela orientação tradicional chegaram á promiseuidade nos mosteiros duplex, e pela organização economica á accumulção mais espantosa de riquezas territoriaes. Ainda hoje as agitações



socialistas, que pretendem fundar um novo regimen da propriedade e da familia, na sua resistencia contra os poderes publicos, alliam-se instinctivamente com o clericalismo. Os Imperadores que reeonehceram politicamente o Christianismo como religião do estado, não fizeram mais do que se firmarem no throno, apoiando-se nas elasses ínfimas, que na sua aspiração egalitaria aehavam n'essa doutrina uma seducção proselytica e tambem um adormeeimento.

Mais tarde, quando a Igreja se achou proprietaria, por cessão dos que abandonavam os seus bens, ella tornou-se aristoeratiea, desnaturou o Christianismo, e organisou-se na hierarchia eatholica.

No seu livro *Da Propriedade e das suas formas primitivas*, Emilio Laveleye demonstra a existencia da propriedade colleetiva entre os povos da Europa, sendo pouco a pouco substituida pelo direito quiritario ou absolutismo da posse pessoal; esta transformação operou-se fundamentalmente pela substituição do regimen da maternidade no patrieado: «Em todas as sociedades primitivas, na Asia, na Europa e na Africa, entre os Indianos, entre os Slavos e os Germanos, como ainda hoje na Russia e em Java, o sólo, propriedade



collectiva da tribu, era periodicamente compartilhado entre todas as familias, de maneira que todas possam viver de seu trabalho, segundo as exigencias da natureza.—Na maior parte d'estes paizes esta forma da propriedade foi substituida pela propriedade quiritaria, e a desigualdade das condições teve como consequencia o dominio das classes superiores, e a subserviencia mais ou menos completa do trabalhador.» (1) As consequencias d'esta transformação acham-se assim resumidas por Laveleye, sobre o estado da Europa e da civilização moderna: «Se, consagrando o direito natural da propriedade, as sociedades do Occidente tivessem conservado a egualdade, o seu desenvolvimento normal teria sido semelhante ao da Suissa. Essas sociedades teriam evitado o passar pela aristocracia feudal, pela monarchia absoluta o pela democracia demagogica que nos ameaça. As communes, povoadas de homens livres, proprietarios e eguaes, alliar-se-iam por um laço federal para constituirem um Estado, e os Estados, por seu turno, poderiam federalisar-se como os Estados-Unidos.» (2) É uma tremenda

(1) Laveleye, *De la Propriété*, p. xvii.

(2) *Ibidem*, p. xxiii.



lição historica, que só aproveita ao futuro; o Christianismo, entrando nas sociedades europêas quando o regimen do patriciado e da propriedade quiritaria era exclusivo, foi absorvido n'esta direcção, tornou-se tambem propprietario, sophismando a egualdade no dominio subjectivo da moral; assim, foi um elemento de perturbação, desviando as forças sociaes para as communidades religiosas, e confundindo outra vez o poder espiritual com o temporal pelo apoio da immensa doação em que se constituiram os Estados da Igreja. Ás revoltas communaes da idade media, ás extorsões do feudalismo, á pressão das monarchias absolutas, o Christianismo em vez de dar remedio, aggravou-as, porque apagou no homem o espirito de resistencia e de dignidade civil. Machiavelli nos seus *Discursos sobre Tito Livio*, com um profundissimo senso politico, propoz a seguinte these: «Porque razão os homens de hoje são menos ciosos da liberdade do que os de outros tempos? — é, se me não engano, pela differença de educação fundada sobre a differença de religião. A nossa religião corôa de preferencia as virtudes humildes e contomplativas ás virtudes activas; ella faz consistir a felicidade suprema na humildade, na abjecção, no desprezo das cou-



sas humanas. O culto pagão, pelo contrario, fazia consistir o soberano bem na grandeza d'alma, na força do corpo e em todas as qualidades que tornam os homens temiveis. Se a nossa religião exige alguma força de alma, é antes para nos dispôr a soffrer mais do quo a obrar energicamente. Parece-me, então, que o Christianismo tornando os povos mais fracos, os dispoz a serem mais facilmente preza dos maos. Estes conheceram que bem podiam tyrannisar sem medo homens, que, com o intuito de irem para o paraiso, são mais dispostos a supportar injurias do que a vingal-as.» (1) O exterminio dos Catharos e Albigenses é attribuido ás suas ideias communistas, consideradas já no seculo XIII como uma heresia pela egreja; uma vez extincta esta aspiração ideal dos pobres, a sua actividade mental esgotou-se na hallucinação mystica, que veiu a exacerbar-se na demonologia, nos processos da feiticeria e nos convulsionarios. O que é a Magia, da idade media da Europa, senão a recorrencia ás velhas superstições do elemento scythico que existe nas nações modernas, cujas formulas de

(1) *Discursos sobre Tito Livio*, Livr. II, cap. 2.



escunjuro, como notou F. Lenormant, repetem inconscientemente imprecções accademicas? Com a sua hallucinação mystica o Christianismo veio accordar este estado mental das epochas e das raças fetichistas; essa hallucinação era desenvolvida calculadamente pelos directores espirituaes, que faziam consistir n'ella a graça divina. A pobreza era o ideal da hallucinação, a ponto de produzir o nihilismo da personalidade; Francisco de Assis, que organisa uma sociedade communista fundada na adopção da pobreza, descreve-a hallucinadamente como um trovador do seculo XIII eantaria a sua dama. Mas este enervamento da hallucinação tem tambem o seu porque ethnico, e Augusto Comte, como já imparcialmente o notou Guyau, achava como caracteristica dos cultos fetichistas «o equivalente real de uma especie de hallucinação permanente.»

Depois do que apresentámos sobre a investigação combinada da familia, (hetairismo) da religião, (chthonianismo) e da propriedade, (communismo) comprehende-se com clareza as condições de formação e de persistencia do culto da Deusa-Mãe, sem o que é impossivel explicar-se a rapida e crescente propagação do Christianismo quando as suas doutrinas não estavam escriptas e os pa-



ções com as raças chaldeo-babylonicas; entre os Arias o fetiche do *Fogo* conservou-se entre os Sivaítas, e entre os Vrathyas o fetiche da *Terra*, e modernamente ainda entre os Khonds. O fetiche do Fogo deriva-se do fetiche da Terra, como fórma do calor central; Vesta entre os Romanos confundiu-se com o *Fogo* e com a Terra, e a sua natureza *feminina*, nos collegios de vestaes communs á Europa e á America, prova-nos que provieiu d'esse fetiche já secundario da Terra-Mãe, e em fórma allegorisada.

Entre os sacrificios da religião dos árias existiu o sacrificio do homem, denominado *Puruchameda*, ou *Narameda*. No Rig-Veda acha-se um hymno destinado ás ceremonias do sacrificio humano. Pelas transformações da civilisação védica e brahmanica, o *Narameda* caíu em desuso; mesmo porque foi uma introdução proveniente do contacto dos árias com as raças ante-historicas e fetichistas da Asia, que chegaram a constituir-se em familias sacerdotaes. O sacrificio humano não podia ser comprehendido, porque se lhe perdeu o conhecimento da origem, e por isso os brahmanes, ao encontrarem esse hymno ritualistico do Rig-Veda, explicavam-no como uma allegoria de um primitivo sacrificio em que o Deus Pradja-



pati immolou o seu filho Yadjuya. O nome de *Pradjapati*, designa Brahma, o deus supremo feito homem; e Yadjuya é o proprio sacrificio; esta interpretação sacerdotal nos revela como dos antigos cultos fetichistas do sacrificio do homem se havia de partir para um avatar ou *incarnação* da divindade, e para derivar o dogma metaphysico da redempção pelo sacrificio expiatorio. A prova de que este costume da India prehistorica existiu, é a sua persistencia no homicidio religioso dos hindus á deusa Kali, e nas seitas dos thags ou phansgars, restos de ritos e superstições deeahidas. O suicidio voluntario, em epochas de calamidade publica dá-se entre alguns collegios bramnicos, como no de Nagrakut. Modernamente ainda persiste entre os Khonds o sacrificio do homem á divindade tellurica, Bera-Pennu, o fetiche da Terra, com as formas antiquissimas, em grande parte communs aos cultos mexicanos e peruanos, e com bastantes elementos repetidos no sacrificio de Jesus. Em uma pagina dos numerosos estudos do fallecido orientalista francez M. Ariel, fallando dos Khonds, lê-se que é uma raça com carater cavalheiroso, soberba emquanto á sua origem, fiel e dedicada, com uma certa brandura; entre os Khonds o sa-



crifício humano (*Méria*) nos districtos de Ganjam e Kattak «não é inspirado por nenhum sentimento feroz mas sim pelo medo que elles têm de uma divindade malevola, que este acto terrível deve tornar propicia.» Não podemos deixar de transcrever aqui a descripção da *Méria*, para explicar como a lenda do sacrificio do filho de Deus, quer seja Yadjuya, ou Jesus, se deriva de tradições de um ritual fetichista:

«Sabe-se que a *Méria* é offerecida cada anno por occasião das sementeiras, com o fim de obter condições atmosphericas favoraveis e cearas abundantes. Faz-se em um grande numero de localidades, cujo numero se não pode determinar, e a victima bem como as despesas da cerimonia tocam por turno a cada cantão do districto. Além da *méria* annual, ha cantões onde se fazem outras por occasião de uma festa, de uma doença, de uma calamidade publica ou particular; um criminoso ou um prisioneiro nunca tem a honra da immolação. (1) É preciso que a victima tenha sido comprada por uma somma de dinheiro, ou trocada por um equivalente em objectos. (2) O

(1) Jesus é de stirpe regia.

(2) Jesus comprado por trinta dinheiros.

\*



preço varia de 60 a 200 rupias. A idade e o sexo são quasi que indifferentes; comtudo o rapaz adulto, por isso que custa mais, é considerado como a offerenda preferivel. Durante annos, as crianças destinadas ao sacrificio são criadas na familia do seu possuidor. Elles não ignoram a sorte que lhes está reservada e geralmente a acceitam. Se se recusam á promessa de não fugirem, é que andam amarrados. Algumas vezes poupam-os e casam-os; n'este caso os filhos d'elles substituem-os no dia fatal escolhido pelo arbitro da sua existencia. Um mez antes d'este dia começam as orgias e as dansas em volta da victima coroada de flores. Na vespera embriagam-na e sentam-na ao pé do póste expiatorio. Os Khonds dançam em roda d'elle cantando:— Oh Terra! nós sacrificamos-te, dá-nos sementoiras, bom tempo e saude! O mancebo! nós t'o havemos comprado, não t'o roubámos, e immolamos-te segundo o costume. Nenhum peccado caia sobre nós!—

«Chegado o momento, o mancebo é embriagado e unguido de oleo. Cada qual toca-o com o dedo, que enxuga sobre a sua propria cabeça. Levam-no privado de sentimento em volta dos limites da aldêa, e tornam-no a trazer para o pé



do póste. Ali, é agarrado, derribado e afogado; o corpo palpitante é despedaçado. O padre enterra um bocado ao pé do idolo, e todos os assistentes tratam de cortar uma migalha de carne e leva-a ainda quente para o campo que querem fecundar. É com este sangue puro que os desgraçados esperam apaziguar a deusa Terra, que, ciosa do amor dado ao homem por seu esposo e seu creador, o Deus da luz, introduziu no mundo o peccado e o mal, e exige a infame hecatombe de innocentes crianças.» (1)

Estes costumes existem com as mesmas formas entre os Mexicanos, como já observou Mr. Labarthe, e repetem-se com pequenas variantes entre os povos que conservam o culto fetichista da Terra. D'este facto podem tirar-se importantissimas deducções: que as analogias ethnicas que existem entre as civilisações da America e a civilisação vedica e brahmanica, provêm de uma mesma raça ante-historica commum aos dois continentes; que as raças *agricolas* da Asia, os *kris-*

(1) Ap. Rosny, *Variétés orientales*, p. 201; no relatório acerca da Bibliotheca Tamul de M. Ariel, de Pondichery.



*tnas*, os trabalhadores da terra, perturbavam os sacrificios dos arias, e foi esse o conflicto com o deus da luz, e o motivo da separação do ramo iraniano. Mais tarde, Kristna, o joven deus sacrificado, é convertido em um *pastor*, ou *Govinda*. Na mythologia americana de Cundinamarca, o filho da *Méria*, isto é, do sacrificio, era sempre o começo de uma era nova, que se contava desde o dia da sua morte; era eriado desde tenra idade para ser immolado ao Sol, e não tinha outro nome senão *Guesa*, aquelle que não tem patria. No dia do sacrificio era amarrado á columna e trespassado de setas. (1) *Guesa* ou *Christna* são os dous nomes com que a victima humana era conhecida na India e em Cundinamarca; na India o facto concreto foi symbolisado pela civilisação vedica e tornou-se uma lenda poetica entre os brahmanes. Na vida agricola dos Aryas persas a Terra ainda conserva um character sagrado *Armaiti* (o genio da terra, cuja obra pura e santa era a agricultura.) Sabendo-se como os *Kristnayas* e *Kristnas*, significam os trabalhado-

(1) *Mythologie comparée*, de Gerard de Riale, 1, p. 286.



res da terra, os negros, é natural a coincidência de se fazer de *Armaiti* aquelle discipulo de *Arimathia*, que dá sepultura ao mestre sacrificado.

São numerosas as circumstancias que levam a procurar as origens dos mythos e lendas de Kristna no culto fetichista de uma raça ante-historica que precedeu na Asia os Semitas e os Arias; cada uma d'estas raças modificou esse culto segundo o seu caracter progressivo, uma elevando-se ás fórmulas orgiasticas, aos mysterios e ao dogma do sacrificio do filho de Deus; a outra chegou até esta allegoria, mas a unidade theologica brahmanica não elaborando este mytho, deixou-o como o objecto dilecto da poesia e litteratura hindu.

O sacrificio da victima humana, embora se ache entre os Arias, a sua facil extincção prova não só que elle repugnava ao genio bondoso e á propria civilisação d'esta raça, como tambem era uma implantação extranha, proveniente do contacto com uma raça inferior, e indigena na India, da qual algumas tribus o conservaram até hoje. No seu estudo sobre a Religião dos Arias, escreve Maury: «Mas este sacrificio, chamado *purucha médha*, estando em opposição com os costumes suaves dos Hindus, desapareceu rapi-



damente, não deixando vestígios senão na cerimonia typica que se acha no *Yadjur Veda*. Cento e oitenta e cinco pessoas de diversas tribus e sexos são amarradas a onze *yûpas*, ou columnas do sacrificio, e depois que se cantou o hymno em honra da immolação de *Nârayana*, são desatadas sem se lhes fazer mal, e offerecem-se em seu logar oblações de manteiga. Tambem na Grecia e em Roma se acham cerimonias symbolicas substituidas, graças ao adoçamento dos costumes, aos sacrificios barbaros que faziam correr o sangue do homem.» (1)

Esta mesma substituição do sacrificio humano se acha na sociedade indiana com relação á morte da mulher por occasião do funeral do marido. O grande ethnographo Tylor, considera o sacrificio da Suthy, «como a reproducção, provocada por certas influencias, de um antigo rito aryano remontando a um periodo anterior aos Vedas. As particularidades da antiga cerimonia sagrada parecem indicar que, em um rito de fôrma mais

(1) *Croyences et Legendes de l'Antiquité*, p. 156. Maury apoia-se sobre a auctoridade de Wilson e de Lassen.



antiga, a viuva devia ser queimada com o marido, e que, com o tempo, uma lei mais humana fez substituir o sacrificio por um symbolo. Em appoio d'esta interpretação podia-se citar a antiga prohibição expressa de sacrificar a mulher, prohibição dirigida, segundo toda a verosimilhança, contra um costume effectivo:—Seguir seu marido morto é absolutamente prohibido, diz a lei dos Brahmanes. Quanto ás outras castas esta lei pode, segundo as circumstancias, applicar-se ou não ás mulheres.—(Max Muller e Ad. Pictet). Considerar o sacrificio das viuvas, na India, como um caso de regressão a um antigo costume, parece-me o que melhor concorda com os dados ethnographicos geraes. O sacrificio das viuvas acha-se em differentes partes do mundo, entre povos n'um gráo inferior de civilização, e isto concorda com a hypothese que a raça aryaca, quando ella ainda estava no estado primitivo e barbaro, observava este costume. Pode-se então explicar pela transmissão directa, desde uma alta antiguidade, a existencia de um costume semelhante ao da India moderna entre as antigas nações aryanas estabelecidas na Europa, os Gregos, os Scandinavos, os Germanos e os Slavos. Se esta supposição é fundada, as prescripções vedi-



cas, por mais antigas que sejam, correspondem aqui a uma reforma e reacção contra um rito selvagem ainda mais antigo do sacrificio das viúvas, rito que estes livros sagrados prohibem de facto, mas deixam subsistir como um symbolo. A historia das religiões apresenta effectivamente, numerosissimos exemplos da tendencia que tem a humanidade a recair, apesar de todas as reformas, na barbaria e obscurantismo do passado.» (1)

Existem na Asia central populações que não chegaram á altura da civilisação hindu; essas raças não são hoje consideradas como ramos áricos estacionarios ou degenerados, mas sim como tribus primitivas que os Arias encontram, cujos restos ainda actualmente representam o estado da sua primeira cultura. Tylor apoia este seguro ponto de vista: «O facto, que nem o tronco arico, nem o tronco semita, em tantos milhares de annos de existencia conhecida, nunca deram origem a um ramo selvagem, facto attestado pela historia da linguagem, depõe com uma certa força contra a probabilidade que um desvio para o es-

(1) *La Civilisation primitive*, 1, p. 542.



tado selvagem se tenha alguma vez manifestado.» (1) D'aqui se conclue, que entre os povos arieos e semitas devem existir vestigios persistentes de um estado selvagem, reeebidos das raças inferiores com que tiveram de fusionar-se; que esses vestigios foram em grande parte transformados pelas necessidades de uma civilisação superior. Diz Tylor: «Na India, ha tribus aryanas pela linguagem, mas cujo carактер lembram o typo das populações indigenas, provenientes em grande parte da raça indigena com uma mistura mais ou menos pronuneiada.» (2) É entre essa população dos anaryas, na India vedica, que vamos encontrar um estado *agricola*, com o sacrificio ao fetiehe Terra, em conflito com o naturalismo árico, e resistindo á systematisação theologica dos Brahmanes. Essas raças agricolas, são chamadas os negros, os trabalhadores da terra, *Christnas*, e os seus ritos prohibidos ou detestados pelos Arias tomaram um carактер magico no Atharvan-Veda; a propria terra lavrada foi chamada *Christna*.

(1) *Civilis. primit.*, 1, p. 61.

(2) *Ib.*, p. 57.



Como é que o sacrificio humano do Naramcda penetrou entre os Arias, que o converteram em allegoria, senão por ser recebido de uma raça inferior? Como é que os Brahmanes deificaram o Christna, senão pela grande preponderancia d'essa raça inferior, que chegara a introduzir algumas familias no sacerdocio? Portanto é indispensavel estudarmos a situação d'essa raça anarica no meio da civilisação vedica, e successivamente deduzir da sua condição agricola o culto do *Christna*, para que se determine as similhanças e anterioridade d'este mytho ao de Christo.

Como complemento d'este trabalho é tambem indispensavel observar as modificações que essas raças anaricas (proto-medicas ou turanianas) imprimiram na mythologia iranica, desenvolvendo o culto de Mithra sobre que se moldaram as formas da paixão do Redemptor.

Sabendo-se que a civilisação árica se baseou sobre populações persistentes na Asia central na epoca da immigração para o Septasindu, e observando a persistencia do sacrificio expiatorio de um innocente entre os Khonds ainda actualmente, descobre-se os caminhos por onde o polytheismo árico teve de modificar esse culto fetichista, como os Brahmanes o tentaram expungir,



como o *Atharvan-Veda* conserva os vestígios mágicos de um culto proibido, e como os povos agrícolas Vratyas e Vratynas se conservaram separados da reforma brahmanica por causa dos seus cultos telluricos. O culto da Terra é privativo de uma divindade *feminina*, á qual se lhe sacrifica um *homem*; na India este culto pôde persistir algum tempo na sociedade árica, pelo processo de systematisação theologica da unificação do fetiche Terra-Céo ou Terra-Sol, mas o objecto do sacrificio começou a ser substituído allegoricamente; contudo conservou-se a tradição do *Narameda*, ou sacrificio do homem.

Nos cultos fetichistas, a victima humana sacrificada ao Deus é *adorada antes do sacrificio*. Aqui está um vestigio que nunca mais se perde, vindo a tornar-se exclusivo, nos cultos orgiasticos do polytheismo, e dogma fundamental no mais abstracto monothcismo.

Nos cultos polytheistas, o Deus a que se sacrifica a victima humana é abandonado ou esquecido, mas *adora-se unicamente a victima*. No polytheismo árico, o sacrificio torna-se uma simulação allegorica, mas no polytheismo das raças semiticas, o sacrificio conserva a sua realidade concreta. Judcus, syrios, arabes, kannanêos, car-



thaginezes, todos conservaram este rito selvagem, recebido de civilizações inferiores com quem estiveram em contacto. Era portanto entre estas raças semíticas que o *sacrifício do homem* podia desenvolver-se allegoricamente n'esse vigoroso ideal do *Messianismo*, e sobre todo n'aquelle povo que operasse pelo seu atrazo mental o syncretismo de um culto barbaro com os mythos solares orgiasticos da civilização medo-persa e hellenica, taes como a morte de Mithra, de Thamuz, de Adonis, de Atys e Zagreus, reproduzidos inconscientemente na paixão do Messias pelos judeos-hellenistas. É por isso que o Christianismo havia de receber um desenvolvimento dogmatico entre os metaphysicos alexandrinos, e ser facilmente tornado proselytico em Roma, por causa de ter sido ali precedido pelos cultos mithriacos.

Tal é o fundo mythico, que as civilizações que se vão succedendo accetaram sem discussão, accomodando-o na sua irracionalidade selvagem ás novas necessidades da consciencia, *interpretando-o* ora allegoricamente, ora por meio do mysticismo sentimental e doentio, ora por meio de um sentido incomprehensivel ou mysterio, violando a natureza humana pelo sacrificio da ra-



ção, pelo attentado ao desenvolvimento social e pelo aniquilamento da individualidade. A accommodação d'esse velho culto fetichista ás necessidades das novas civilizações, tem consummido toda a energia mental do homem desde o seculo III até ao seculo XVII, como se pode observar n'essa longa esterilidade scientifica e na incalculavel somma de obras theologicas que subsistem nas bibliothecas. A razão, apezar de adstricta ao dogma, emancipou-se pelo regimen de algumas verdades scientificas, e veiu tambem um dia estudar o phenomeno que a atrophiava. Começou por *interpretar*, e o seu trabalho foi negativo, como se vê pela obra dos Encyclopedistas; finalmente achou o methodo historico-comparativo, e a analyse simples mostrou-lhe a origem primordial do facto recebido da mentalidade selvagem, e o modo como esse facto se foi transformando segundo as condições de cada civilização. Este processo racional faz-se hoje sem violencia; é um phenomeno sociologico, que se estuda com a serenidade imperturbavel com que se observa uma produção economica ou esthetica.

O Christianismo é um grande phenomeno social e historicamente complexo; seria absurdo e impossivel chegar a qualquer resultado discutin-

622

do-o no seu conjuncto; é preciso remontar aos seus elementos constitutivos, e na maior antiguidade é que está a menor *interpretação*, e por conseguinte a inteira clareza das suas formas. Como em todas as religiões que chegaram a uma systematisação theologica, o Christianismo compõe-se de uma parte *mythica*, (origem) de uma parte *cultural*, (conservação) e de uma parte *doutrinaria*, (transformação.) Estes tres phenomenos succedem-se historicamente; quasi sempre se esquece com o tempo a parte *mythica* da religião, e a *interpretação cultural* é que é o primeiro esboço de *systematisação theologica*. Como no Christianismo a parte doutrinaria veio feita da metaphysica grega, o trabalho de assimilação d'essa doutrina fez esquecer o fundo mythico, e o proprio culto foi interpretado como uma recordação allegorica dos mysterios abstractos. Não seguindo a ordem natural e historica na analyse, o syncretismo christão fica n'uma obscuridade, que as intelligencias sem habitos scientificos acceitam como uma obra divina. E comtudo na partè *mythica*, o Christianismo deriva-so de uma allegorisação dos sacrificios humanos á Terra (através dos cultos orgiasticos da Asia anterior.) Na parte *cultural*, os seus ritos, como o provou Burnouf,



persistiram sempre nos povos indo-europeus (derivados do culto de Agni, o *Agnus*.) Na parte doutrinaria, o Christianismo deve tudo ao neoplatonismo (Havet) e ao philonismo.

Tal deve ser o methodo do estudo.

Assim como na parte *mythica* do Christianismo o sacrificio do homem é um resto do fetichismo primitivo que se tornou symbolico em muitas religiões polytheistas, tambem na sua parte *cultural* conserva uma feição bem caracteristica, a hallucinação do ascetismo, que egualmente, como as exaltações orgiasticas e dyonisiacas, provém de uma orientação mental fetichista. Ha porém uma differença, que na hallucinação fetichista a excitação da imaginação pertence ao sacerdote ou chaman, enquanto que hoje no ascetismo christão o padre desenvolve pelos jejuns e penitencias o estado de hysticismo produzindo o extasi por esse meio no devoto. O monachismo do occidente, a vida eremitica, a ascese dos penitentes como Francisco e Bruno, precederam o systema da direcção espirital a frio, dos molinistas e quietistas. O grande psychologista allemão Wundt chama a estes cultos fetichistas dos plainos da alta Asia, desertos e areentos, seguidos pelos Ostiakos, Samoiedos, Jakutes e ou-



tras tribus turanianas, a *religião dos steppes*, religião de pezadellos e miragens, de illusão desvairada dos sentidos, provocadas pela sêde febril e pela apprehensão dos gritos das fêras. As cerimoniaes do culto para o chamanista consistem em produzir o extasi por meios artificiaes, por que d'ello se seguem as revelações o os mysterios; é por essa via que se entra em commercio com o mundo sobrenatural.

Como o polytheismo árico se enxertou sobre cultos fetichistas das povoações anaricas, e o polytheismo avestico sobre os cultos da Média, e o polytheismo hellenico sobre os cultos fetichistas da Asia Menor, é por isso que em todos estes grandes systemas religiosos apparece no culto a *hallucinação*. Na Grecia o vinho era o meio de produzir a exaltação orgiastica o a furia das Ménadas das festas dyonisiacas, da mesma forma que o opio no sul da Asia, o o haschieh ao norte da Africa. O Budhismo na India consistiu exclusivamente no ascetismo ou exaltação da sensibilidade para communicar com o Nirvana; e os cilicios, disciplinas, jejuns e vigalias dos claustrinhos catholicos, são essa mesma excitação morbida, analoga nos effeitos e no intuito inconsciente ao que vemos na India e na Grecia; a bac-



chante que ehora esgadelhada e ullulante a morto de Dyonisos reaparece em Thereza chorando a paixão do seu Jesus; o anachoreta que se exalta pela solidão completa, e se consomme em um amor ideal pela Virgem, reaparece como o fakir que se condemna á ankylose de qualquer dos seus membros.

Estas relações não provém de uma conexão historica immediata, mas sim de um fundo common de ritos fetichistas sobre que estas religiões se desenvolveram. Por isso rematamos com o lucido pensamento de Guyau: «Assistir ao nascimento de uma religião, é simplesmente vêr como um erro pode entrar no espirito humano, soldar-se a outros erros ou a verdades incompletas, amalgamar-se com ellas, depois subordinar pouco a pouco todas as outras verdades contidas na alma humana, até que por fim se chegue a procurar a sua origem e que se ache simplesmente uma indueção muito rapida ou incompleta, uma illusão dos sentidos, um engano da natureza, uma miragem, um nada.» (1)

(1) *Revue philosophique*, t. VIII, p. 581.

\*



Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs and is mostly obscured by the low resolution and light color of the scan.



## CAPITULO II

### VESTIGIOS POLYTHEISTAS DO MYTHO ORGIASTICO CHRISTÃO

Os que escrevem a vida de Jesus admittem uma personalidade historica, e aaceitam os Evangelhos como uns documentos authenticos, de escriptores conhecidos, e cuja fórma se fixou pela imprensa, taes como se manuseam todos os dias. Mas n'essa personalidade existem syncretisados bastantes elementos mythicos dos cultos solares syro-phenicios, phrygio-hellenicos, medo-persas, e nas fórmas cultuaes conservam-se bastantes residuos de mythos áricos das raças indo-europêas; e esses documentos são vagas tradições individuaes redigidas dois seculos depois da nossa éra, anonymamente, com o estylo lendario como



o dos agiographos da idade media, e dando ao personagem o mesmo relêvo historico que as Gestas francezas dão a Carlos Magno, e os Niebelungen a Attila.

Um trabalho sério sobre este facto historico, que veiu apoderar-se da civilisação greco-latina e lançar a Europa no mysticismo apathico da razão, só pôde ser feito com liberdade de criterio estudando os elementos poeticos que se syncretisaram n'esta corrente sentimental. Antes de estudar a vida de Christo importa remontar ás ideias messianicas, e recompôr o estado moral do mundo n'essa grande phase de formação das religiões proselyticas. As religiões invadiam-se insensivelmente por causa do cosmopolitismo dos povos; a Grecia, a Phenicia e a Judêa propagavam as doutrinas eschatologicas do Egypto; a Persia, nas suas grandes conquistas, espalhava o mazdeismo; a Assyria fazia reviver os cultos proto-medicos, que por via da Asia Menor se misturavam com o polytheismo hellenico; o Romano occupando a Grecia, o Egypto, a Judêa e a Asia Menor, era dotado d'esse genio religioso abstracto, que facilmente concilia as divindades dos outros povos. Estas grandes nações não tendo industrias, nem sciencias positivas a communicarem entre si, com-



municavam os seus mysterios, davam a iniciação dos seus mystagogos. Os philosophos tornaram-se theúrgos, e allegorisavam com mil subtilezas a letra dos seus velhos livros sagrados; os sacerdotes tornavam-se ascetas restringindo o culto a uma mortificação concentrada; as theorias cosmogonicas e a moral das escholas tendiam a tornar-se um mysterio de iniciados e uma religião hallucinadora. Foi uma phase especial do mundo, phase que começa na prégação de Pythagoras na Italia, em Onamacrito na Grecia, e se propaga de Paulo até aos Doutores apologetas que systematisaram a doutrina do Christianismo. Vista a esta luz da corrente historica a personalidade de Jesus nada tem de extraordinario, e desaparece como nulla debaixo da efflorescencia dos elementos mythicos de que as narrações lendarias o cercaram; o facto da propagação rapida do Christianismo foi uma consequencia do estado mental, em que pelo syncretismo das religiões do Oriente, Asia central, Asia Anterior, Asia Menor e Grecia, todas essas variedades de religiões tinham no fundo um mytho identico, o Sol do inverno que morre e ressuscita no verão, isto é um Deus que é morto pelo Mal e que ressuscita pelo Bem. Aqui o Mal é a Mulher, é a sua alliança com a



Serpente (symbolo tellurico) é Pandora, são as Baehantes, que despedaçam Orpheo, é emfim o resto do antigo culto da Terra, que persiste pela interpretação pejorativa, apesar de supplantado pelos cultos sidéricos dos povos semitas e árieos.

O conflito das raças, que se revela pela sua extinção, pelos cruzamentos forçados e pelo regimen da escravidão, dá-se na ordem moral no syncretismo das creanças religiosas, e na decadência dos mythos que se transformam em poesia nacional. Seguiremos apenas o facto do syncretismo dos diversos systemas religiosos, d'onde Tytor deduz este quesito, quo se devo applicar á critica das religiões superiores e de indole theologica: «Será o producto de uma theologia anterior, producto assás sensato para desempenhar um papel util em uma theologia subsequente?» Eis aqui o problema do Christianismo, emquanto ás doutrinas theologicas do *Sacrificio de um Mediador*, da *Ressurreição e immortalidade*, o das *Penas e recompensas*. Todas estas noções provieram de uma theologia anterior, mas susceptivois de serem allegorisadas, interpretadas, e adaptadas a um mais elevado estado da consciencia humana.

O conflito das raças de eivilisação turaniana



com as raças Kuschito-Semitas, reflecte-se no encontro dos dois systemas-religiosos o *Chthonismo*, ou o eulto da terra, e o *Siderismo*, ou o eulto do fogo, quer nos astros, quer reproduzido pela mão do homem. O antagonismo d'estes systemas religiosos reflecte-se no proprio nome de *Turan*, dado pelos Arias aos inimigos, aos negros, adoradores da Terra, os porturbadores dos saerificios. O eulto das Deusas-Mães teve o seu maximo desenvolvimento entre as civilisações acadica e babylo-nica, de origem turaniana, e pela força da tradição penetrou no Christianismo, em que o culto da Virgom-Mão quasi que supplantou o desenvolvimento mythico do joven-Deus que morre e resuscita. Este conflicto, quo entre os Padres da Igreja se revela por contradicções profundas, taes como fazerem da Virgom-Mãe o instrumento passivo da encarnação do Redemptor, ao mesmo tempo que declamam contra a Mulher como o principio do Mal, e a que se ligou com a *Serpente* para a perdição do genero hamano, este conflicto é muitissimo antigo: oncontra-se no polytheismo siderieo dos povos kuschito-semitas, o no polytheismo dos povos áricos, especialmente na Grecia. Os cultos decahidos tomam sempre um character magico, de intuito maligno; e a



personificação do Mal na *Serpente*, significa a victoria do systema polytheista do Fogo ou a Vida sobre o da Terra ou a Morte; antes do seu triumpho o deus solar succumbc e desce ao seio da terra, victima sublime do mal, de que se torna vencedor. Este lado decahido dos cultos telluricos teve um desenvolvimento magico no Christianismo na epoca terrivel da Feiticeria.

Os povos pastoraes consideravam os trabalhadores da terra, as raças agricolas, como *serpentes*; em um dos capitulos do Mahabarata vem uma lenda no *Artiha-Paria* em que se allude a um «povo de raça negra, um povo de serpentes, isto é, considerado como autochtone, porque os mythos de todos os ramos da raça ariana têm constantemente representado como *serpentes* ou sêres anguipedes as populações que elles consideravam como produzidas da mesma terra que habitavam.» (1) Eram agricolas os povos cujas civilizações rudimentares serviram de base ao desenvolvimento assombroso das raças semitica e árica. Os mythos solares caracterisavam especial-

(1) Fr. Lenormant, *Manuel de l'Histoire*, t. II, p. 418.



mente estas raças brancas, e combatendo o eulto de Terra, e a personificação da força feminina, ligaram á *Serpente* um caracter tellurico, malevolo e em relação com a *Mulher*. No Christianismo ainda apparece esta tradição interpretada na Virgem esmagando com o pé a cabeça da Serpente.

Na Biblia, a lucta do bem e do mal está representada na *Serpente*, (Gen. III, 1) que incita a mulher á desobediencia; como se constituiu esta entidade do mal a par do Jehovah, e perturbando-lhe a sua obra, o Genesis não o declara, porém este vestigio basta para indicar como a revolta dos Rakachasas veiu para a Judêa por via da mythologia persa. Na Persia, *Ahriman*, o princepe das trevas, luctava contra Oromazd com forças eguaes, e era representado sob a forma de *serpente*, e foi elle que introduziu todos os males no universo. Quem redigiu o Genesis estava debaixo da impressão do mytho persa e alludiu a elle sem o desenvolver. É tambem sob a forma da *Serpente* Migdar que o mal é representado na mythologia scandinava. A lucta entre a *posteridade da mulher* e a *serpente* confirma toda esta theogonia a que o Genesis não deu desenvolvimento. Em hebreu um dos nomes da serpente é

*Tzepha* ou *Tziphom*, que se deriva do nome de Thyphon, o genio do mal do Egypto, representado segundo Apollodoro com cauda de serpente. Os judeus, que nas epochas da escravidão acceitavam facilmente as religiões dos seus inimigos, caíam na idolatria; não podem ser considerados senão como syncretistas que assimilaram e confundiram. Nos Numeros (XXI, 9) a palavra *seraph* designa a serpente terrivel, e uma tradição recolhida em Calmet, diz: «que o nome de *seraphim* de uma das ordens mais gloriosas das intelligencias celestes, provinha de se tornarem visiveis em corpos luminosos e de fogo, que se assemelham a serpentes voadoras e ardentes.» (Dice. bibl. vb.º Serpent.) Quando o auctor do Apocalypse aproximou o Christianismo da philosophia oriental alexandrina, a *Serpente* desempenhou uma acção mais vasta, mas mais artificial. Quando as heresias se esforçaram por aproximar os mythos christãos das suas fontes orientaes, os Ophites consideraram a *Serpente* sem o stigma da malignidade persa, revelando toda a sciencia como um Promotheu; que a serpente era Christo, que mais tarde baixou encarnando-se em Jesus. Os orthodoxos do seculo II consideraram estas opiniões desvairadas; mas a tradição religiosa le-



vava os Ophites para a forma primaria do mytho.

A substituição do culto da Terra pelo culto do fetiche Fogo, operou-se nas raças indigenas da India, á medida que ellas se confundiram com os Arias; porém esta confusão não se deu sómente pelo facto da superioridade do polytheismo árico, havia uma tendencia para essa transformação entre as tribus anáricas. As raças agricolas, dadas aos cultos telluricos, pela sua vida sedentaria e organização familista conservam o fogo do lar domestico com um certo numero de cerimoniaes fetichistas, posto que de uma importancia secundaria. Entre os povos turanianos e entre as varias nações da Europa existem muitas superstições em que o Fogo é um sêr vivo, que se venera como genio domestico, que se conserva acceso com certos ritos, a quem se offerece o primeiro pedaço da refeição, sobre que se não deve cuspir, que se renova com cerimoniaes especiaes, e que se transporta para a nova habitação; aqui o Fogo não é ainda um fetiche. Qualquer circumstancia, como a especialisação de uma industria, ou uma fusão de raça, pôde tornar o Fogo um fetiche importante, transformando-se no rudimento polytheista do culto solar; assim entre os



povos turanianos alguns entregavam-se exclusivamente á metalurgia, e entre esses o culto do Fogo devia prevalecer sobre o culto da Terra. De facto a persistencia do culto do Fogo entre os Parsis ou Guebros, deve attribuir-se á persistencia do elemento turaniano do magismo medo-persa. As raças áricas ao desmembrarem-se nas migrações indo-europêas adoravam o Fogo antes de se transformar no polytheismo solar; era o deus Agni, que se foi elevando do uma simples personificação a um mediador. Em todos os ramos indo-europeus o Fogo teve uma consagração familista, e n'elles persiste ainda um grande numero de superstições primitivas. No ramo iranico o culto do Fogo conservado entre o povo, explica-se não só pelo estado do culto na epoca da desmembração da raça, como pela mistura com elementos turanianos.

O culto do Fogo entre os semitas explica-se pela mistura com elementos turanianos dados á industria metalurgica; de facto algumas raças semiticas viviam do commercio dos metaes, o que demonstra a necessidade d'essas relações. D'aqui a facilidade dos Judeus em receberem nos seus cativoiros os dogmas zoroastrieos e do magismo com que se elevaram ao jehovismo e ao ideal



messianico, tendo primeiramente abraçado os cultos babilonicos de Baal e de Moloch. O deus do Fogo tambom tinha entre alguns povos o sacrificio de victimas humanas. Na cosmogonia mongolica, o *Fogo sae das entranhas da Terra*, quando ainda não estava separada do Céu. Uma vez confundidos os dois fetiches da Terra-Mãe e do Céu, o Fogo tendia a tornar-se um deus independente, e uma reprodução artificial do fogo celeste. Estavam n'este estado as raças áricas ao entrarem na India, e por isso foi facil assimilarem as raças indigenas, que chegaram a ter representantes nas familias sacerdotacs. Christna, o deus negro, das raças agricolas, representa a transformação do fetiche da Terra no fetiche do Fogo; este saía da terra, nascia sobre o altar de terra, do araní, e era a encarnação palpavel do fogo celeste, do Sol, o creador de tudo. Foi sobre estas especulações cultuaes que as raças indigenas da India deixaram o culto da Terra polo do Fogo, ficando algumas apenas persistentes no seu fetichismo, como as tribus dos Khonds, e outras vivificando o chtonismo accadieo com o siderismo árieo, como vamos vêr no desenvolvimento de Mithra.

As divindades *femininas* planetarias da mythologia chaldeo-babylonica, Anât, Belit, e Dav-



kina, acham-se reduzidas a uma unica. Diz Lenormant, no livro da *Magia entre os Chaldeos*: «confundem-se umas com as outras, e na realidade reduzem-se a uma só, *Belit*, que as invocações ao cyclo dos grandes deuses mencionam quasi sempre com exclusão das outras duas. *Belit* é o principio feminino da natureza, a materia humida, passiva e fecunda, no scio da qual se produz a geração dos deuses e dos sêres. Uma inscripção de Sargon II, o Assyrico, diz «que ella tritura como massa os elementos do mundo». Suas principaes qualificações são «Deusa soberana, Senhora do abysmo inferior, Mãe dos Deuses, Rainha da Terra, Rainha da fecundidade.» Como a humidade primordial d'onde tudo saiu, ella é Tamti «o mar»; como deusa chthoniana e infernal, Allat ou Um-Uruk «a Mãe da cidade de Erech» a grande necropole da Chaldêa.» (1) O nome de *Belit* é a forma assyrica da antiga divindade accadica Nin-Ge, ou Nin-Gelal «a Senhora suprema;» importa bem precisar este facto para se conhecer perfeitamente que é um feticcho tellurico da grande raça turaniana, das civilisa-

(1) Ob. cit., p. 106.



ções accadicas da Asia Anterior; diz Lenormant no livro já citado: «A assimilação entre Nin-Ge e Belit faz-se melhor, quando se considera esta ultima sob a sua face chthoniana. Com effeito Mul-Ge e Nin-Ge, são, como os seus nomes indicam, o Senhor e a Senhora do Abyssmo inferior e das entranhas da crusta terrestre. As fórmulas d'Accad não os conhecem de outra forma. Uma vez dá-se-lhe como uma segunda denominação de Nin-Ge, outras como appellativo de uma deusa distincta, o nome de Nin-ki-gal—a grande Senhora da terra—, identificada nas listas bilingues dos deuses á semitica Allat, a rainha dos infernos na religião chaldeo-babylonica. Este nome de Nin-ki-gal caracteriza uma personificação da Terra tomada na massa, da mesma sorte que Damkina era originariamente uma personificação da sua superficie, etc.» (1)

Uma vez conhecido pelos documentos accadicos como sob a influencia do principio *feminino* o fetiche da Terra se transformou no mytho de *Belit*, vejamos como esta deusa da Terra, absorve em si todas as outras divindades femininas, e como veiu a confundir-se com o mytho vedico e

(1) Ib. cit., p. 153.



persa de *Mithra*. Foi por esta ultima via que o fetiche da Terra se identificou com o Fogo, e pela influencia turaniana que o Fogo teve uma importancia exclusiva entre o magismo medico. Eis o quadro das transformações:

BELIT, <i>Divindade feminina</i> <i>e chthoniana:</i>	}	Milit ou Militha.. Mithra (persa)
		Allat..... Allah (arabe)
		Lilitta (judaica)
		Istar, ou Istarath. Asthoreth (phenicia)

Por este quadro se vê a confusão que os mythographos achavam no mytho de Mithra, representando sob a noção de principio *feminino* e *masculino*, o Fogo; Creuzer chegara a recorrer á subtileza de considerar a forma *Mithras* como designação do principio masculino, e *Mithra* do principio feminino. Porém aqui não ha senão a confusão de dois nomes homophonos, que deu a confusão de attribuições; *Militta* é a designação da divindade feminina da Terra, entre o fetichismo turaniano, e *Mithra* é o nome árico do deus mediador e bemfeitor tal como se reproduz no character de Agni. Pode-se dizer que entre os persas o mytho de Mithras não teria mais desenvolvimento do que entre os Arias; e portanto que o seu



desenvolvimento foi devido ao syncretismo do fetichismo accadico, identificando este nome com o de Militta, na epoca da formação do magismo medico. Vamos esboçar rapidamente as transformações do mytho solar de *Mithra* segundo os modernos trabalhos sobre os Vedas e Avesta, e sobre os resultados adquiridos pelos assyriologos sobre as religiões chaldeo-babylonicas. Escreve Lenormant, no seu *Ensaio de commentario dos Fragmentos cosmogonicos de Beroso*: «A concepção do personagem de *Mithra*, como uma fórmula do Sol, remonta ao fundo primitivo das ideias dos Aryas; nós o encontramos em um dos Adytias da mythologia védica, e é impossivel que os auctores da primeira reforma mazdeiana não o conhecessem. Mas é evidente que nada tinha no seu systema da importancia que recebeu nos livros mais recentes do zoroastrismo; era algum personagem secundario, inferior por ventura aos Amescha-spentas; elle não era um deus collocado quasi na mesma linha que Ahura-masdâ, porque o mazdeismo na sua pureza primitiva só a este reconhecia o character divino supremo e completo. Rawlinson, (*The five great monarch.*, t. III, p. 360) observou com grande tino, que a introdução do culto de *Mithra* no culto publico deu-se simultaneamente

\*



com o de Anâhita, e que os dous factos apresentam uma connexão historica, a que é preciso attender. Effectivamente a inscripção de Artaxerxes Mnemon, em Susa, é o primeiro documento official dos reis achmênides que mencionam deuses ao lado de Ahura-mazdâ, e estes deuses são *Anahita* e *Mithra*, reunidos e formando um grupo indivisivel. O estabelecimento legal das suas adorações na cathegoria suprema foi simultaneo e derivado da mesma fonte. Desde o tempo de Artaxerxes é que Xenophonte falla de Mithra, como de um dos principaes entre os deuses nacionaes da Persia.» (1) A eusta das erenças populares proto-medicas, é que o mytho de Mithra confundindo-se com Militta pôde reunir-se com o culto magico de Anahita; a obra tradicional foi reconhecida muito tarde, e é por isso que nas partes mais antigas do Avesta, nem se falla no nome de *Mithra*. Diz Lenormant: «De forma alguma se faz menção de Mithra, e sobretudo do seu papel de Mediador (pois que o nome é já nos Vedas uma das personificações solares) nas partes mais antigas da collecção do *Avesta*, isto é, nos hymnos chamados *Gâthas*. As analogias que acabamos de in-

(1) *La Magie chez les Chaldéens*, p. 210.



96  
782  
dicar (sc. systema propriamente accadico sobre velho fundo árico) manifestam-se sobretudo nas partes da collecção quo representam um desenvolvimento posterior do mazdeismo, e os eruditos são hoje unanimes em admittir que estas partes do *Avesta* pertencem a uma phase nova da religião da Persia, onde o seu espirito originario havia já sido immensamente modificado pela influencia do magismo medico. Este mesmo magismo, que permaneceu muito tempo em lucta com o mazdeismo orthodoxo, era o resultado de uma mistura de antigas tradições iranianas, expressas nos *Gâthas*, com doutrinas estrangeiras, as da religião propria á antiga população turaniana da Media, apparentada de perto com os Accads da Chaldêa. As ideias estrangeiras supplantavam no magismo as ideias iranianas. E no que se pode entrevêr dos seus dados fundamentaes segundo os testemunhos dos escriptores classicos, e seus cultos dos elementos e dos espiritos, junto á importancia que ahi tinham os ritos magicos, lembram rigorosamente a religião dos livros Accadicos. É portanto admissivel, que as analogias notadas se derivem de uma communitade originaria do doutrina assim como de raça, entre os Accads e o fundo turaniano da população da Me-



dia, antes do que de uma acção directa das crenças dos velhos habitantes da Chaldêa sobre o mazdeismo.» (1) O desenvolvimento do culto de Agni entre os arias do periodo vedico deve attribuir-se ao mesmo fundo de populações turanianas da India, como o desenvolvimento de Mithra se deve ás populações turanianas da Media; este mesmo influxo, devido á mesma causa, prova-nos que na epoca da 'desmembração dos iranianos, ainda as povoações indigenas da Asia não se haviam misturado com os Arias. O culto do Fogo entre os Arias tomou o seu pleno desenvolvimento, quando se confundiu com uma divindade terrestre das raças agricolas, e este grande phenomeno religioso o estudaremos no mytho syncretico de Christna, que como divindade solar morre como mediador e ressuscita, como contam as lendas purânicas. O culto do Fogo entre os Persas, desenvolve-se quando o simples nome qualificativo de Mithra se torna uma entidade solar pelo syncretismo homophono com a divindade feminina da Terra, *Militta* ou *Belit*. Por esta identificação é que se explica a noção nunca comprehendida de Herodoto, que definia Mithra como

(1) *Ibid.*, p. 178.



uma divindade *feminina*. No mytho da criação do Fogo, entro os Arias, cabia uma parte essencial á nuvem, ou á humidade; é por isso que a concepção de Belit, como a humidade primordial d'onde tudo saíu, se podia identificar com o Fogo.

O mytho de Mithra, como solar, segue todos os desenvolvimentos épicos, que o Christianismo conservou na fôrma cultual; elle é a voz da verdade, o justo juiz, o mediador entre a humanidade e Ormuz, defendendo-a do captiveiro do mal. Mithra conserva o caracter de rei, como Christna e Christo, e como todas as divindades solares morre no vigor dos annos e ressuseita. O seu culto recebeu a fôrma do mysterio, em grutas, (presepio) usando a communhão e o baptismo. Os mysterios do Mithraismo foram recebidos pelos Judeus nos captiveiros da Assyria, e a influencia turaniana da Media conhece-se não só na parte iranica do Jehovismo, como na parte turanica das tradições populares de Lilitta. Pela Asia-Menor, isto é pelos pontos onde mais persistiu a raça turaniana, é que o culto de Mithra passa para Roma, preparando assim os caminhos para uma mais facil admissão da parte doutrinal com que o Christianismo entrou n'essa capital do mundo.



As doutrinas mystagogicas da Grecia alexandrina é que deram á noção mythriaca do Mediador o nome de *Christo*, que entre os judeus conservou a sua fôrma persica, e alguns attributos mythicos, no nome de Messias.

O nome de *Messias*, (em hebraico *meschiah*) apparece na mythologia persa designando um genio bemfazejo, *Mesch*, que protege as regiões meridionaes contra os ataques de Ahriman. Se o Diabo christão é a reproducção do Devas com o caracter malevolo que lhe deu a Persia, e uma parodia de Ahriman, não admira que o seu antagonista *Mesch*, se tornasse tambem entre os judeus o *Meschiah*, o enviado para proteger a humanidade da culpa original provocada pelo espirito do Mal. De facto na mythologia persa encontra-se a creação de *Meschia* e de *Meschiane*, exactamente semelhante á lenda de Adão e Eva; *Meschiane* é separada de *Meschia*, da mesma fôrma que Eva da costella de Adão; vivem em um lugar de delicias, na maior innocencia, e por sugestões de Ahriman aceitam um vaso cheio de leite de cabra, e alguns fructos, ficando d'ahi em diante conhecedores da maldade e sujeitos á morte. A mythologia persa é um systema completo, sem interpretações ou intuitos moraes, e



por isso evidentemente mais antiga do que os fragmentos mal ligados e forçadamente interpretados da mythologia judaica; a lenda do Eden é considerada como de origem persa, e consequentemente o ideal messianico resulta do desenvolvimento do mytho anterior, pela confusão de Meschia com o genio benevolo *Mesch*.

Quando os padres catholicos procuram os similes do ideal messianico entre diferentes povos, apontam entre os Samaritanos a tradição da vinda de um propheta para salvar a humanidade, a quem davam o nome de *Hathhab*; este nome, não comprehendido, recebe toda a luz aproximando-se do nome de *Abudad*, o touro da mythologia persa, cuja alma por pedido de Ormuz vem ao mundo salvar as criaturas. O culto do *bezerro* de ouro, entre os hebreus explica-nos a influencia medopersa por onde veio para os judeus a tradição messianica, que elles applicaram indistinctamente a *Cyro*, a *Ezechias*, a *Esdras*, a *Agrippa II*, a *Vespasiano* e outros. Isto prova que não era uma tradição de fundo nacional, e que só adquiriu um sentido extensivo e mystagogico com as especulações philosophicas. Ao mesmo tempo o elemento mythico do touro *Abudad*, dando um character solar á tradição messianica, facilitava a apropria-



ção do mytho do joven deus sacrificado, Mithra, com o Messias, que é anunciado por uma estrella aos Magos medo-persas; e nas tradições populares lá se conserva o *touro* junto do presepio, bem como entre as superstições dos primeiros seculos da egreja existia o baptismo *taurobolo*, isto é por meio do sangue do touro. (1)

Alfredo Maury, caracterizando as circumstancias que diferenciaram o naturalismo árico entre os dois ramos aryanos e iranianos, reconhece os elementos medo-persas sobre que se constituiu o Christianismo: «Emquanto para além do Indus o pantheismo naturalista era substituido por uma theogonia complexa que tendia para a idolatria, na Persia este pantheismo despojava-se gradual-

(1) No mytho de Christna, quando este culto estava em conflicto com o culto de Indra, e como vencido é no Rig-Veda equiparado a um demonio; Christna é filho não do *touro* ou o symbolo do bem, mas do bufalo, na qualidade de animal selvagem personificação do Mal. (Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. I, p. 82.) O lugar do boi no presepio de Christo, e as festas populares do *boi bento* ou do *boi-gordo*, correspondem ao processo de uma deificação analoga á que tornou Christna o deus das vacas, em *govinda* ou o pastor por excellencia. (Ibid.)



mente do que tinha de mais material e transformava-se em um dualismo, que continha em germen muito dos principios que o Christianismo consagrou.» (1) O desenvolvimento do principio dualista não resulta de uma elaboração espontanea do genio abstracto dos povos iranicos, mas sim da assimilação das doutrinas do magismo proto-medico das raças turanianas com que se fusionaram; é isto o que se demonstra com toda a clareza, estudando a origem secundaria de Mithra nos Vedas, e a sua transformação fundamental como um mediador de Ormuz, sacrificando-se pela salvação da humanidade.

Hoje que existem bellas traducções do *Avesta*, onde se encerra toda a mythologia iranica, ali se acham, na sua fórma a mais primordial, os mythos do Eden e do Diluvio, que os judeus copiaram inconscientemente, e por isso substituiram o character *cosmico*, não comprehendido, por uma interpretação *moral*; dogmas organicos do Christianismo, como a theoria das penas e recompensas, como a remissão da culpa pelo sacrificio, como a tentação demoniaca e a intervenção protectora dos Anjos, tudo isto se deriva das dou-

(1) *Legendes et Croyances de l'Antiquité*, p. 159.



trinas theologicas da Persia, sobretudo quando tomaram uma tendencia exclusiva de mysticismo, e que esse mysticismo penetrou na synagoga judaica. Alguns escriptores catholicos, como Lenormant e Arlez, este ultimo padre e traductor do *Avesta*, abstráem systematicamente das relações do successão chronologica e do criterio da evolução psychologica da humanidade, para considerarem estas fontes do monotheismo judaico e principalmente do Christianismo, como manifestações secundarias e pervertidas de uma revelação primordial dos mysterios christãos ao homem, revelação de quo só o judeu conservou a tradição pura! Quo esforços de imaginação para falsificar a corrente da connexão historica! Tal é o typo do criterio catholico, que até á moderna disciplina scientifica serviu de guia á razão para estudar a natureza, o passado humano, e dirigir a marcha das sociedades na sua politica, na sua moral e na sua industria.

A passagem do Christianismo, nos seus elementos primarios, da Asia para a Europa, foi a continuação de um grande phenomeno historico, que conieçara a operar-so seis seculos antes, e em virtude do qual a religião hellenica nos seus mythos e fórmas cultuaes se transformara pela



influencia dos cultos orgiasticos syro-phenicios. Esta influencia motivada por um maior desenvolvimento de relações commerciaes, e pelo contacto de novas colonias, revelou-se por modos diversos, por uma corrente de mysticismo popular de cultos secretos e domesticos propagados pela devoção feminina, e pela iniciação de doutrinas esotericas que as escholas orphicas adaptaram á velha theogonia de Hesiodo. Esta corrente religiosa chegou até Roma alguns sculos antes do Christianismo; de sorte que a Grecia se tornou o centro de elaboração dogmatica da nova religião, como se vê pelos livros dos proprios padres da Egreja, e Roma achou-se, pela vulgarisação do mithraismo e da moral estoica, com as condições de facil adhesão ao proselytismo evangelico. Era em Roma, então dominadora do mundo, que existiam as condições de universalidade (catholicidade) para a propaganda evangelica, e portanto ahi é que essa doença mystica do dogma da expiação podia desenvolver-se e organizar-se em uma associação disciplinada e propagandista, — a Egreja. Por este simples elenco de successão historica se vê que o Christianismo não foi um facto novo de uma phasa de elaboração moral, mas sim um resultado tardio, e por isso mal



comprehendido, de uma corrente mystica de cultos orgiasticos e proselyticos da Asia anterior, que desde sete seculos se syncretisavam com os cultos hellenicos; que o Christianismo veiu interromper a propagação das sciencias da Grecia, desviando a actividade mental da civilisação greco-romana para uma passividade mystica, que produziu a esterilidade da Europa até á Renascença. Um outro facto importante se deduz d'esta evolução historica: o polytheismo greco-romano não foi suplantado pelo Christianismo pelo estado de decadencia d'esse polytheismo; o Christianismo serviu-se de todos os symbolos materiaes d'esse polytheismo das populações áricas da Europa, para se introduzir na corrente dos costumes do Occidente, e o proprio polytheismo greco-romano já se havia alterado pela confusão com os cultos asiaticos syro-phenicios, phrygio-hellenicos e medo-persas, a ponto de se tornarem religiões proselyticas tão hallucinadoras como a religião do crucificado. Desconhecer estas relações tão evidentes de connexão historica, é impôr o Christianismo como um facto maravilhoso ou divino, quando elle não foi mais do que uma seita orgiastica, como a dos pythagoricos, dos essenios, dos therapeutas, e dos orphicos, mas que pelos seus



maiores absurdos se tornou perseguida adquirindo por esse modo o fervor proselytico, que fez reverter as anteriores tendencias orgiasticas.

A historia do apparecimento e propagação do Christianismo no Occidente, e a sua persistencia entre as raças áricas da Europa, deve ser precedida por dois trabalhos prévios: 1.º da historia das transformações dos cultos hellenicos pelo syncretismo com os cultos sensuaes e femininos da Asia Menor; 2.º da historia da introducção d'esses mesmos cultos em Roma, principalmente do Mithraismo.

São dous estadios de uma revolução moral que se passava no mundo, desde sete seculos, revolução natural proveniente do contacto de duas civilisações que se encontraram em frente uma da outra, a árica com a semita. Em quanto á parte material, as raças semiticas foram vencidas pelos povos áricos, como vêmos o Grego supplantando o Phenicio, e o Romano extinguindo o Carthaginez; porém em quanto á parte moral, a civilisação vencida communicou-nos o seu virus mystico.

Para historiar as transformações do polytheismo hellenico pela acção do erethismo sensual dos cultos orgiasticos da Asia, não iremos procurar nos mythos gregos senão aquelles que prepara-



ram a criação do mytho de um deus que se sacrificava, que morre e ressuscita, taes como o de Atys, de Adonis, ou de Zagreus. Alfred Maury, na *Historia das Religiões da Grecia antiga*, estuda este problema em toda a sua extensão, provando como entre os gregos já existia uma tendencia para a adopção de divindades e ritos estrangeiros, e explicando as causas historicas que determinaram em uma dada epoca a introdução dos mythos e ideias religiosas da Asia anterior e Menor na religião hellenica. Servir-nos-hemos dos factos accumulados por este digno homem de sciencia, para vêrmos como se deu essa elaboração psychologica que precedeu e até certo ponto foi uma das causas do apparecimento do Christianismo na historia. Diz Maury: «Um movimento continuo levou da Europa para a Asia o da Asia para a Europa certos cultos e certos deuses. Ope-rou-se uma troca incessante entre as Religiões da Asia Menor e as da Grecia, e seria impossivel determinar uma data precisa á epoca em que a Grecia começou a sentir a influencia religiosa das religiões visinhas.» (1) Maury determina essa epoca

(1) *Hist. des Religions de la Grèce antique*, t. III, cap. 15, pag. 66.



aproximadamente, fixando-a entre o sceulo VII e VI anterior á nossa éra, mas pelas palavras que deixamos transcriptas comprehendo-se que existiu uma influencia mais antiga, influencia que pôde determinar-se na acção da cultura phenicia sobre os povos primitivos da Grecia, e especialmente pelas origens semiticas das tradições e mythos epicos do cyclo troyano, como o tem descoberto os modernos trabalhos allemães. Estes factos importantes é que explicam a tendencia e facilidade dos gregos em receberem os cultos orgiasticos da Asia anterior ou semitica, tendencia que se tornou um facto de transformação religiosa, quando as colonias gregas e as relações commerciaes estabeleceram um maior contaeto com a Asia Menor, onde os cultos orgiastieos estavam em um maior estado de rudeza primitiva na Thracia, na Phrygia, e por onde as raças medopersas passavam para a Europa.

Maury, analysando esta segunda epoca de transformação religiosa, diz: «Tudo o que se pôde afirmar, é, que foi a partir dos seculos VII e VI antes da nossa éra, que os emprestimos feitos pela Europa á Asia se tornaram de mais em mais frequentes. O desenvolvimento das relações commerciaes poz em trato habitual os povos das mar-



gens oppostas do Mediterraneo. As colonias, que os Dorios, Eolios e Jonios haviam mandado para o litoral da Asia Menor, entreteinhão com a mãe patria relações, em virtude das quaes a religião, bem como a politica, recebiam a influencia.» (1) O naturalismo hellenico, pelo seu vago antropomorphismo, prestava-se á facil confusão não só com os cultos fetichistas dos Genios dos povos turanianos, como á identificação com os Deuses de attributos sexuaes dos cultos semitas; sobre este ponto, accrescenta Alfred Maury: «E na religião grega não havendo cousa nitidamente definida, as concepções divinas tinham uma fórma incerta, e recebendo numerosos aspectos, os deuses podiam facilmente conformar-se com a physionomia asiatica. Foi o que aconteceu, sobretudo na Lydia, na Caria, na Lycia e na Mysia; a ponto de, bastantes vezes, quasi que se não pôde distinguir na legenda e no culto attribuido ás divindades gregas o que foi trazido dos paizes hellenicos e o que o genio asiatico n'elles introduziu.» (2)

Perrot descreve com palavras eloquentes, o ca-

(1) Op.cit., p. 67.

(2) Id., ibidem, 67.



racter das religiões orgiasticas da Syria e da Asia Menor, tal como se conserva nos cultos femininos e na morte prematura do joven deus:

«O que se adorava em Paphos como em Byblos era a energia mortifera e fecunda da natureza sempre occupada em destruir e em criar, em reparar pela união dos sexos e por uma eterna gestação as perdas que a morte impõe á vida. Às peripecias d'este drama sem desfecho, que recomeça sempre para nunca acabar, a ellas se associam as almas com uma sinceridade de sympathia e uma sensibilidade apaixonada, que hoje nos custa a comprehender. No inverno ellas se entristeciam com o esmaecimento e desolação da natureza, choravam a morte de Adonis, do joven deus solar que a preza do monstro arrebatara d'este mundo de que era o encanto lançando-o na cova; mas uma vez vinda a primavera, nos primeiros dias de Abril, ellas exultavam com transportes mais vivos ainda e mais desenfreados, com gritos de jubilo, em dansas, em cantos, em ruidosas orgias; celebravam o sol que despertara, bem como o amor que circulava de novo nas veias de tudo o que tem vida. Uma das praticas que caracterizam melhor as religiões syriacas, as prostituições sagradas, tinham seu logar como de

\*



ante-mão indieado em um eulto semelhante. As *hierodulas* de Paphos não eram menos famosas do que as de Corintho, que tambem, em tempos remotos, soffrera a aegão das ideias e reeebera a tradição dos cultos da Syria.» (1)

Em Corintho as *servas da persuasão*, dedicavam-se ao eulto orgiastieo, e usavam uma mitra analoga á que usam as freiras ehristãs; o pombo que ellas tinham na mão eomo symbolo da feundidade, pela sua analogia phaliea, eonservouse no Christianismo no Espirito Santo, que vivifiea. No apostolado ehristão, eomo provou David Ferrières as agapitas eram consagradas ao goso dos que íam de terra em terra prégando a boa nova; e segundo a noção conservada por Origines na Homilia sobre Jeremias, o *Espirito Santo* era eonsiderado eomo a *Mãe* de Jesus, o que leva a eomprender a sua relação com o symbolo phalico da pomba.

Assim eomo no culto da Terra era o *macho* que se sacrificava para tornar propieia a divindade, em uma nova phase social em que prepon-

(1) George Perrot, *Elementos phenicios da civilisação grega*, ap. Rev. des Deux Mondes, 1879, t. xxxiii, p. 381.



derava o regimen do patriarchato, a *mulher* é escolhida para o sacrificio funebre na morte do heroe ou do chefe. Entre os povos selvagens, é geral este costume de se sacrificarem todas as *mulheres* que pertenciam ao guerreiro junto do seu eadaver; este costume transmittiu-se aos povos áricos, como vêmos pela *suty*, ou a joven viuva que se sacrifica espontaneamente junto do marido, como no mytho de Brunhild, que se lança á fogueira do seu esposo Sigurd; dos Vendes diz S. Bonifacio, «que o amor conjugal é tão venerado, que é estimadissima a mulher que se mata pelas suas mãos para que possa ser queimada sobre a fogueira do seu senhor.» (1) Na morte do joven-Deus, dos mythos solares, como Thamuz ou Athys, são as *mulheres* que o choram pelos montes, que se dilaceram, ou despedaçam todas aquellas pessoas que encontram. São as *mulheres*, as filhas de Jerusalem que pranteam a paixão de Jesus; e os jovens-Deuses descem ao seio da Terra-Mãe para trazerem consigo as mulheres, as forças immanentes que lhe faltam: assim Baccho vae buscar *Semele*, Orpheu vae á procura de *Eurydice*, Hercules vae agarrar o Cerbero, Ulysses

(1) Apud Tylor, *Civil. prim.*, t. I, p. 540.



vae apoderar-se das *Trevas* eimmerias, e Christo vac combater as trevas do Limbo, para trazer as almas dos patriarchas. Os Padres da Egreja seguiram inconscientemente esta antiga orientação mythica, em que a mulher era sacrificada, em que, como na lenda de Eva, era a introductora do mal no mundo, *felix culpa*, motivo da morte do joven-Deus, que vem resgatar a *Alma* ou a *Psyche* das trevas do peccado. (1)

A *emasculação*, tão celebrada de Origenes, quando se compara com o rito dos sacerdotes de Cybele que no seu furor orgiastico se castravam, uso que o rei Abgare chegou a prohibir nos seus estados, e se vê este mesmo rito dos cultos da Asia Menor reproduzir-se na seita russa dos Scoptizi, (2) comprehende-se como é que na historia do Christianismo, este factio aparentemente ac-

(1) Sobre este syncretismo escreve Havet: «O jogo do acaso converteu estas fabulas da Asia em outros tantos artigos de fé, que reinam ainda no Occidente, ao passo que uma multidão de homens que os aceitam com submissão crêem e repetem que o Christianismo destruiu a Mythologia.» *Le Christianisme et ses Origines*, t. I, p. 25.

(2) Alfred Maury, *Religions de la Grèce antique*, III, 86.



cidental é uma consequencia da sua reproducção dos cultos orgiasticos syro-phenicios. O voto de castidade perpetua entre os homens foi uma forma de adopção moral da emasculação dos Galles; o voto da mulher e a sua reunião claustral foi a forma da instituição das vestaes nos diferentes cultos do fetiche Terra. A cruz, n'este caso, tem o mesmo symbolismo phalico que o *archigalle* dos sacerdotes de Cybele. (1)

As analogias do mytho christão são frequentes com todos os cultos expiatorios syro-phenicios; o que se dá com o culto de Atys, dá-se tambem com o de Adonis, cujos sacerdotes tambem praticam a emasculação. Como Christo, Adonis morre e ressuscita, e é chorado pelas santas mulheres. Sobre a paixão de Adonis não podemos deixar de transcrever as palavras de Alfred Maury, fundamentadas sobre as observações de Otto Iahn: «Esta solemnidade (a paixão de Adonis, em Byblos,) que alentava poderosamente o sentimento religioso, parece ter tido alguma analogia com os usos que se praticam na Igreja catholica na sexta-feira santa; ali tambem se festeja a morte e a ressurcição de um deus. A dor

(1) Ib., p. 221.



de Astarte era apresentada quasi sob os mesmos traços que a da Virgem em presença do eadaver de seu divino filho, e os gregos, substituindo Venus a Astarte, collocaavam sobre o seu seio o deus expirando, em composições que lembram a *Pietá christã.*» Por um certo numero de superstições populares no proprio Christianismo, por eeremonias não comprehendidas do culto tradicional, e em grande parte pela iconographia, é que se re-compõem todos os elementos historicos que entraram n'esta religião syneretiea, que radieou nas raças tão progressivas da Europa a atrophiamental das religiões orgiasticas da eivilisação syro-phenicia. (1)

(1) No culto de Adonis eneontra-se um uso que se conserva em Portugal, que consiste em fazer germinar trigo em agua em pires, que ornãm o presepio, e tambem pela paschoa. Transcrevemos aqui as palavras de Maury: «Durante esta noite solemne, em que se suppõe que Adonis perde a vida, semeia-se em potes de barro, ou em açafates plantas de facil germinação, e sobretudo a leituga, que figura na lenda do Deus e sobre a qual se diz que morrera, ou tambem feno, eevada e trigo; é ao que se chamava *jardins de Adonis.* Estes vasos ou cestos eram collocados nos tectos das casas, ao lado de pequenas figuras de cera ou de barro representando o deus.



A epoca da propagação do culto de Mithra em Roma, fixa-se, segundo Plutarcho, na *Vida de Pompeio*, no anno 68 antes da éra moderna; haviam sido trazidos os mysterios mithriaeos pelos piratas cieilianos. Os escriptores latinos consideraram Mithra como uma divindade solar; tal era a opinião de Quinto Curcio, fundada sobre a comprehensão da creença vulgar. Diz Maury: «Explica-se, que passando para a Europa, o culto d'esta divindade tomasse o caracter de uma reli-

O calor do sol augmentado pela reverberação, fazia promptamente germinar estes cercaes, estas plantas herbaeas destinadas a representar symbolicamente a vinda da vegetação, mas cuja existencia ephemera se tornava proverbial. Quando as plantas haviam brotado, e que começavam a verdejar, festejava-se a volta dos dias quentes, ou da ressurreição do deus.» (*Hist. des Rel. de la Grèce antique*, III, 222.)—Evidentemente, nos costumes domesticos portuguezes se conserva a tradição dos *Jardins de Adonis*, e como estes são milhares os paradigmas cultuaes por onde se vê a natureza de um mytho solar transparecendo através da forçada evhemerisação de Christo. O mytho de Adonis tambem chegou a ser evhemerisado na Grecia, e para este processo que tende a dar realidade historica ao mytho podemos considerar as lendas ou fórmulas epicas como um gráo espontaneo.



gião heliaca, e se confundisse aqui com o das divindades solares da Grecia e da Phrygia. Foi assim desfigurado que no primeiro seculo da era christã era este deus adorado no Ponto e em outras provincias da Asia Menor.» E fallando das condições especiaes que determinaram a sua propagação em Roma, continúa Maury: «Para os soldados romanos, que abraçaram com ardor uma devoção que se dirigia a uma divindade sempre victoriosa, Mithra tornou-se pura e simplesmente o Sol. As numerosas inscrições latinas consagradas a este deus persa o authenticam. *Deo Sole invicto Mithrae*, é a fórmula constantemente empregada.» (1) Importa deixar bem accentuado o fervor contagioso d'este culto, cujas formas o Christianismo conservou apropriando-se d'ellas para entrar na corrente proselytica, e continuar a transformação do polytheismo greco-romano; mas estas relações mithriacas eram tão importantes, que depois de constituido o Christianismo teve de condemnar como hercsias as opiniões dos Manicheos, que tiravam as consequencias da doutrina. Pode-se dizer que foi apropriando-se dos mysterios mithriacos, em cujo culto se syncreti-

(1) *Croyances et Legendes*, p. 171.



savam ideias egypcias, syriacas e phrygias, que o Christianismo, apenas doutrina de moral mystica de eschola ou seita particular, alcançou essa tendencia proselityca a que chamou *evangelisação*. Fallando da propagação do culto de Mithra, sobre que se enxertou o Christianismo, prosegue Alfred Maury: «Já dissemos, que foi pelo anno de 68 antes de J. C. que os mysterios de Mithra começaram a ser conhecidos no mundo greco-latino; ahi alcançaram um prodigioso successo, e contaram milhares de adeptos. O polytheismo antigo procurava alentar os membros frios ao fóco ainda ardente das crenças orientaes. Mithra era adorado não sómente na Persia, mas na Armenia, na Cappadocia, onde já se fazia sentir poderosamente a influencia romana. O rei Tiridates, tendo chegado a Roma para se fazer coroar, dizia a Nero, que elle o vinha implorar como a um outro Mithra. Durante mais de dois seculos era crescente o fervor de ir fazer devoções ao deus persa, objecto dos sarcasmos de Luciano. E no tempo de Adriano, o seu culto era tão popular, que um escriptor grego, Pallas, compoz sobre este assumpto um tratado especial, de que Porphyrio nos dá conhecimento. Já fallei do grande numero de monumentos mithriacos, baixos-relevos, e inscrições,



que têm sido deseobertos e se conservam nos museus.— Conservando o seu caracter exotico, Mithra tomou logar no pantheon greeo-latino, ou para melhor dizer, n'este pantheon eosmopolita tornado a religião do imperio, nos ultimos seculos do paganismo. Os escriptores d'osta epoca fazem constantemente allusões ao seu eulto, como a uma cousa universalmente conhecida.» (1)

O eulto de Mithra propagou-se por todo o dominio do imperio romano, nas Gallias, na Hespanha e na Bretanha. Nas inscrições latinas de Portugal e Hespanha colligidas por Hubner, da academia de Berlim, acha-se com frequencia o nome de Mithra em lapides votivas. Sobre a sua extensão esereve Dupuis, fallando de um monumento mithriaeo da Gram Bretanha: «O auetor inglez, que fez uma dissertação sobre este monumento, particuliarisa os traços que podem estabelecer as relações que existem entre as festas do naseimento de Christo e as do nascimento de Mithra. — Elle nota com razão que o eulto mithriaeo estava bastanto propagado em todo o imperio romano, sobre tudo na Gallia e na Gram

(1) Ib., p. 179.



Bretanha.» (1) Bellos trabalhos modernos existem sobre o culto de Mithra, e por elles se póde vêr a sua persistencia nas superstições populares; o proselitismo tão rapido da religião christã na Europa, em uma epoca de violencia moral, eomo a da decadencia do Imperio, não se daria tão facilmente se não existisse essa preparação mithriaca, que os padres da Egreja conheecram, e cuja conformidade com os mysterios christãos explicavam por uma parodia maligna feita pelo Diabo.

Como Christo, Mithra apparece na sua allegorisação luminosa, como uma personificação da verdade e principalmente como um *Mediador* entre Deus e o homem, *Mesites*, como lhe chamava o auctor do Tratado de Isis e Osiris. Como deus luminoso combate as trevas, os *Daevas*, que os persas desenvolveram com character maligno, e que os christãos acceitaram como o *Diabo*. O dogma dualista do Mithraismo entrou no christianismo sendo base de uma moral phantastica, de *homo duplex*, na lucta da alma com o corpo, lucta que tomou as fórmãs do ascetismo e da penitencia ou mortificação systematica. Nas lendas christãs,

(1) *Abregé de l'Origine de tous les Cultes*, p. 277. (Ed. 1834).



como o Evangelho de Nicodemus, a descida de Christo aos infernos, ou logar das trevas, provém tambem do character mithriaco imposto pela corrente popular, que accetava o novo culto como uma fórma mais clara dos mysterios orgiasticos.

Apesar do deus Mithra ser uma personificação da luz que combate as trevas, os crentes medo-persas não deixaram de *evhemerisal-o*, considerando-o como um homem, que effectivamente existira; diz Maury: «Mithra era conhecido sob uma fórma bastante humana, para que os Persas não fossem levados a figural-o como um sêr terrestre, e a transformar a sua historia symbolica em uma legenda em que o antropomorphismo tomou um logar de cada vez mais importante. As religiões antigas nos fornecem constantemente factos analogos.» (1) Adonis, deus solar, tambem modificado nas fórmas do seu sacrificio pelos cultos asiaticos e communicados á Grecia através da Phrygia, tambem foi *evhemerisado*, considerado como um personagem tendo historicamente existido; o mesmo se dá com Buddha. Porque é que Christo, desenvolvido pelo syncrctismo d'estes diversos cultos solares e proselyticos hade escapar

(1) *Croyances et Legendes*, p. 174.



a uma lei geral d'esta phase mystica das religiões? a conversão dos elementos mythicos em uma personalidade historica é uma consequencia natural. (1) Portanto a sua realidade só podia ser admittida como historica até ao tempo em que as leis da imaginação humana eram desconhecidas. Só pertence á historia a phase de propagação de um culto expiatorio que em Roma e nas conquistas romanas se enxertou sobre o mithraismo; o typo mythico, que se personifica com o nome de Christo, dissolve-se nos elementos poeticos pelo processo historico comparativo inaugurado pela sciencia das religiões. A divinisação cvhemerista de Christo corresponde a um estado moral dos primeiros christãos; o que ellas fizeram a Christo, fizeram a todos os deuses do polytheismo greco-latino, criticando-os como homens que historicamente existiram, e criticando os seus attributos como actos praticados. (2)

(1) Um historiador armenio, Eliseu, conservou a tradição de que Mithra era filho de uma mulher, e de sangue real. Ap. Maury, *ib.*, p. 176.

(2) Este estado de espirito é o que predomina em todos os padres da Egreja, e foi pelo lado *immoral* que combateram o polytheismo.



A phrase evangelica «*super hanc petram edificabo ecclesiam meam*» é um desenvolvimento da lenda mithriaea, em que o Deus mediador nasce de uma pedra, ou em uma caverna. Diz Maury: «Reconhece-se que Mithra nasceu de um rochedo, ou para melhor dizer, que veio á luz em uma anfractuosidade ou gruta, como o Christo, no dizer de um antiga tradição conservada por Sam Justino. (*Dial. com Tryphon*, c. 70.) Esta lenda liga-se a um conjuncto de symbolos conhecidos dos primeiros christãos e bem assim dos Persas; provam-no estas palavras de Commodiano, poeta christão do terecio seculo, em uma das suas instrucções: *Invictus de petra natus, si Deus habetur, nunc ergo retro vos de istis date priorem vicit petra Deum, quarendus est petrae creator.*—Nascido da pedra, é um epitheto que pertence a Mithra. É no fundo de uma gruta que se celebrava, em memoria do seu nascimento mystico, os mysterios d'este deus. N'esta gruta ardia o fogo, que era o seu emblema. Esta gruta figura sempre nos baixos relevos mithriaeos, e é meneionada por uma multidão de escriptores.» (1) A arte christã conservou a tradição d'este caracter mithriaeo no

(1) *Croyances et Legendes*, p. 174.



*presepio* onde nascee Jesus Christo em circumstancias bastante caracteristicas de um deus solar, como a 8 antes das kalendas de janeiro, isto é, a 25 de dezembro, quando os romanos celebravam os jogos de circo ao *natalis invicti*, epitheto do deus Mithra, no solstieio do inverno. O valor mythico da caverna mythriaca não deixou de influir na formação das Catacumbas de Roma, e ao mesmo tempo na sua adaptação como templo aos primeiros crentes, que ali celebravam os seus banquetes *agapicos*, semelhantes aos banquetes dados pelo chefe dos Mobeds na festa de Mithra. As crenças populares conservaram a tradição da caverna, e no *Evangelho de Nicodemus* Christo depois da sua resurreição desce ao limbo, combatendo as trevas; e em varios pontos da Europa as grutas foram adoradas, chegando algumas, como a *Caverna de Sam Patricio*, a representarem a resurreição moral pela penitencia dos que ali entravam.

A poesia moderna inspirou-se do syncrctismo d'estas tradições inconscientes do povo e compoz essas visões da baixa cidade media das descidas ao inferno, taes como se descrevem na *Visão de Tundal*, e n'esse cyclo immenso do descenções á caverna escura que precedeu o traba-



lho litterario de Dante na *Divina Comedia*. O boi do presepio, apparece tambem na caverna de Mithra, porque segundo os mythos áricos os bois ou vaccas são o emblema da luz do dia. Os primeiros padres da Egroja interpretavam as representações mythicas á letra, e como Fimico Materno, faziam de Mithra um deus de ladrões; e Christo seguiu tambem esta interpretação lendaria sendo crucificado entre dous ladrões.

O *rochedo mithriaco* apparece tantas vezes nos monumentos das catacumbas como symbolo christão, que é impossivel desconhecer as relações entre estes dois cultos; servir-nos-hemos das descobertas de Rossi, vulgarisadas no resumo de Northcote: em um fresco pintado por cima de um arcosolium no cemiterio de Callisto, existe ao lado da figura do Bom Pastor, entre duas outras figuras «um rochedo, o verdadeiro rochedo do deserto.» (1) Os criticos confirmam o emprego d'este symbolo artistico com as palavras de Sam Paulo: «e a pedra era Christo.» (Epist. I aos Corinthios,

(1) *Rome souterraine*, p. 309. Trad. Allard.



cap. x, v. 4). (1) Uma figura ferindo um *rochedo* com uma vara, assumpto frequentissimo na arte das catacumbas, tem sido interpretada aproximando-a da tradição de Moysés ferindo a rocha de que brota agua; porém sabendo-se como a egreja primitiva e a synagoga se odiavam, não se justifica a reprodução allegorica de uma tradição judaica. Na parte iconographica dos primeiros seculos da egreja é que se acham na sua maior espontaneidade os *symbolos populares* do Christianismo, por onde se descobre um *fundo tradicional aryano* que prevaleceu na religião nova, que até ao IV seculo propagou os mythos da *Natividade* antes das representações morphi-cas da *Paixão*. Em uma transfiguração representada no mosaico de Santo Apollinario de Ravena, do seculo VI, Christo está figurado pela cruz (o *arani* que produz *Agni*) tendo a seu lado *Helias* e *Moysés*; a interpretação d'estes symbolos é puramente aryana, como o demonstra Emilio Burnouf: «Que *Helias* representa o sol é difficil de o pôr em duvida, quando se vê na Egreja do

(1) Servimo-nos da tradueção do P.<sup>e</sup> Ferreira de Almeida.

\*



Oriente os templos de *Helios*, nos eumes das montanhas, substituidos por capellas de Santo Helias, e a lueta d'este com o demonio maeaquada da lueta natural do sol naseente e da noite.» (1) Em alguns outros monumentos com os mesmos symbolos o nome de *Helias* acha-se na fórma latina de *Sol*, como acontece com o nome latino *Luna* que substitue *Moysés*, (segundo Burnouf, *Moses*, do sanskrito *Mâsa*) o que concorda com as tradições vedicas de Agni transfigurando-se sobre o altar e eclipsando o sol e a lua. Em um capitulo especial trataremos d'este elemento popular aryano até hoje confundido com os symbolos e doutrinas medo-persas, apesar de provirem ambos de uma fonte commum, diferenciados no meio semitico. Os padres da Igreja explicando o symbolo do *rochedo*, que pertencia ao mithraismo, o qual tinha a iniciação do baptismo, bem procuram encobrir as relações do Christianismo com allegorias biblicas; Tertuliano diz da agua do baptismo «*quæ defluit de petra*» (*De baptismo*, 9), e Sam Cypriano, fallando da agua que sae da pedra, commenta: «*nós vemos ai o Christo, que é o roche-*

(1) *Science des Religions*, p. 250.



do, ferido de um golpe de lança na sua paixão.» (Ep., LXIII) (1)

Uma vez admittido no symbolismo christão o *rochedo* mithriaeo, a imaginação personificou-o, e fez Podro, o apostolo depositario do poder de Christo: «*Petrus tu es petra.*» Diz Gubernatis, (na *Mythologie zoologique*, II, 373): «o máo calembourg greeo-latino em relação com o peixe, que fez Christo sobre as palavras *petrus* e *petra*, é uma outra circumstancia mythica que me transporta ao mundo aryano e me afasta do meio semitico e da fé pueril na authenticidade judaica da legenda evangelica.» Prudencio equipára Pedro a um novo Moysés; no fundo de uma taça achada nas catacumbas, e hoje no museu do Vaticano, vê-se uma figura tocando o rochedo, tendo no alto em letras *Petrus*. (2) Estes monumentos artistieos nos explicam o processo da personificação da *pedra* mithriaca e phalica (3) no primeiro chefe da Igreja.

(1) *Rome souterraine*, p. 320.

(2) *Ibid.*, p. 364, fig. 39.

(3) Uma cantiga popular portugueza, diz na sua inconsciencia tradicional:



Nas catacumbas os vestigios mithriacos apparecem inconscientemente nas fórmas da arte christã. Na representação dos tres hebreus que não querem adorar o idolo de Nabuehodonosor; elles estão pintados «usando a *tiara phrygia*, a tunica, as calças ou *saraballi*, como os sectarios

Tres voltas dei ao *penedo*  
Para namorar José;  
Namorei-o em tres dias,  
Valeu-me a mim dar ao pé.

O culto das *pedras phalicas*, das raças ante-historicas da Europa, appareco aqui, na ideia do casamento ligado á de uma dança em volta do penedo ou menhirs. Gerard Riale cita os trabalhos de Piette o de Lacaze sobre «as superstições relativas aos monumentos mogalithicos nas regiões pyrenneanas, em que as *rochas phalicas* conservaram toda a confiança dos aldeãos: tal é a pedra de Pourbeau, á sombra da qual as uniões entre rapazes e raparigas se concluem antes de se apresentarem ao maire ou ao cura, em volta da qual se dansava na noite de terça-feira gorda em uma dança obscena; tal é tambem o menhir do Bourg-d'Ouvil, que as mulheres abraçam e tocam de um certo modo para serem focundas.» (1) Na cantiga portugueza allude-se á dança em volta do *penedo*, e esta dança era acompanhada de canto,

(1) *Mythologie comparée*, I, 173.



de Mithra ou outros orientacs;» (1) a adoração dos tres Magos tantas vezes pintada e esculpida nas catacumbas, é um assumpto de intima conexão com o mithraismo. Os adoradores de Mithra tambem precederam os christãos no uso de hypogeos, e Raul Rochette e Bottari chegaram a confundir, apezar do seu immenso saber technico, os hypogeos mithriacos com catacumbas christãs, (2) como o provou Garrucci. Os proprios archeologos christãos reconhecem nos assumptos tratados na arte das catacumbas themes contra-

como se pode inferir pelo vestigio primitivo conservado por Gil Vicente, e que no seculo xvi estava já transformado em um jogo popular:

No *penedo*, João Preto,  
E no *penedo*.

Quaes foram os perros,  
Que mataram os lobos,  
Que comiam as cabras,  
Que roeram o bacello,  
Que puzera João Preto  
No *penedo*? (*Obr.*, t. II, 448.)

(1) *Rome souterraine*, p. 319.

(2) *Ibid.*, p. 262.



rios aos dogmas, como elles depois se fixaram: «os pintores christãos esqueceram voluntariamente os ensinios da Egreja, e introduziram nos seus assumptos as mais solemnes particularidades ou contrarias ao dogma ou indecentes.» (1) Este é o facto; a explieação é outra; o dogma é que se modificou no interesse de uma corporação, e a parte sensual significa a relação com o elemento orgiastico do culto mithriaco sobre que o Christianismo se estabeleceu, bem como as particularidades contrarias ao dogma se derivam do culto de Agni ou do mytho da producção do fogo, conservado entre o povo. Por isso o Concilio de Elvira prohibiu o uso das obras de arte no culto, talvez pela persistencia das fórmias tradicionaes que revelavam a origem da nova religião.

Muitas eerimonias mithriacas passaram para o Christianismo sem intuito theologico; as ceremonias mazdeanas do *baptismo*, da *confissão*, e da iniciação pela penitencia ou grãos por que passa o neophyto, a *communhão* ou offorta de pequenos pães, a que os textos zendes se referem com

(1) Ibid., p. 264. Esta critica provém da interpretação dos monumentos archeologicos pelo falso ponto de vista das origens *semiticas*, refutadas por Bunsen.



o nome de *darum*, já se praticavam em Roma, de modo que na sua systomatisação theologica a Igreja teve de condemnar como heresias, o que eram grupos religiosos desenvolvidos sobre o mesmo fundo de crenças mithriacas.

Os *pães* mithriaeos acham-se representados em uma pintura da *crypta* de Lucina do seculo II; ahi se vê o *peixe* tendo sobre o dorso um cesto cheio de pães: «Estes *pães* são cinzentos, e têm a forma das offerendas que os Orientaes e especialmente os Judeus, apresentavam aos sacerdotes em certas estações do anno; os Romanos designavam os pães d'esta fórma pelo nome barba-ro de *mamphula*.» E um pouco abaixo, aacrescentam os abreviadores de Rossi: «Os Judeus e os pagãos serviam-se de cestos semelhantes nos sacrificios, e os primeiros christãos alli depositavam o *pão* consagrado, quando não tinham para o receberem ouro ou prata.» (1) O baptismo mithriaco pelo leite e mel, e a unção pelo oleo de *ban*, reproduzem-se nas primeiras épocas do Christianismo: «Lembremos aqui, dizem os abreviadores de Rossi, o antigo uso de fazer comer ás

(1) *Rome souterraine*, p. 292.



crianças depois do baptismo um pouco de leite e de mel; pratica de que fallam Tertuliano e S. Jeronymo, e cuja tradição se conservou, ao menos para o baptismo administrado no sabbado santo, até aos seculos IX e X.» (1)

Diz Maury, com um profundo senso historico: «É erradamente que os christãos nos representam o *Manicheismo*, e as Seitas gnosticas como simples heresias. Estas seitas constituíam realmente religiões distinctas da de Jesus, ellas eram baseadas sobre outras mais antigas. Em materia de religião, nada se cria de uma vez, e as crenças, como todos os phenomenos da natureza, transformam-se, modificam-se, mas não se improvisam.» (2)

O apparecimento do Christianismo em Roma liga-se ás causas geracs que provocaram essa grande elaboração religiosa, que o precedeu, e de que elle foi uma das muitas consequencias: 1.º O syncretismo dos dogmas zoroastricos com

(1) *Ibid.*, p. 292. No 1.º livro do Grihyasutra do Açvalayana, cap. 17, vem descripto o baptismo indiano com agua tepida e leite coalhado. Gubernatis, *Piccola Encyclopedia indiana*, p. 65.

(2) *Croyances et Legendes*, p. 173.



os cultos proto-medicos; 2.º O syncretismo dos mythos hellenicos com as formas cultuacs das religiões syro-phenicias; 3.º O desenvolvimento philosophico das doutrinas de expiação e de eschatologia, entre os orphicos, entre os essenios e therapeutas, propagando-se simultaneamente para a Judêa e para Roma; 4.º A tendencia exageradamente proselytica que as religiões adoptaram pelas suas fórmulas de iniciações mysticas, e impressões produzidas nas mulheres, que se tornaram as principaes propagadoras; (1) 5.º A persistencia dos mythos populares indo-europeus da producção do Fogo, que deram o primeiro logar ás lendas da *Natividade*, e da *encarnação* em vez da medeação; e facilitaram a apropriação do culto das Virgens-Mães.

As perseguições imperiaes é que fizeram que o Christianismo se tornasse exageradamente proselytico, e por isso assimilasse a si todo esse fun-

(1) Diz Alfred Maury, confundindo ainda o elemento *assyrico* com o *medico*, hoje perfeitamente estudado: «Nos primeiros seculos da nossa éra, nos dous ou tres seculos que os precederam, os dogmas da Persia misturados com os da religião assyrica, espalharam-se até aos confins do mundo grego e aí suscitaram crenças e



do de ritos mithriaeos e de doutrinas eschatologicas, que ainda appareceram dispersas em alguns pequenos nucleos de religiões, e que elle perseguiu depois como *heresias*.

Os primeiros sacerdotes christãos trajavam o *pallium* dos philosophos; tal é o modo como apparecem vestidos nas pinturas das catacumbas; esta circumstancia está revelando que a parte doutrinal do Christianismo, saída das especulações de escholas philosophicas, aproveitou as tendencias populares orientadas pelo mithraismo para um culto de iniciação e de mysterio. Sobre o uso do *pallium* pelos sacerdotes christãos antes do seculo III, escrevem os abreviadores de Rossi: «Esta exceessiva simplicidade de vestimentas era considerada pelos antigos como o distinctivo dos verdadeiros philosophos, e na época a que pertencem as pinturas alludidas (fim do seculo II) um simples *pallium* tornara-se a veste habitual

doutrinas philosophicas impregnadas do caracter oriental.» *Croyances et Legendes*, p. 181.—O Christianismo só pode ser bem conhecido determinando o fundo mythico, que persiste ainda hoje nas raças áricas da Europa, e determinando a corrente d'este syncretismo oriental que veio viciar e interromper a civilisação greco-romana.



do clero christão. Eusebio, (*Hist. eccl.*, iv, 11) conta que Sam Justino—prégava a palavra de Deus vestido como os philosophos—; não se sabe se elle era sacerdote. Antes d'elle, Aristides de Athenas, depois Tertuliano, Heraclès sacerdote de Alexandria, Gregorio o Thaumaturgo e outros mais haviam adoptado esse habito. Tertuliano o preeonisa com a sua eloquencia e subtileza usual no tratado *De Pallio.*» (1) A *moda philosophica* consistia em usar os hombros descobertos, *humerum exertus*, como diz Tertuliano, tal como apparece a figura de Christo no typo tradicional do *Ecce homo*. Havia no mundo uma corrente de theurgismo (Apollonio, de Thyane, e Simão, o Mago) e uma tendencia dos espiritos para as abstracções de um transcendentalismo mystico, a que não escaparam os proprios imperadores romanos e suas mulheres (Juliano, a imperatriz Julia Domna, mulher de Septimio Severo, Mareo Aurelio, Alexandre Severo, etc.) Apollonio de Thyane tambem apparece em um busto antigo com o *pallium* caracteristico, (2) e no *lararium* de

(1) *Rome souterraine*, p. 340.

(2) *Iconographia grega*, de Visconti, pl. xvii.



Alexandre Severo, Christo é agrupado entre Apollonio e Orpheo, (1) como um philosopho iniciador de doutrinas theurgicas.

As relações de Christo com o mytho de Orpheo conduzem a determinar a corrente philosophica, que vem dar a coherencia doutrinal aos usos cultuaes mithriacos conservados entre a plebe romana; nas catacumbas, tres vezes se encontra a pintura do typo mythologico de Orpheo: «Alguns padres da Egreja se comprazeram a fazer de Orpheo a figura de Christo: o dom que elle recebera de amansar as feras pela doçura dos seus cantos pareceu-lhes um symbolo, uma imagem anticipada do divino Mestre vencendo os corações rebeldes pela força e graça da palavra. Como expressão do mesmo pensamento, e não por uma imitação pueril de algum modelo pagão, o *syrinx* ou flauta de Pan vê-se algumas vezes nas mãos de Christo representado na figura do Bom-Pastor.» (2) As doutrinas orphicas sobre a immortalidade transmittidas pelo Christianismo e syncretisadas com a resurreição mithraista po-

(1) Lampridio, *Vida d'Alex. Severo*, c. 29, e 31.

(2) *Rome souterraine*, p. 263, 379.



pular, é que fez com que se adoptasse esse symbolo orgiastico, bem como o mytho grego de Psyche, vestida de tunica e com azas de borboleta. As seitas orphicas tambem encontravam um grande numero de tradições áricas entre os povos indo-europeus, para se apoderarem do prestigio das seitas mithriacas, e combatel-as como hereticas.

A tendencia para as especulações abstractas que notámos no estado geral dos espiritos, fazia dos imperadores philosophos, e dos philosophos hallucinadores proselyticos; esta tendencia revela-se de um modo claro na arte romana sob o Imperio. Caracterizando esta phase historica da arte, diz Kùgler: «a fôrma artistica em vez de procurar simplesmente tornar sensivel o objecto representado tornou-se um meio do exprimir ideias abstractas; em logar de actuar sobre o sentimento, dirigia-se ao pensamento.» (1) Assim a arte em vez de ser uma expressão natural tornou-se um formalismo symbolico. O Christianismo obedeceu a esta tendencia, dando-lhe a immobilidade hieratica, d'onde resultou que na época em

(1) Ap. *Rome souterraine*, p. 266.



que o fervor proselytico foi maior na Igreja, penetrando a sua catechese na familia imperial, a invenção artistica tornou-se mais pobre e esteril no cyclo figurado pertencente ao fim do seculo III, como observou Rossi. A necessidade do systematisar a parto doutrinal do Christianismo harmonisando-a com o symbolismo mithriaco, fez com que se procurasso pôr um termo á invenção artistica, como se fez no Concilio do Elvira. E o facto de alguns padres da Igreja clamarem violentamente contra as manifestações artisticas, como Tertuliano, é por que conheciam que o symbolismo christão revelava o syncretismo tradicional das erenças, e o esforço logico de conciliação doutrinnaria.

As manifestações artisticas da época das catacumbas encerram pasmosas revelações sobre as origens do Christianismo; esses symbolos são documentos ineoscientes que o canonismo ecclesiastico não soube destruir. O symbolo da Cruz, apresenta uma grande variedade de fórmãs, desde a fórmula de martello até á do *araní* vedico; (1) cada uma d'estas fórmãs tinha o seu sentido ca-

(1) *Rome souterraine*, p. 300 a 302.



balístico, d'onde se vê que foi a reprodução de um signo de iniciação, e não a copia de uma realidade ou do instrumento carthaginez do supplicio. E a prova mais clara d'esta falta de realidade, é que nos monumentos artisticos das catacumbas nunca apparece figurada nem a crucifixação nem a morte de Jesus. (2) Como divindade solar, Christo, nos primeiros seculos da Igreja, morria e resuscitava como Mithra ou Atys, sem subordinar esse facto mythico ás transformações cabalisticas do signo da cruz.

Um dos symbolos mais antigos do Christianismo é o *peixe*, «o mais importante talvez dos symbolos christãos. Em voga desde os primeiros tempos do Christianismo, começou a cahir em desuso desde a primeira metade do seculo III, e desapareceu quasi inteiramente quando acabaram as perseguições e com ellas a *disciplina arcani*.» (2) Na linguagem evangelica, os apóstolos são *pescadores*, e tornam-se pescadores de homens, e para os artistas da idade media a cruz era o anzol da péscia. Os compiladores do archeologo

(1) *Rome souterraine*, p. 300, 302.

(2) *Rome souterraine*, p. 274.



Rossi, acrescentam: «Não se sabe com certeza nem desde quando, nem por que razão o *peixe* se tornou o symbolo de Christo. Porém a significação mystica d'este symbolo não é duvidosa. Demonstra-se por uma longa série de testemunhos patrologicos, começando em San Clemente de Alexandria, Origenes e Tertuliano, no seculo II para acabar em San Pedro Damião no seculo XI.» (2) O *peixe* tornou-se um signal de reconhecimento, uma *tessera* sagrada, usado nas pedras dos anneis. Origenes diz que Jesus Christo era «figurativamente chamado *peixe*;» e Tertuliano eserevia: «nós somos *peixinhos* nascidos na agua a exemplo de *Jesus Christo* nosso *Peixe*.» É impossivel deixar de considerar aqui o *peixe* como um mytho kuschita, que os padres da Igreja deixaram de comprehender e por isso desaparece da symbolica da igreja canonica; «mas quando nós achamos um semelhante peixe-deos na Philistia e no Indostão, e sabemos que Christna uma vez apparece como *peixe*... É curioso que Jesus de Nazareth fosse chamado «*th*»; ou um *peixe*; mas isto sómente prova que a religião de Christo

(2) Ibid., p. 276.



foi adulterada pelo paganismo.» (1) Para justificar o antigo uso trataram de tirar do nome grego de peixe (*ictys*) as iniciais de Jesus Christo filho de Deus, dos celebres versos attribuidos á escola de Alexandria. Hoje é preciso determinar as origens mythicas, sabendo-se já que o peixe é um symbolo phallico, como provou Gubernatis, (2) e como tal proveniente de um culto orgiastico. No *Korda-Avesta*, cita-se o peixe Karomacyo, de vista penetrantissima, como o guarda do haoma branco, (3) ou ambrosia, que se identifica ao spermen. Na liturgia christã primitiva, o leite era o haoma branco. O mytho persa do peixe ligava-se com o mytho babilonico de Nuah, o peixe-redemptor, e é por isso que nas cataumbas Noé apparece como um resultado d'este syncretismo já operado na Judêa. Nos avatars de Viehnu, este deus que se encarna tambem em Christna, torna-se o pequeno peixe vermelho

(1) Thomas Iman, *Ancient pagan and Modern Christian Symbolism exposed and explained*, (1870) p. 2, Pl. II.

(2) *Mythologie zoologique*, I, 268.

(3) *Myth. zoologique*, II, 351.

\*



chamado *çaphari*, (1) que cresce e enche o oceano inteiro, e annuncia a Manu o proximo diluvio. O *peixe de Sam Pedro*, assim denominado em Roma, Genova e Napoles, e no qual o apostolo segundo a lenda evangelica achou o dinheiro para pagar o tributo, é, segundo Gubernatis, o mesmo peixe a que os gregos davam o nome *chalkeus*, ou batedor de moeda, e como *mytho aryco*, não veiu para Roma através da Judêa. Gubernatis demonstra o caracter phallico do symbolo do *peixe*: «Aphrodite ou Venus, representava especialmente nos *mythos* a aurora e a primavera (é por isso que comemos peixe á sexta-feira: = em ingl. *friday*, dia de Freya, em francez *vendredi*, dies Veneris); tambem os *gemini pisces*, os dous peixes reunidos em um só, eram consagrados a esta divindade...» (2) O celebre kalendario de Furius Dyonisios Filocalus, do IV seculo da egreja, traz a data da morte de Christo sob o signo dos *Geminis pisces*, que elle evhemerisa em dous consules: «*Passus est noster Jesus Christus duobus Geminis consulibus*, VIII

(1) Ib., 353.

(2) Ib., p. 359.



*kal. apriles...*» (1) Nos costumes populares da Europa ainda existe o uso phallico do *Poisson d'Avril*, que persiste apesar de já não ser comprehendido.

Segundo Minucio Felix e Tertuliano, os primeiros christãos eram accusados de adorar uma cabeça de *asno*; existe modernamente publicada uma caricatura contemporanea das catacumbas, que figura a fórma de um homem com cabeça de *asno*, e ao lado um outro individuo adorando-o; tem por baixo uma divisa grega, que diz: ALEXAMENOS ADORA O SEU DEUS. (2) A caricatura restitue á vida historica as allusões dos padres da Igreja; mas será effectivamente uma caricatura? Não é o symbolo do *asno* um dos mais primitivos no Christianismo? N'esse caso a adoração só pôde explicar-se ligando-se-lhe o seu valor mythico e tradicional. Em um tumulto de 343, já se encontra o *asno* em uma representação da Natividade; (3) mas não se empregando com frequencia na arte, sustentou-se desesperadamente na liturgia d'onde saíu pelo ridiculo para as crenças ou usos religio-

(1) *Rome souterraine*, p. 391.

(2) *Ob. cit.*, I, 384.

(3) *Ib.*, p. 186, nota.



tos populares. Gubernatis, ao tratar na *Mythologia zoologica* dos mythos e legendas do *asno*, enumera a serie de cerimoniaes christãs em que o *asno* entra, apresentando-as como elementos constitutivos de um mytho solar que se personificou, e que ainda se liga ao mytho primitivo pelo metaphorismo da linguagem: «o Christianismo, portanto, ao representar o sol das nações, o redemptor do mundo, nascendo entre dous animaes de voz sonora e cadenciada, o boi e o *asno*, (que deviam impedir que se ouvisse os seus gritos) e fazendo do *asno* o salvador do divino infante perseguido durante a noite, e o animal montado por Christo na ultima vez que entrou em Jerusalem, deu-lhe titulos sagrados, que lhe deviam angariar muitas attenções da parte dos adeptos da fé nova.» (1) Aproveitando esta enumeração das legendas christãs do *asno* aproximal-as-hemos dos mythos áricos dos cultos solares de que elles são uma não comprehendida reminiscencia; e a prova é que uma vez não comprehendido o typo

(1) Publicada por Garrucci no *Dict. des antiq. chrétiennes*; por Thomaz Whrit, na *Historia da Caricatura*; e na *Rome souterraine*, p. 298.



do *asno*, a sua intervenção nos costumes religiosos tornou-se ridicula. Tal é a *festa do Asno*, que as Igrejas francezas da Edade media celebravam a 14 de janeiro, da qual Du Cange conservou um ingenuo canto latino com um estribilho em francez. Nos anexins portuguezes parece alludir-se a esta festa do *asno*, quando se diz: «*Encostou-se o asno á amendoeira, e acharam-se parentes.*» Refere-se á circumstancia de ser tambem em janeiro que a amendoeira floresce. Os habitantes de Empoli na festa do Corpus Christi, passados oito dias,—isto é, pouco mais ou menos pelo solsticio do verão, soltavam um *asno*, no meio dos apupos da multidão; e em Turin a legenda de um *asno* ligava-se á sumptuosidade da proeissão de Corpus.

Se se aproximar d'estes factos o costume persa da *festa do asno*, que se celebra no principio da primavera, e se nos lembrarmos, quo aí o asno symbolisa o *fim do inverno*, (1) achamos o nexo por onde esse mytho árico entrou na religião solar de Christo. O gandharva *Chriçânú*, dos Vedas, hoje equiparado ao *Chereçânî* zend, guardava como o divino Mestre as aguas e os thesou-

(1) *Rome souterraine*, p. 330, 374.



ros, isto é o *hom* ou soma, a ambrosia; no culto zoroastrico, como se vê pelo *Yaçna* o *hom* é guardado por um asno mythico. Explicadas as relações de Christo com o Christna e Kereçani, não se comprehenderá o sentido do symbolo christão do *asno* como derivação proveniente do um culto solar? Em Roma existiam as Phallagia e Perifallia, que eram os mysterios phallicos em que entrava o *asno*. (1)

Nos mysterios de Priapo o *asno* era que figurava na Phallagia, em Roma; diz Gubernatis: «No mytho christão, este mysterio é a fuga para o Egypto do divino recém-nascido;» (2) o asno dos Açvins, como o asno em que monta Indra são ligeirissimos, mas é mais natural que o asno recebesse no Christianismo o sentido emblematico da penitencia, por que pelo sacrificio do asno, segundo Kâtyâyana, é quo se explicava a castidade. No antagonismo moral do *homo duplex* do Christianismo, o corpo era o *asno*, ou a *bette*, como lhe chamava Xavier de Maistre. Isto concorda com a phrase de Sam Paulino de Nola:

(1) *Ib.*, p. 390.

(2) *Mythologie zoologique*, I, p. 390.



«Sit fortis anima mortificans asinum suum.» Na vida de Santo Hilarião conserva-se o mesmo sentido. (1) Este sentido provém de uma inversão systematica da origem phallica do mytho do *asno*, caracter que se conservou nos costumes populares do castigo do adulterio na penalidade grotesca da idade media. No polytheismo romano o *asno* era sacrificado a Vesta, por tel-a despertado pelo seu orneio salvando-a assim de um attentado contra a sua castidade; ou como deusa tellurica, ou como uma variedade do mytho da aurora, o *asno* estava ligado ao seu culto, apesar de ser o animal consagrado das festas dyonisiacas ou de Baccho. O vinho do mytho hellenico e latino é o hom ou soma de Indra, o deus da luz. Um costume da Igreja na idade media, e que durou até ao tempo de Gregorio VII, consistia em apresentarem na ovação do pontifice um *asno*, que lhe levava dinheiro em cima da cabeça; era o thesouro mythico de que o asno era guarda, que persistia no uso que se extinguiu por não comprehendido e por se tornar ridiculo. Recapitulando a numerosa accumulção de paradigmas mythicos de Gubernatis sobre o *asno*, vê-se pela

(1) Ibid., p. 395.



sua generalisação, que Christo nascendo á meia noite junto do *asno* do presepio, e entrando de dia montado no *asno* em Jerusalem, entra nas condições dos deuses solares: «O sol da tarde,— o velho leão, é morto pelo asno da noite; de manhã, ao contrario, o asno da noite annuncia a fortuna que espera o heroe solar, que readquire o seu brilho e sabedoria.» (1) Segundo Baur, na sua obra *A Igreja christã do IV ao VI seculo*, fallando na mudança do Natal de Christo para 25 de Dezembro, que no calendario dos romanos era o dia *Natalis Solis invicti*, o dia do Sol que renasce depois do solsticio de inverno, diz que esta especie de renascença estava ligada á festa popular e patriarcal das antigas Saturnaes em que preponderava o espirito da liberdade e de caridade, que se transmittiu á mesma festa no Christianismo.

Ha no Christianismo um elemento semitico, não proveniente dos livros do Velho Testamento ou propriamente *pharisaismo*, mas resultante de doutrinas aseeticas propriamente da Asia Anterior e até certo ponto em conflito com a metaphysica dos judeus hellenistas. Esse elemento ascetico

(1) *Ib.*, p. 423.



era a pequena seita dos *Nazarenos*, d'onde fazem provir Jesus. Quando Paulo apostolava a fé nova aproximando-a das theorias hellenistas da resurreição, os judeus eodennavam-no como *Nazareno*: «Porque temos achado que este homem é uma peste, e levantador de sedições entre os judeus, pelo universo mundo, é o principal defensor da seita dos Nazarenos.» (Act. XXVI, 5.) Vejamos o sentido da palavra *Nazareno*, que os padres da Igreja quizeram derivar da villa de Nazareth, na evhemerisação da legenda de Christo; *nazareno*, significa iniciado. (1) Moysés, descrevendo Joseph como escolhido ou dilecto de seu pae, chama-lhe *nazareno*, (Gen., XXXVII, 3.) de *nazir*, separado. Diz Lacour: «Esta palavra *Nazareno*, que se escreve *NZR* e *NTZR*, designa o homem notado de um asterisco, de um signal celeste-planetary, de uma estrella errante ou em missão; symbolo do destino providencial, de homem á parte, de homem radiante e sanctificado, de guarda, de conservador, de vigilante das cousas santas.» (2) Moysés tambem era marcado pela luz

(1) Lacour, *Aeloim ou les Deux de Moyse*, II, 201.

(2) *Ibid.*, I, 54.



sideral, o homem radiante de face luminosa. Era dos collegios sacerdotaes da Etyhopia, que provinha a fama da sabedoria dos Egypcios; Moysés frequentou esses collegios, como todos os grandes instituidores; segundo Sam Clemente de Alexandria, Pythagoras frequentou a eschola do sacerdote egypcio *Nazarat*, Solon interrogou os sacerdotes do Egypto, Democrito foi iniciado pelos Gymnosophistas, Platão por Sechnuphis em Heliopolis, e Eudoxio por Knuphis. (1) Eram portanto *Nazarenos* no sentido mais geral.

No Evangelho de Sam Mathcus acha-se o asterisco sideral caracteristico do iniciado; e Jesus é levado para o Egypto, logar da iniciação, e regressa de lá com o titulo de *Nazareno*: «Aonde está o nascido Rei dos Judeus? porque *vimos sua estrella* no Oriente e viemos a *adoral-o.*» «E eis que a *estrella* que tinham visto no Oriente, ia diante d'elles, até que chegando, se poz sobre aonde estava o menino. E vendo elles a *estrella*, alegraram-se muito com grande alegria.» (Math., II, 2, 9, 10.) O *Nazareno* era sanctificado e adorado; depois veremos a antiguidade d'esta insti-

(1) Op. cit., t. II, p. 202.



tuição, desde o tempo de Moysés. Sanu Matheus relata a fuga para o Egypto e o regresso de Jesus: «E despertando elle, tomou ao Menino, e a sua mãe, de noito, e *foi para o Egypto.*—E veio e habitou em uma cidade ehamada Nazareth, para que se cumprisse o que pelos Prophetas foi dito, que *Nazareno se chamará.*» (Math., II, 14, 23.) Vê-se perfeitamente que ao tempo que se redigiu o Evangelho de Sanu Matheus, já esta designação sacramental não era comprehendida e por isso confundiram o nome que significava a iniciação egypcia de Jesus com o nome de uma terra obscura. Isto prova o syncretismo dos vagoz elementos tradicionaes da corrente judaica. Jesus foi levado para o Egypto, a terra da iniciação sacerdotal «para que se cumprisse o que do Senhor foi dito pelo Propheta, que disse:—Do Egypto chamarei a meu filho.» (Math. II, 15.) Porém os redactores da tradição não souberam ligar esta particularidade com a sua consequencia: «pelos prophetas foi dito que *Nazareno se chamará.*» (Math. II, 13.)

Em um dos livros attribuidos a Moysés, os Numeros, acham-se as eerimonias do que se dedicava ao Nazarcato: durante todo o tempo do seu voto, não provará vinho nem fructas, deixará



erescer os cabellos, não tocará em pessoa morta, e será santo. Completo o tempo da inieiação, dirigir-se-ha á porta do templo do ajuntamento e offertará um cordeiro, uma cordeira e um earneiro, e um' eesto de bolos azymos, então lhe será eortado o seu eabello e será queimado no fogo do sacrificio. (*Num., vi.*)

Pelos Aetos dos Apostolos, (xxiv, 5) vemos que Sam Paulo era aeeusado pelos judeus de ser o *principal defensor da seita dos Nazarenos*; d'onde se conclue que esse gráo sacerdotal instituido por Moysés nos Numeros estava já em descredito no tempo de Nero. E contudo, quando João o percursor, vive no deserto em peniteneia, eunpre o voto de *Nazareno*, e na ieonographia é sempre representado com o cordeiro da consagração. O voto do Nazareato era perpetuo, sendo feito pelos paes por oecasião do nascimento do filho, eomo se diz de João e de Jesus; mas n'esta época religiosa o Nazareato era uma seita de hallueinados, eomo os fakires da India, que viviam na solidão. A nova religião se se generalisasse eonforme o seu typo originario não passaria de uma pequena seita de ermitas, e seria o *Nazeranismo*, tal como lhe ehamam ainda hoje os Syrios, Arabes e todos os musulmanos, (*Nasranis*) e eomo se



revelou n'essa extraordinaria corrente do monachismo.

O conhecimento d'estas origens judaicas parece ter sido causa da formação da seita dos Nazarenos no seculo II da Igreja, que julgaram com fundamento que as escholas judaicas (phariseus e saduceus) alteraram a tradição biblica, como os ehistãos (judeus-hellenistas e greco-romanos) alteraram a tradição evangelica. Os Nazarenos pertencem a essa epoea de elaboração litteraria em que se compilaram as tradições populares, e por isso cooperaram tambem com o seu Evangelho dos Doze Apostolos, d'onde se julga ter sido extraido o de Sam Mathcus.

Apezar de estar desacreditada no tempo de Sam Paulo a seita dos Nazarenos, attendendo á sua antiguidade e ao que ácerca d'esse voto se estabelece nos Numeros, é natural que algumas tradições egypcias se tivessem conservado com o sentido d'essas praticas asceticas; doutrinas egypcias passaram pelas escholas da Grecia para os Judcus hellenistas e para os mysterios orgiasticos syro-phenicios, e por isso este syncretismo geral de crenças, que caracteriza os seis seculos que precederam o Christianismo, apropriou-se de todos os elementos que contribuiam para essa



hallueinação. O nome de *Nazareano*, *Nazareno*, *Nazereno* e *Nazireno*, designava as novas seitas ebristãs, antes d'este ultimo nome ter sido adoptado e generalisado pela egreja de Anthioehia; segundo Suidas, (*voce* NASIRAIOS) significava Consagrado a Deus, e tambem Monge. Isto se demonstra pelo desprezo aseetico das eousas mundanas, nos primeiros iniciados, pelo desprezo dos soffrimentos, e pela tendeneia geral para a instituição do monaehismo no occidente.

O nome vulgar em Roma dado aos sectarios dos novos mysterios que hallueinavam as mulheres e os eseravos era o de *Christo*. Sabe-se pelos Epigrammas de Marcial, que o nome mais usado nos primeiros annos da propaganda da nova doutrina entre os eseravos era o de *Chresto*; (1) e Tacito e Suetonio, deserevendo os motins e eon-

(1) Este facto tem intima correlação com o nome de *kristayas* dado no Rig-Veda aos povos trabalhadores da terra; e segundo o commentario de Sáyana, os cinco *kristi*, eram as cinco castas, em que se comprehendia tambem os sudras. Demonstrada esta connexão, veremos adiante a origem e deseobrimento do mytho de Christna, para comprehender melhor as suas relações com o Christianismo.



spirações das associações orgiasticas no tempo de Nero o de Claudio, evhemerisaram sobre as paixões d'esses crentes personificando-as em um individuo: «*auctor nominis ejus Christus;*» e tambem «*impulsore Chresto assidue tumultuantes Româ.*» As lendas da evangelisação não são mais do que o resultado da tendeneia do evhemerismo popular, a que obedeceram tambem Tacito e Suetonio. Este mesmo faeto se eonfirma com a designação que os ehristãos se devam a si mesmos de prefereneia, *Ebionitas*, os *pobres* (do hebreu *Ebiônim*) que se eonservou na tradição popular «os pobres de Christo»; á medida que o espirito judeo-ehristão foi supplantado pela tendencia universalista do hellenismo, o nome generieo de *Ebionitas* partieularisou-se em uma seita, que a Igreja pelo sen proeesso eonstante de evhemerisação fez derivar de um hereje Ebion, que nunea teve existeneia. (1) O nome de Christo era egualmente generieo não só na classe dos eseravos em Roma, onde tinha o sentido de *bom*, eomo se ligava a uma eerimonia religiosa no oriente.

(1) Albert Réville, *Hist. du Dogme de la Divinité de Jesus*, p. 65.



O nome de *Christão*, segundo alguns padres da Egreja, como Theophilo de Antiochia e Cyrillo de Jerusalem, prôveiu da *uncção* que se fazia na frente dos baptisados; (1) em grego a palavra *Christo* significa unguido. Por aqui se vê que o sentido de uma personalidade não se ligou primordialmente á doutrina, e isto explica a ausencia completa de documentos historicos ácerca de um faeto tão importante como o que transformou a éra moderna, preponderando assim o elemento tradicional, e diferentes syneretismos poeticos coordenados entre si pelas interpretações allegoricas. O estudo do Christianismo deve ser feito sobre esses elementos tradicionacs e poeticos, ao contrario do que se costuma fazer deduzindo tudo da recomposição de uma personalidade. As varias denominações que os christãos receberam dos antigos, explicam a evolução da doutrina que se constituiu em dogma; em uma inscripção da antiga Cesarea da Mauritania um ehristão ehamase *cultor Verbi*, o que combina com as de *Gnosticos*, *Græci* e *Hellenistas*, dadas por alguns

(1) Abb. Martigny, *Dicc.*, p. 441.



padres da Igreja; os nomes de *Jessai* (1) (Essenio) e de *Therapeutas*, que lhes davam também, e de *Sophistae*, reflectem a sua origem ascética e a preocupação dogmática; os nomes de *Pisciculi* ou peixinhos, por causa dos symbolos phallicos que usavam, e *Asinarii*, (2) provém do modo como se julgavam os usos populares da igreja recente, o que levava Suetonio a chamar-lhe uma superstição perversa e malefica.

Roma achava-se em uma situação especial e unica para operar esse syncretismo; caracterisaremos esse momento historico pelas seguintes palavras de Havet: «Todas as superstições estrangeiras se exhibiam em espectáculo em Roma; sacerdotes eunucos, flagellantes e flagellantas, deusa-peixe da Syria, festas de Adonis, festa de Isis e de Osiris, sacrificios de Mithra, sabbado judaico, tudo se ajunta e se patentêa entre as sete collinas. Ha algumas, que os Romanos ape-

(1) De *Hachah*, calar-se, segundo Albert Réville.

(2) Referiam-se ao symbolo do *cavallo*, tão frequente na iconographia christã, como se pôde vêr em Martigny.

\*



nas conhecem de nome, como as dos druidas, as dos persas com os seus fogos sagrados e seu sacrificio do cavallo; mas de vez em quando as mais longinquas vêm mostrar-se ao Occidente e maravilha-o, como quando o indiano Zarmaros se lançou a uma fogueira diante de Augusto em Athenas. As religiões penetram-se umas ás outras e confundem-se; Osiris e Baccho identificam-se, e o culto de Baccho está por toda a parte sob diversas formas, com os Mystérios que parecem ser a essencia d'este culto. Na passagem da sua Historia em que Tito Livio conta como o senado romano, no começo do segundo seculo antes da nossa era, descobriu de repente na Italia as associações das *Bacchanaes*, até ali ignoradas, e as suas praticas occultas, elle faz fallar no Forum um consul e põe-lhe na bocca estas palavras:—Se vos não acautelaes, cidadãos, a esta assembléa do povo celebrada á luz do dia pela convocação legitima do magistrado, hade succeder durante a noite uma outra assembléa, assim concorrida, em que os membros conspirarão contra a existencia da Republica.—Isto leva a crêr que Tito Livio pensava no seu proprio tempo, e que elle sentia debaixo dos pés o ruido de uma Roma subterranea composta de Judeus, de Egypcios, de



Orienteas, e prêtes a surgir do solo para substituirem a Roma de Jupiter e de Quirinus.» (1)

A transformação religiosa que se operou no mundo seis seculos antes do Christianismo, e de que o Christianismo foi uma consequencia tardia apropriando-se indistinctamente d'esses elementos anteriores, resume-se em uma breve fórmula:

As religiões polytheistas haviam sido essencialmente *cultuaes*, e por uma lenta elaboração sacerdotal dos hymnos e das interpretações subjectivas tornaram-se excessivamente *theologicas*. O Christianismo nasceu logo *theologico*, como se vê na propria lenda do apostolado, e fez-se *cultural* para se introduzir nas classes inferiores alheias á actividade mental. Pertence a Augusto Comte a lucida distincção entre Religião e Theologia, e applicada a este grande facto historico da idade moderna explica o estado mental que apressou a transformação da sociedade antiga. O aphorismo ethnico que Tylor dá como base critica para a Sciencia das Religiões: «Será producto de uma theologia anterior, producto assás

(1) Ernest Havet, *Le Christianisme et ses Origines*, t. II, p. 238. 2.<sup>a</sup> ed.



sensato para desempenhar um papel util em uma theologia subsequente?» eis a fórmula por onde se pode chegar através de factos complicadissimos de syncretismo polytheista a uma verdade irrefutavel. Essa theologia anterior, sobre que os patrologistas hellenicos constituiram a base dogmatica do Christianismo, existia, era o Mithriacismo, e os seus productos transformaveis, capazes de coadjuvarem uma nova elaboração metaphysica, era a concepção do sacrificio de um mediador, ou ideal messianico, a theoria psychologica da immortalidade e resurreição, e a doutrina moral das penas e recompensas.

Baur considera o Christianismo «como uma fórmula geral da consciencia religiosa, correspondendo ao espirito do tempo e preparada por todo o desenvolvimento anterior dos povos.» Assim como pelas conquistas de Alexandre na Asia, e pela extensão da conquista romana, se realisava a ideia politica de unificação das nacionalidades em grandes Imperios, tambem o sentimento religioso tendia a produzir essa unidade nas consciencias pela universalidade de uma crença ampliada na fórmula de synthese dogmatica. Os dois momentos historicos d'esta crise dos espiritos coincidem, o politico com o religioso, e os padres



da egreja tiveram o conhecimento do facto embora o interpretassem no seu interesse, considerando as conquistas romanas e a universalidade do latim como a preparação providencial para a universalidade do Christianismo; é o que diz Sam Prospero de Aquitania, de Roma: «tornada capital do mundo, conserva pela religião o que já não possui pelas armas.» (1) O caracter de universalidade a que aspirou o Christianismo foi um dos pontos de dissidencia intima na constituição da Egreja primitiva, em que o elemento judaico sob a fórma do *ebionismo* procurava conservar a sua origem particularista. Prevalceu por via do genio hellenico, e pela elaboração metaphysica o espirito de synthese universal, apropriando-se de todos os elementos tradicionaes do polytheismo do Occidente á custa de interpretações e de conciliações allegoricas. D'aqui resultaram duas consequencias profundas; em primeiro lugar, a organização da hierarchia na Egreja, que proseguiu o plano de realisação da supremacia universal tornando-se politica até servir-se do poder tem-

(1) Facta caput mundo, quidquid non possidet armis  
Religione tenet.



poral em Constantino, e apoderar-se da sociedade civil; em segundo lugar, foi a conservação das crenças e tradições populares, começada no cyelo dos Evangelhos apocryphos, mantidas nos usos religiosos dos *Pagi* da idade media, e que constituem o Christianismo poetico, o lado mais vivo e persistente da religião. É um facto de primeira ordem este, notado por Albert Réville, que as grandes conquistas do Christianismo feitas fóra do Imperio romano foram conseguidas por meio do espirito heterodoxo, (1) e Baur tira esta outra conclusão, que «quanto mais o eulto christão, pelo seu desenvolvimento inessante e pela grande multiplicidade dos seus objectos, se aproximava do polytheismo, tanto mais o sentimento religioso foi levado a collocar um *Sêr feminino* no vertice do novo Olympo christão.» A ovolução do clemento tradicional do eulto veio a terminar no seu ponto de partida; o *Marianismo* de hoje é o resultado de uma captação dos velhos elementos populares, que entraram na essencia do dogma da *encarnação*; segundo a noção conservada por Origenes, o Espirito Santo não era o gerador, mas o elemento fecundado, era pro-

(1) *Histoire du Dogme de la Divinité de Jesus*, p. 90.



priamente a Mãe de Jesus. (1) A Igreja compreendeu que além da systematisação dogmatica das doutrinas, a sua vida residia principalmente na tenacidade das tradições, e Vicente de Leyrins, que formulou o celebre aphorismo da immutabilidade do dogma, tambem formulou a transmissibilidade das tradições amalgamadas no Christianismo: *Ecclesia dicens nove, nunquam dicit nova.*

(1) Homil. in Jerem., xv; apud Albert Réville, *Hist. du Dogme*, p. 29.



The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that every entry should be supported by a valid receipt or invoice. The text also mentions the need for regular audits to ensure the integrity of the financial data. Furthermore, it highlights the role of the accounting department in providing timely and accurate information to management for decision-making purposes.

In the second part, the document details the procedures for handling discrepancies. It states that any variance between the recorded amounts and the actual amounts should be investigated immediately. The text provides a step-by-step guide on how to identify the source of the error, whether it is a clerical mistake or a more complex issue. It also discusses the importance of documenting the findings and the corrective actions taken to prevent such errors from recurring in the future.



## CAPITULO III

### ASSIMILAÇÃO DO POLYTHEISMO ÁRICO E INDO-EUROPEU ÀS FÓRMAS CULTUAES DO CHRISTIANISMO

Descrevendo a influencia do estudo das religiões do Oriente sobre a constituição da moderna Sciencia das Religiões, diz Emilio Burnouf: «ali é que está a fonte mais remota do que mais tarde foi erido, ensinado ou concebido simplesmente em materias religiosas no mundo occidental.» (1) Mas para estabelecer este processo de filiação historica, a sciencia lucta com a falta do apoio de uma chronologia na evolução social e religiosa do Oriente, supprindo essa deficiencia de datas

(1) *Science des Religions*, p. 8.



pela de camadas ethnicas e fórmas litterarias ou tradicionaes, que servem para orientar a conexão dos factos. Assim o periodo *árico* comprehenderá o espaço ante-historico anterior á fórma escripta, quando aryas e iranianos entraram no Septashindu, e quando fallaram esse dialecto incoherente, que se desenvolveu com vida propria entre os povos indo-europeus; o periodo *védico*, comprehende o longo espaço de elaboração tradicional religiosa conservada por transmissão na memoria das familias religiosas que so constituiram em castas privilegiadas, dando assim logar a uma época nova, ou o periodo *brahmanico*, em que os hymnos recebem a forma escripta, e em que se opéra uma longa especulação theologica; d'esta phase social, em que a civilização indiana se fixa na perpetua theocraeia que a esterilizou, resultam tres épocas distinctas, a dissidencia religiosa do *budhismo*, em que o sacerdocio deixa de ser um privilegio de casta, o quo se determina com dados chronologicos; uma revolta da classe guerreira contra a classe sacerdotal, que dá logar á decadencia de mythos religiosos e ao desenvolvimento da *epopêa* indiana; e d'estes movimentos complexos, a parte especulativa continúa exercendo-se em escholas philosophicas, como os sys-



temas Mimansa, Vedanta, e Sankya, e nas camadas inferiores da sociedade um desenvolvimento de lendas heterodoxas, a que chamaremos o periodo *purânico*. São estas as phases successivas da civilização indiana, formando uma especie de chronologia geologica; por ellas se pode fixar com clareza a relação dos factos por onde remontamos á origem religiosa do mundo occidental.

A esta primeira phase das migrações das tribus áricas para a Europa pertencem os vestigios populares do culto solar sobre que veiu um dia a desenvolver-se o Christianismo (vid. cap. IV) e as bases cultuaes que serviram de thema interpretativo dos dogmas, e que bastam para caracterisar o Christianismo como uma religião aryana, apesar de ter tido a sua primeira manifestação entre um povo semita. Diz Emilio Burnouf: «Os antigos ritos sagrados, o *altar*, o *fogo*, a *victima*, a *invocação aos deuses*, acham-se egualmente entre os diversos grupos aryanos antes que tivessem experimentado a influencia semitica do Christianismo.» (1) A parte popular persistente do polytheismo árico é que dá a demonstração d'esta

(1) *Science des Religions*, p. 50.



these profunda, que desenvolveremos investigando a origem dos cultos provenientes da fusão dos arias com as raças agricolas de eôr negra autochtones da India.

A segunda phase da elaboração religiosa do espirito aryano, comprehende os dois grandes systemas védico e avéstico, ou brahmanico e zoroastriico; ao primeiro systema pertence a ideia subjectiva das *incarnações* ou *avatars*. Este trabalho metaphysico da theologia brahmanica é o que dá um caracter exclusivamente árico ao Christianismo, como deduz o citado Burnouf: «Quanto á *incarnação*, ella constitue o ponto do dogma que ainda hoje separa o mais profundamente o Christianismo das religiões semiticas.» (1) O Christianismo desenvolvendo-se á eusta da metaphysica da Eschola de Alexandria, que sob o nome de *hypostases* synthetisara os *avatars* indianos, materializou a ideia de um mediador no mytho concreto da *incarnação*, a que subordinou todos os elementos cultuaes e populares para o representarem. Todas as relações historicas estabelecidas entre os dogmas e philosophias da India com a Eschola de Alexandria conduzem á prova com-

(1) Ibidem, p. 123.



pleta d'esta grande e nova affirmação: «o Christianismo no seu conjuncto é uma doutrina aryana, que como religião quasi nenhuma relação tem com o judaismo.» (1) Parocerá á primeira vista repugnar com o facto de vêr-se o Christianismo surgir das escholas judaicas; mas procurada a causa d'essa nova actividade da especulação religiosa entre os judeus, especulação que repugnava ao genio semita, como se vê pelo sacrificio á letra da reacção pharisaica, immediatamente se descobre ainda a suggestão da metaphysica aryana. É aqui que cabe a indicação da influencia das doutrinas medo-persas que os judeus receberam nos captivciros de Babylonia, doutrinas que pertencem á phase zoroastrica já apontada, as quaes receberam um character particular no encontro das raças turanianas da Media, e no syncretismo dos dogmas da Chaldêa, da Assyria e dos paizes mais meridionaes. No capitulo antecedente destacámos esta corrente doutrinaria que fertilisou o mundo semitico, e quo tornou o judeu capaz de transformar a sua aspiração de independencia nacional na esperanza messianica de um salvador.

Com o seu espirito sarcastico dizia Henri Hei-

(1) Ibidem, p. 120.



ne, quo não sabia explicar o nascimento de Christo entre os judeus, como o apparecimento de Shakespeare em Inglaterra; a arte presentia o contrasenso reduzido ao natural pela sciencia. A ideia de Heine expõe-se mais claramente com estes factos dispostos por Emilio Burnouf: «Quasi todas as partes do santo sacrificio, o altar, o fogo, a victima, tudo o que manifesta aos olhos o dogma da *incarnação* ou a sua legenda; depois, em outra ordem de factos, o templo, o sino, muitas vestes sacerdotaes, a tonsura, a confissão, o celibato, são *outros tantos symbolos ou usos cuja origem deve ser procurada em outro povo que não o povo judaico.*» (1) O messianismo manifestou-se entre os Judeus pela influencia das doutrinas e cultos medo-persas, e as partes ritualisticas que têm analogias com o buddhismo, provém em parte da influencia directa d'esta religião, ou das modificações das raças anarycas que diferenciaram o zoroastrismo do brahmanismo, e que deram á dissidencia buddhica esse character especial que facilitou a sua propagação entre as raças amarella. (Thibet e China.) É por isso que á medida que essa influencia anaryca se foi manifestando,

(1) Ibidem, p. 128.



no periodo brahmanico pelo desenvolvimento de Agni, no periodo buddhico pela preponderancia de Viehnu e seu *avatar* em Christna, ir-se-hão condensando os elementos que mais tarde na Eschola de Alexandria farão prevalecer o aryanismo sobre o semitismo, dualidade que se conserva na religião entre os petrinistas e paulinistas, entre a efflorescencia evangelica dos Apoeryphos e o canonismo da Igreja, entre os Doutores como Santo Agostinho ou San Thomaz, entre a contemplação mystica e a moral casuistica, finalmente n'essa separação operada modernamente entre o Christianismo e o Catholicismo.

Estudado o semitismo da nova religião nos seus elementos medo-persas que produziram de um modo directo o Christianismo, importa recompor os elementos aryeos primordiacs sobre cujo fundo quer philosophico, quer popular a religião christã achou de um modo directo as condições de propaganda e de universalidade. Aqui o verdadeiro methodo consiste em seguir a chronologia ethnologica acima esboçada, para comprehender a synthese religiosa.



§ I. *Elemento anterior ao período árico.*

Na sua emigração do septentrião para o meio-dia e do occidente para o oriente, os Arias encontraram povos indigenas, que venceram e assimilaram, como aconteceu a toda a raça inferior ou atrasada; a raça melaniana confundida ou repellido pela dravidica, e mais tarde a raça kuschita, são este elemento ethnico, a que a raça Arica impoz a sua superioridade ao entrar no valle de Cachemira; chamaram-lhe *Anaryas*, isto é, não egregios, em parte pelo seu estado meio selvagem, em parte pela sua *côr negra*. (1) Estas raças indigenas occupavam quasi toda a India do Indu ao Ganges, boa parte d'ella para o meio dia, para além da cordilheira tropical do Vindhya, que ainda hoje povôa; tiveram o seu fetichismo, e algumas d'estas raças no estado actual das suas tradições chegaram a transformar as suas concepções mythicas em lendas épicas. Isto nos prova uma longa elaboração religiosa, que deve ter-se em alta importancia para explicar certas transformações da theogonia védica; os indianistas ainda

(1) Gubernatis, *Piccola encyclopedia*, p. 42.



não explicaram o período árico buscando as suas origens menos connexas nas tradições das raças indígenas, principalmente na raça kuschita. A importância d'este elemento já tem sido reconhecida no estado de vida *agricola* e sobretudo na formação da classe serva, a casta dos Sudras. Diz Lenormant: «Muitas vezes mais ainda a *população agricola de sangue triqueiro* foi conservada depois da conquista, mas reduzida ao estado de servidão. Foi isto, como o provamos, a origem da casta dos Sudras, na sociedade brahmanica. Em fim, como a questão religiosa era principal á questão de raça na fórma que tomara a lucta entre os Aryas e os Dasyus, aconteceu que muitas das nações kuschitas do Pundjâb, adoptando o culto e as crenças aryanas foram reconhecidas como d'alli em diante aggregadas aos Aryas e admittidas entre elles.» (1) Temos até aqui que este elemento indígena apresenta-se principalmente na *parte meridional* da India, com uma condição *agricola*, notavel pela sua *côr negra*, influindo na constituição civil a ponto de ser admittido como uma casta, e participando das crenças aryanas. Esta influencia exerce-se duran-

(1) *Manuel de l'Hist. anc. de l'Orient*, t. III, 436.

\*



te todo o periodo árico e vedico, e faz-se conhecer por provas muito claras no periodo brahmanico: «Até uma porção das raças sacerdotaes que se tornaram o troneo da casta brahmanica, compunha-se de homens *trigueiros*, oriundos da população kuschita, por exemplo as celebres familias que se intitulavam, uma *Kauçikas*, como para proclamar bem alto a sua origem, as outras *Kapeyas* e *Babhavas*. É isto tambem um facto sobre que temos de insistir; por que é de natureza a fazer suppôr que se estas familias, admittidas pelos Aryas ao sacerdoeio, haviam abraçado a religião aryana, ellas haviam, apezar de tudo, introduzir no seu novo culto um certo fundo de *ideias kuschitas*, que sem duvida não foi extranho á transformação que soffreu a religião da idade vedica tornando-se o brahmanismo.» (1) Esta influencia do fetichismo kuschita acha-se nos genios do mal os *Dasyu*, os *Krishnas* védicos e os *Mleechas*, (2) que combatem Indra, o deos árico por excellencia; eram personificações d'essas raças inferiores, *Kikatas* e *Maghadas*, da *região meri-*

(1) *Ibid.*, p. 437.

(2) *Gubernatis, Piccola Encycl.*, p. 42.



dional, (1) e os Dzàd (Dasyu?) que segundo Jacqmmont, habitam no Hymalaya e em torno d'elle, e tem a pelle negra.

No Rig-Veda (I, hymn. II, 8) vem a distincção entre *Aryas*, ou civilizados que sacrificam, e os *Dasyus* ou os barbaros salteadores, que perturbam os sacrificios; a esta raça dos Dasyus ou Dasyavas é que pertencem os *Christnadas*.

É n'este ponto que collocamos a formação do mytho de Krischna ou *Christna*, anterior ao ly-rismo vedico, e derivando-se das relações dos *Aryas* com as povoações negras ou kuschitas. Os mais seguros trabalhos sobre a legenda de Buddha tem sido realizados n'este fundo tradicional kuschita, representado na casta dos Sudras: «Que os elementos aborigenes da população (diz Senart no seu trabalho sobre Buddha) mais ou menos fusionada, na qualidade de Çudras, na organização brahmanica na India, tenha exercido sua parte de acção no nascimento e diffusão do Buddhismo, nada ha que seja tão admissivel... A natureza popular das suas origens e do seu apostolado fez, é verdade, um repertorio capital de legendas e do contos; estas legendas e estes

(1) Gubernatis, ib., 145.



contos elle os recolheu e transmittiu, não os inventou. São restos, salvados por elle, áparte as accommodações inevitaveis, do desenvolvimento anterior, religioso e nacional d'onde o buddhismo surgiu.» (1) Esta questão posta pela primeira vez n'estas bases com relação ao Buddhismo, é o unico caminho a seguir para investigar a origem e formação do mytho de Christna, muito mais importante ainda para a historia da humanidade. Em primeiro lugar, as relações entre o brahmanismo popular e a legenda buddhica, provocaram ao grande Burnouf a hypothese de quo o Buddhismo influira n'uma certa admissão do mytho de Christna no Brahmanismo, pelo menos até ao ponto de se tornar tolerante pelo culto de Christna. Este immenso facto social, em que a religião brahmanica procura fortalecer-se contra o Buddhismo fervente, apoiando-se na adhesão dos numerosos sectarios supersticiosos do Christna, já se havia tambem repetido no periodo ante-historico em que os Aryas se separaram dos Iranianos; n'este periodo é que o Christna, o negro, da raça kuschita tambem negra, entra na tradição

(1) *Journal Asiatique*, de 1873 (Agosto e Setembro) p. 114.



védica, e recebe o caracter malevolo na religião zoroastrica. A condição *agricola* do Arya, levava-o, a apoiar-se na povoação kuschita tambem *agricola*, contra o Iraniano que ainda estava no regimen pastoral. D'aqui duas differentes concepções do mytho de *Christna*, e mais tarde uma constante superstição popular nas *regiões occidentaes* da India, tudo resultante do elemento kuschita, do Ariano e do Irianiano. A historia d'este mytho é uma das syntheses mais completas da evolução humana: saído das concepções fetichistas de uma raça inferior submettida á servidão tornou-se o mytho de *Christna* a aspiração de uma casta, e o seu culto longo tempo perseguido adquiriu importancia quando o regimen aristocratico destruiu o regimen sacerdotal. N'estas longas luctas o mytho foi sendo considerado nos seus intuitos abstractos e tornou-se uma philosophia, que se propagou por todo o mundo pela eschola de Alexandria, e se tornou em seguida o Christianismo na sua propagação entre a raça indo-europêa. É por isso que seguindo a longa evolução d'este mytho, vamos achar-lhe as phases vedica, brahmanica, epica, purânica, e vedanta, até ao ponto em que penetra na civilização da Europa.



O plano d'este trabalho não aspirando a imprimir direcção á moderna Sciencia das religiões, não é comtudo de simples erudição; a philosophia já póde tirar eonclusões geraes das deseobertas seientificas no campo das mythologias primitivas, e dar ao homem o eonhecimento d'aquillo em que creu inconscientemente.

§ II. *O mytho de Christna no periodo árico*

Uma religião que se desprende do fetichismo por um desenvolvimento natural e progressivo, e se fixa na adoração das forças benefieas da natureza, taes como a origem do *fogo* e dos *astros* que espalham *calor* e *luz*, uma religião assim, como é a dos povos áricos revela-nos que o faeto geologico que determinou a primeira emigração do homem no periodo quaternario, e por tanto que trouxe essas tribus das bordas do mar Caspio para o plateau do Hymalaia, teria sido, como se infere da profunda impressão que determina o objecto do culto:

1.º Um diluvio parcial, por effeito de um grande desgello. Corresponde ao periodo glaciario. Confirma esta dedueção a fuga para os logares altos antes da pressão de outras raças, e o nome



do *Arya* dado a essa raça que preferia os logares altos; este nome veio a tomar-se n'um sentido distinctivo, mas muito depois de ter apparecido como radical no nome de outros povos, taes como *Armenia* (opinião de Gosche) *Armei* (Burnouf) *Ariovistus* (Grimm) *Er* em *Erin* e *Irlanda* (Pictet) e *Airyana* ou *Iran*. O nome dado ás raças preexistentes ao tempo da fuga dos Aryas para a Asia, era o de *Anarya*, povos que pelo seu caracter do agricultores ou trabalhadores dos vales, viviam nos logares baixos.

2.º Um grande abaixamento de temperatura, causado pela evaporação devida á corrente dos ventos; confirma-o a adoração do fogo em *Agni*, e do vento em *Asu* e *Vasu*.

3.º Uma grande accumulção de vapores na atmosphaera, que a tornavam irrespiravel, escura ou opaca. D'aqui a adoração de *Indra*, ou o ár, de *Savitri*, ou o sol, e de *Varuna* ou o céo: «As divindades são tres, sómente, cujas moradas são a terra, a região intermediaria e o céo; convem a saber: o fogo, o ar e o sol... As outras divindades que pertencem a estas diversas regiões são porções dos tres deuses; porque elles são designados e descriptos com relação ás suas differentes operações...» (trad. de Colebrooke do *Anukra-*



*mani*, ou Indice do Rig-Veda; ap. *Livros sagrados do Oriente*, trad. Pauthier, p. 313.)

Como foi a datar d'esta ultima revolução geologica que começou para o homem a sua vida historica, foram tambem estes os elementos fundamentaes do periodo polytheista. Tanto na raça semita, como na raça aryana encontra-se a tradição de um diluvio, memorado no *Catapatha-Brahmana* do *Yadjur-Veda branco*. Diz Weber: «Nós achamos egualmente estas duas ideas (a do diluvio e de *Manu*) entre os *Semitas*, e junto a outras razões tiradas da linguagem, ellas devem sem duvida ser consideradas como uma prova de que os *Semitas* se ligam, em uma época muito mais antiga á raça indo-europêa, mas da qual se separaram ántes que a linguagem commum dos dois povos tivesse chegado a uma precisão grammatical.» (*Hist. Litt. ind.*, p. 11.) O encontro da raça *semitica* com a *ariana* seria por effeito d'este cataclysmo. Diz Barthelemy Saint-Hilaire: «Os *Aryas* e os *Semitas*, occuparam originariamente os mesmos logares pouco mais ou menos, sobre os confins da Persia e da India, n'estas immensas regiões que os antigos chamaram *Imaits*, e que nós chamamos *Indo-Kusch...*» (*Journal des Savants* 1857, p. 175.) Na *Historia geral das lin-*



*guas semiticas*, (p. 484-490) Renan tambem allude a esta cohabitaco dos Semitas com o Aryano: «Ns chegamos por todas as vias a este resultado provavel: que as raas semiticas e arianas cohabitaram na sua origem, na regio de Imas, que ellas se dividiram prematuramente e antes que uma ou outra tivessem achado a frma definitiva da sua linguagem e do seu pensamento. . . »

O que   a raa *kuschita* conservada na India e dominada pelos Aryas no periodo em que elaboravam os seus hymnos, seno um resto da raa semitica que conservava vestigios apagados da civiliso egypcia? O seu culto fetichista do fogo   que faz com que mais tarde essa raa vencida se elevasse tambem ao sacerdocio mas depois da lucta dos seus deuses contra Indra. O facto da elevao de *kuschita*, apezar de vencido, operou-se pela identificao lenta da sua adorao do fogo com os attributos dos deuses  ricos *Indra* e *Agni*.

A decadencia do mytho espontaneo de *Indra* em mythos epicos, e sua substituio pelo deus abstracto *Brahma*, fez-se de um modo directo pela dissidencia das raas meridionaes e autochtones, como se vê pelo antagonismo dos *Christnas*, e de um modo indirecto pelo desenvolvimento cultural



dados a *Agni*, como a encarnação do fogo celeste sobre o altar, e como medianeiro dos deuses. O mytho de Indra, a atmospheria luminosa, tem por adversarios os *negros* ou *Kristnas*, dos quaes mata mais de cincoenta mil; os *Kristnas* são filhos de Danu, chamada *Anindra*, ou a obscuridade; o que os conduz é *Vritra*, o acobertador por excellencia, o maior dos inimigos que tem os fortissimos campeões *Çushna*, ou o desecador, *Ahi*, ou a nuvem, a *serpente* (que é seguramente o totem das raças agricolas autochtones) e o mago *Namuci*. (1) Gubernatis explica este antagonismo entre Indra e os *Krishnas* como resultado do encontro dos Arias com as populações negras indigenas: «Ed io dubito pure che quel nome citato, che il sedicissimo inno del quarto Mandala attribuisce a tutti i nomici d'Indra, siasi già dato per riflesso della vita guerriera degli Arii, i quali, nel loro movimento de conquista verso d'Oriente e verso il mezzogiorno, avevano incontrato numerare populationi indigene di razza negra.» Gubernatis fixa a época d'este hymno pela referencia aos elephantes, e n'elle Indra é comparado ao *elephante selvagem*, quando já no tempo de Strabrobate este animal

(1) Gubernatis, *Piccola Encyclopedia indiana*, p. 144.



estava reduzido á domesticidade. A decadencia de Indra, do naturalismo vedico, resultou em parte da influencia das novas regiões em que entraram os Arias, bem como do encontro d'essas raças autochtones ou negras, que na constituição sacerdotal brahmanica foram admittidas ao sacrificio. Paul Regnand, na traducção da *Mythologia zoologica* de Gubernatis, consigna: «A differença do elima das regiões habitadas pelos Arias da *epoca vedica*, e das regiões em que residiam os indianos do periodo brahmanico, não é por ventura extranha a esta substituição de preponderancia entre Indra e Christna.» (1) A elaboraçã theologica abraçou o facto do culto de fogo, pela deificaçã de Christna: «A deificaçã de Christna é um facto que pertence ao periodo brahmanico. Christna é o mais popular dos deuses d'esta época, e é muito possivel que a raça negra indigena da India tenha contribuido largamente para popularisar o culto do deus *negro*, pouco mais ou menos como se adorou na Africa a Virgem ethiope.» (2) Assim como na lucta do brahmanismo

(1) *Mythologie zoologique*, t. 1, p. 83.

(2) *Ibidem*, t. 1, p. 56.



com o buddhismo, o mytho de Christna teve um novo desenvolvimento para captar as populações inferiores que eram seduzidas pela doutrina de Çakya, assim se pode inferir tambem que o motivo que provocou o triumpho de Christna sobre a decadencia de Indra, foi a necessidade de aggregar as populações meridionacs no momento da dissidencia rcligiosa que provocou a separação entre os Arianos e Iranianos. Vejamos a causa d'essa dissidencia.

§ III. *Separação dos Arias da Bactriana e da Sgodiana*

Quando se encontra no *Genesis* o primeiro conflicto produzido por causa do antagonismo entre os povos *pastoraes* e os *agricultores*, conservado na tradicção judaica, comprehende-se como um igual motivo foi o elemento fundamental da dissidencia entre os Arias da Bactriana e os da Sgodiana. No *Genesis*, segundo a stricta interpretação litteral vulgar, se lê: «E Abel foi *pastor* de ovelhas, e Caim applicou-se á *agricultura*. E aconteceu que tempo depois Caim offereceu ao Senhor dos *fructos da terra*. Abel offereceu tambem dos primogenitos dos seus *rebanhos* e do que



elle tinha de *mais gordo*. E o senhor attendeu favoravelmente Abel e seus presentes. Porém não attendeu Caim, nem o que elle lhe havia offerecido. Foi por isto que Caim ficou com grande colera, e a sua fronte ficou abatida.» Tomando o nome de Abel e de Caim como designações mythicas de duas classes sociaes, vê-se que este conflicto amesquinhado entre dois irmãos, é a lucta semelhante á que vemos na India entre os Arias da mesma raça que se separaram por causa das suas crenças religiosas, baseadas sobre a condição *pastoral* (zoroastrismo) e a *agricola* (naturalismo vedico.)

Em um hymno a Indra, o deus supremo do periodo árico, concilia-se diante da omnipotencia d'esse Deus a homenagem da *terra* e dos *rebanhos*: «O céo, o divino Asura, inclina-se diante de Indra; diante de Indra se inclina a *terra* com seus dons brilhantes, sim com seus dons brilhantes onde se manifesta sua magnificencia. . . — Os povos ciosos da tua protecção, prepararam este sacrificio em tua honra, para obterem que o numero dos seus *rebanhos* augmente. Oh Indra! elles tem em ti uma confiança sem reserva. Quando queres ouvir os votos de um pac e de uma mãe de familia cujo desejo é ter *rebanhos* e



riquezas, então tu fazes brilhar o raio, que espalha a abundancia...» Depois de distinguir-se no hymno estas duas categorias da *terra* e dos *rebanhos*, comprehende-se melhor, que o hymno era de conciliação tardia, e ahi se confessa a dissidencia da raça: «Em todos os sacrificios é a ti que invocam os homens *divididos por causa da felicidade que querem obter.*» (Langlois, I, 324.) Nas *Leis de Manu*, que pertencem já a uma civilização definida, o trabalho da *terra* é considerado desprezível, e só o trabalho *pastoral* é digno das classes mais elevadas: «Ensinar o Veda, proteger os povos, fazer commercio e cuidar dos *rebanhos*, são effectivamente as occupações mais recommendaveis para o brahmane, para o kehatriya e para o vaycia. Um brahmane ou um kehatriya forçado a viver com os mesmos recursos de um vaycia, devo com cuidado evitar a *lavoura*, trabalho que faz morrer e que depende de um soccorro extranho. Alguns approvam a *agricultura*, mas este modo de vida é condemnado pelos homons de bem, por que o páo armado com um ferro cortante dilacera a terra e os animaes que ella encerra.» (*Leis de Manu*, liv. X, st. 80, 83, 84.) Como vimos na civilização vedica e brahmanica ainda não estava totalmente



extineto o motivo da dissideneia entre os povos *agricolas* e *pastoraes* que se separaram, quando no Paneanada os patriarchas se fizeram regulos e disputaram a supremaeia das tribus. Os Arias, ou pastoraes julgavam-se os senhores; no sentido proprio Arya, significa *alto, elevado*, eomo adjectivo, exeellente, egregio, nome da raça indo-europêa, que se separa dos antigos povos seus irmãos, descendo para o Indo septentrional, dividindo-se junto das suas margens em dois ramos, um o *Persa* ou Iraniano, outro que emigra depois para o Oeeidente, ou *Indiano*. O paiz que veiu a ser conquistado pelos Aryas indianos ehamou-se Aryavarta ou Aryadeça, estendendo-se do Paneanada ao Septa-Sindhu, ás regiões dos sete rios, eomprehendendo já ao tempo da redacção do Codigo de Manu toda a região do Hymalaya, os montes Vindhya até ao Sindhu (Indo) e Ganga (Ganges). Permaneeeram no Vindhya, apezar de uma invasão pareial de raça não aryana. No periodo vedieo o Arya está ainda no Paneanada e sobre o Paneanada. Creados os regulos, combatem entre si, os veneidos mudam de terra: tal foi uma das retiradas para a bocca do Indo, onde, eomo se sabe, mil annos antes da nossa éra já negociavam eom o oeeidente; a outra retirada



foi para o Yamuuna, por motivo de conquista. Foi n'esta situação que se deu o periodo brahmanico, e que os Anaryas se confundem na classe dos Çudras.

Antes de todos estes successos, mas recebendo d'elle successivas modificações e influindo poderosamente nas fórmas da civilização indiana, se conflagraram os destinos das raças preexistentes que eram *agricolas*, e por isso equiparadas aos vencidos, e, quando submettidas á força, incorporadas na classe servil dos Çudras. *Indra*, o deus principal do periodo árico, é já considerado no Avesta como um demonio que ha de ser derrotado por Ahura-Mazda; d'onde se vê que a divinisação do ár em *Indra* pelos aryanos da Sgódiana dominava na epoca da dissidencia religiosa; o seu antagonismo com *Christna* resultou por tanto da necessidade de conciliação com as populações inferiores e *agricolas*, cujas familias chegaram a entrar na casta sacerdotal. A decadencia de Indra revela-se por uma erescente popularidade do mytho, isto é pela dissolução do rigor canonico em liberdade poetica; tambem mais tarde, quando a casta brahmanica pelo reconhecimento do poder temporal da casta guerreira pode assegurar o seu triumpho sobre o buddhismo,



o mytho de *Christna* foi abandonado á imaginação popular, que o tratou com os mais extraordinarios caprichos de phantasia nas lendas dos *Purânas*. A ausencia do nome de *Christna* na epopêa brahmanica do *Ramayana*, e a sua acção importante na epopêa do *Mahabharata*, indicam primeiro a importancia religiosa e a successiva decadencia d'esse mytho; é n'este ultimo periodo que os mythos de *Indra* e de *Christna* se encontram no mesmo campo de elaboração das lendas poeticas da epopêa de *Mahabharata*. Diz Gubernatis: «*Indra*, seu inimigo nos *Vedas*, tendo perdido o logar que occupava no céo, tornou-se uma das divindades mais populares e algumas vezes a mais popular. No *Mahabharata*, por exemplo, elle é quasi o Deus ex-machina das batalhas que entre si dão os *Pandus* e os *Dhartarashthras*, e a sua acção apresenta bastantes analogias com a de *Zeus* na *Illiada*. *Indra*, com effeito não tem aqui senão funcções episodicas, e o dispensador da chuva, o senhor do trovão é muitas vezes esquecido em proveito do negro, que prepara e espalha a luz.» (1) A relação d'este mytho de *Christna* com as raças *agricolas* inferiores acha-

(1) *Mythologie zoologique*, t. 1, p. 83.

\*



se no *Rig-Veda*, onde é mencionado como *Asura*, e como *Angirasa*, e no *Sama-Veda*, composto na região occidental da India, no qual a mythificação é quasi completa dando-o como filho de *Devaki*; falta porém o nome de *Christna* no *Yadjur-Veda*, o que tem uma importancia particular.

§ IV. *O mytho de Christna no periodo vedico e brahmanico.*

Nos Hymnos de *Rig-Veda*, *Krishti* significa os guerreiros constituídos em casta, <sup>(1)</sup> o que nos leva a inferir que esta designação representa esse periodo de constituição militar no *Pancanada*, quando os patriarchas se fizeram regulos combatendo entre si. O caracter guerreiro de *Christo* ainda se encontra em um versiculo de *Sam Matheus*, quando diz: «Eu vim trazer a espada, separar o pae do filho, o irmão do irmão...» É esse o caracter com que *Christna* apparece na epopêa indiana.

O terceiro Veda o *Yajur-Veda*, nos seus dois *Samhitás* não cita o nome de *Christna*; n'esta omissão acha-se uma prova do caracter occiden-

(1) *Gubernatis, Picola encyclopedia*, p. 256.



tal d'esto mytho. Weber encontra n'estes dois Samhitás as provas mais decisivas de que elles foram redigidos na parte *oriental* do Indostão, no paiz dos Kuruspaneâlas, quando já preponderava o elemento brahmanico, e estava estabelecido o regimen das castas. (*Hist.*, p. 63.) A raça pastoral dos Vratinas estanejava na parte occidental; ignorava o regimen das castas e regeitava o dogmatismo brahmanico. Esta antithese explica a omisão do nome de *Christna* nos dois Samhitás, branco e negro. Demais, *Christna* era o protector dos Pandavas, os inimigos dos Kurus, em cujo reino o terceiro Veda foi colligido. A redacção actual do Samhitá do Yajus branco, fixa-se no seculo III antes de J. C. (*Ibid.*, p. 63) mas um argumento para a sua mais remota antiguidade se póde tirar do facto de uma primeira redacção do Mahabharata, na qual os Kurus triumphavam dos Pandavas, signal de que ainda o mytho de *Christna* não tinha perstigio e que ainda estava longe de influir na segunda redacção da epopêa, em que os Kurus são vencidos pelos Pandavas, da familia de *Christna*. Por tanto a omissão do mytho no terceiro Veda é uma prova a favor da sua naturalisação *occidental*.

N'este terceiro Veda existe uma relação intima



com o quarto, no que toca a uma reacção contra o espirito brahmanico; na região do nordeste da India havia tambem uma classe a quem repugnava a organização das castas imposta pelos brahmanes; estas a perseguiram duramente e lhe deram o nome de *Vratyas*, os apostatas. (1)

Segundo os hymnos vedicos, Atharvan é que descobriu o Fogo, como o seu nome indica, porem Bhrigu é que o fez produzir as chammas resplandecentes collocando-o sobre o altar; (2) por aqui se vê duas correntes, uma naturalista, outra cultural que provoca uma especulação metaphysica; a origem pertence ás raças inferiores e autochtones assimiladas pelos árias, e o desenvolvimento ritualistico pertence ás familias sacerdotacs aryanas. Este duplo character conhece-se no desenvolvimento posterior de *Agni*, (no latim *ignis*) e na decadencia de *Christna*, que mais tarde, na lucta brahmanica, contra o buddhismo, para tornar a ser recebido no culto teve de ser considerado como uma *encarnação* de Vichnu; conhece-se no character occulto e magico que toma

(1) Weber, *Hist. de la Littérature indienne*, p. 203.

(2) Emile Burnouf, *Science des Religions*, p. 237.



o mytho de Christna, desenvolvido em um Veda heterodoxo, o quarto Veda, e no caracter publico com intuito de unificação nacional dado a Agni pelos Rhibus, cuja tradição se conservou nos Orphicos. O *Atharvan-Veda*, ou o Veda do Fogo, era excluído da triplice sciencia, constituída pelos outros tres Vedas, o Rik, o Sama e o Yadjus; os logares parallellos entre o Rig-Veda e o Atharvan-Veda provam que este é mais antigo, pelo emprego das palavras prakritas, usos domesticos e pelas superstições primitivas. No Atharvan as *apsaras* são semelhantes ás fadas europeas; <sup>(1)</sup> uma das escholas do Atharvan, chamada no *Vichnu-Purâna Saindhava*, ou habitante do *Sindhu*, (Indus) dá-nos a conhecer por esta designação a sua alta antiguidade. Atharvan como personagem mythico é o mesmo que Agni, o protector da casa, a quem se dirigem todos os hymnos. O Atharvan está no seu desenvolvimento para com o Rik, como o christianismo popular para com o catholicismo; a decadencia dos cultos conhece-se pela sua persistencia em formas magicas e superstições populares, e a relação quebrada entre o Atharvan e o Rik, que ambos celebram o Christna,

(1) Gubernatis, *Pic. Encycl.*, p. 75.



o primeiro no XIX Kanda do Samhita, e o segundo tambem no Samhita, prova-nos que se deu uma decadencia provocada pelo desenvolvimento do culto publico de Agni sobre que os Brahmanes exerceam uma vasta especulação metaphysica, decadencia que fez com que o Christna, além das fórmas magicas transmittidas em segredo, influisse na formação legendaria da epopêa do Mahabharata e nos Purânas. Nos Upanichads, que se ligam já aos Purânas, figura Christna no Atinapraboda e no Narayana como filho de Devaki, e sendo personificado em um sabio de piedade singular, como na evhemerisação do Christo. O processo da producção do Fogo pelo igniterebrator ou pelo fusil devia constituir um segredo, que se tornou iniciação; a sua publicidade explica-nos a importancia das ceremonias da fricção dos arânis para produzir o *Agni*, o *filho*, o *menino*, annunciado por uma estrella; mas a producção pelo fusil, com que ainda hoje se faz o fogo novo na Igreja, cuja constituição primitiva se baseou sob a transmissão secreta da doutrina, revela-nos que o culto de Christna durante todo o periodo que os brahmanes elaboraram o culto de Agni, se transmittiu em segredo, como fórmula magica, entre raças inferiores. Esta ultima circumstancia



é que nos esclarece por que é que em Roma os escravos, mesmo antes do Christianismo, eram chamados *Cristos*, e como é que as raças malditas da idade media, se chamaram *Cristos*, attribuindo-se este nome ao signal ou crista vermelha que as distinguia, ou á designação de *pobres de Christo*.

O nome de *Krishin* significa o que trabalha com o arado; isto explica como o mytho de Krishna devia tomar incremento entre os povos *agricolas* do occidente. O nome de *Krishtayas*; é dado no Rig-Veda no sentido de *povo*, a homens assim denominados pelas suas occupaões *agricolas*, e significa tambem a terra, como lavrada. A phrase do Rig-Veda *panca-Krishtaya*, corresponde ao numero *cinco* das cinco ribeiras ou *Panchnada*, (Pehjab) a séde principal e mais constante dos Arias Indianos. (De Gubernatis, *Pic. Encycl.*, p. 242.) Mosmo aecitando o commentario de Sáyana, que interpreta os *cinco krishti* como as *cinco castas*, esta quinta casta representa aqui o esforço dos Nishadas ou dos não Aryas em serem admittidos á civilisação vedica, isto é, em constituirem uma quinta casta, que o Rig-Veda não admittia.

O nome de Krishna, como adjectivo significa



escuro, negro, e como substantivo, a *antilope negra*, a quarta idade do mundo ou o *kaliyga*, (por ventura do predomínio dos *Krishnas* ou raças não áricas?) No Rig-Veda os *Krishnas* combatem contra Indra, do mesmo modo que na lenda epica é também contra Indra, o deus decahido, que combate Christna; na lenda epica conserva também o caracter *agricola* e *pastoral*. Os buddhistas, que em memória de Buddha veneravam Indra, deus dos guerreiros, por isso que Buddha era da casta *kshastriya*, continuaram a tradição vedica considerando Krishna como o príncipe dos demonios negros, como um dos nove *Vasudevas*, como *azura*, e rei dos Nagas ou *serpentes*, isto é, autochtones. Esta duplicidade da mythologia deriva-se do caracter contradictorio dos proprios hymnos vedicos. O fragmento do mytho *Kriçanu*, que combate o Çiena que vem roubar para Indra a ambrosia ceeste, mostra-nos como por este antagonismo foi venerado na Persia sob o nome de *Kereçani*, a quem se attribue algumas semelhanças com Christo. (Notar esta identidade para o periodo arico.) Desde que Krishna foi considerado um *Rishi*, começou a elaboração da entidade mythica, (Gub.) contradizendo o mytho vedico Adjurna, que no Rik é uma personificação de Indra, en-



contra-se sob a protecção do Krishna na legenda epica, onde Indra tambem protege Adjurna. Na epopêa dá-se o syncrétismo de Krishna e Indra em uma só pessoa na fórma *Krishnan* os dois Krishnas: «Lo stesso si verifica nel mito Cristiano dove il Dio è supposto personificarsi e venire assistito dal Padre ossia dá se stesso come Dio.» (1)

A iconographia é mais clara: «Un disegno indiano presso il Moor, (2) ci presenta pure la Madonna (Devaki) col bambino circondata la testa di una aureola. Explica-se a aurcola indiana pelas tranças dos cabellos dos deuses solares. (Vid. Senart, Gub. 242) Gubernatis aproxima da dualidade de Krishna a palavra *Keçava*, comado, que tem cabelleira (assim se representa Jesus); é appellativo de Vichnu por causa dos seus cabellos de ouro; «il quale poi si personifica in *Krishna*, chiamato pure *Keçava*; onde qui Krishna ci si rivela ancor esso in una forma solare.» (Ib. 245.) Gubernatis explica a contradicção ve-

(1) Gubernatis, *Piccola Encycl.*, p. 243.

(2) *Plates illustrating the hindu Pantheon*, London, 1861.



dica como demonio: o proprio sol occulto na nuvem; como *rishi* o sol descoberto, ou *keçava*. O desenvolvimento de Kristna foi uma consequencia do caracter *luminoso* da segunda pessoa da trindade brahmanica. O nome de *Keçin* é o de um Asura morto por Kristna; significa, o comado, o proprio Vichnu, o cavallo de Indra, os cavallos de Agni, o que mostra o genio tenebroso que combate o genio da luz.

*Hari*, o louro, o fogo, é um titulo de Indra, titulo absorvido nas divinisações de Vichnu, de Siva e de Christna; o primitivo caracter de Indra foi adoptado pela divindade dos povos indigenas *agricultores*, e o seu caracteristico de *negro* tambem foi applicado á luz solar, para assim se estabelecer a substituição a Indra. No hymno a Agni, (st. 2, trad. Langlois, I, 65) se lê: «O divino Savitry, de volta para nós *sob a sua face tenebrosa...*» Segundo a crença indiana, o sol voltava do occidente pelo mesmo trilho que seguia do oriente, mas com a *face escura*; esta concepção astronomica primitiva é que explica a ideia divina das trevas, e como o caracter de Christna, ou o *negro*, o leva a tornar-se personificação da luz, e mais tarde a identificar-se com Vichnu.



Primeiramente, Christna apparece-nos com eadacter *demoniaco*, isto é, como divindade de uma casta odiada, em *Christna-srigàla*. (1) Depois, nas familias sacerdotas entram alguns membros das populações ou camadas kusehitas. No Rig-Veda-brahmanana, o Aytareya Aranyakan cita varios mestres de quem foi recolhida a tradição dos hymnos, e entre elles vem nomeado um *Christna-Harita*. (Weber, op. cit., 118) Sabendo-se que no periodo do primeiro fervor brahmanico o sacerdote se equiparava ao deus, e até procurava substitui-lo, aqui temos o primeiro nucleo de realidade historica por onde começa a elaboração do mytho de Christna; um nome de sacerdote não representa um individuo mas uma familia sacerdotal, que era como a depositaria fiel d'essa tradição religiosa. A noção primeira que se acha de Christna é a do um sabio de singular piedade; esse epitheto de *Hari*, como notamos, commum a Indra, Çiva e Viehnu, explica-nos a relação de *Christna-Harita* não só na lucta com Indra, se não na sua encarnação viehnuita, e no culto dos vaiehnastas, mais tarde. É para notar que na eschola do Atharvan é que Viehnu tem o epitheto de *Hari*, (We-

(1) Gubernatis, *Pic. Encycl.*, p. 585.



ber, op. cit., 279) justamente onde o Christna apparece com o titulo de *Asura*. Da raiz sanskrita *As*, que significa *sêr*, formaram os hindus *Asu*, sôpro, nome de Deus, significando o que respira ou insufla. Esta palavra *Asura* tomou um sentido pejorativo no sanskrito, dado pela casta brahmanica, significando demonio ou espirito maligno. O motivo d'estes sentidos contradictorios explica-o Gubernatis (*Pic. Enc.*, 115) pela derivação de *Asura* de duas raizes, *asu*, espiritual, e no zend, espirito creador, e senhor, (Max. Muller, *Essai sur l'Hist. des Rel.*, 223) e da raiz *sur*, incorporeo, demonio, de *svar*, resplandecer: *a sura*, não luminoso, por opposição a *Deva*, luminoso. (Gub., 115) Este titulo de *Asura* leva-nos a duas considerações: 1.º determina na evolução do mytho de Christna uma época coéva das grandes migrações indo-europêas. Na mythologia scandinava encontram-se tambem os *Ases*, ou os doze semideuses *filhos da terra*, companheiros de Odin, os quaes julgavam as questões dos homens. Entre os Celtas, e os Etruscos apparecem com o mesmo character os *Aesur*; na religião siameza ha os *Asurike*, e na dos mogoos os *Aesuri*, mas já com character maligno. Um dos deuses principaes dos Gaulezes era conhecido pelo nome de *Esus*, *Hesus*, ou tam-



bem *Esur* e *Esyrr*. Todo este grupo de divindades filia-se no mytho dos *Asuras* indianos. No *Atharvasamhita*, diz Wober: «Ha uma menção de um interesse particular; é de *Asura-Christna*. . .» (*Hist. litt. ind.*, p. 259) E prosegue: «Achamos um *Asura-Christna* já no *Riksamhita*, e exerce uma acção muito desenvolvida na lenda buddhica, onde parece ter sido identificado com o *Christna* epico.» (Ib.) O facto de se achar citado na lenda buddhica, como se conhece pelas origens populares d'estas lendas, mostra tambem a proveniencia popular do velho mytho de *Christna* como *Asura*, titulo maligno nos livros canonicos, mas divino na crença popular. 2.º O character divino de *Christna* (*Kereçani*) na religião persa, onde *Ahura* tinha ainda o sentido de luminoso, vem reforçar a determinação da época em que o mytho de *Christna* tende a obliterar o mytho de *Indra*: «*Kriçanu* in odio al *Indra*, al somno Dio vedico, venne, como notò il Weber, onorato in Persia sotto il nome de *Kereçani*, à cui se attribuiscono alcune qualità del Cristo, como per la somiglianza del suono furono attribuite a *Chrisna*.» (Gubern., 243.) Por aqui se vê que antes da separação dos *Asias* da *Bactriana* dos *Arias* da *Sgodiana*, o conflicto religioso foi aggra-



vado com o interesse ou favor que os iranianos ligaram ao deus ou mytho kuschita, para assim destituirem Indra. Gubernatis diz: «Christna é o mais popular dos deuses d'esta época (período brahmanico) e é muito possível, que a raça negra indigena da India tenha contribuido largamente para popularisar o culto do Deus negro...» (*Mith. zoologique*, I, 56.) Esta raça negra apparece-nos confundida com outras tribus arianas, mas que se não submeteram ao regimen sacerdotal brahmanico, e são conhecidas pelo nome de *Vratyas*, que significa «o que é por si mesmo, ou apostata.» Gubernatis define-as: «di questa razza di pretesi ribelli dé quali si diceva che parlavano molto rozzamente, e che me sembrano *fratelli carnali dé popoli eranici*, i quali anco per motivo religiosi, si staccarono dei loro parenti vedici e migrarono piu ad occidente.» (*Pic. Enc.*, 572.) Prova-o, por que no livro xv do *Atharvan* vem um legendario que se encontra no *Vendidad*. Duas elaborações religiosas se dão no seio da raça ariana, uma ao nordeste, no territorio brahmanico, onde se collige o Rig-Veda e se estabelece o regimen sacerdotal, e outra ao occidente do Industão, onde se accumulam os povos que reagem contra o regimen brahmanico. Como se vê



mais tarde no *Mahabharata*, é da região occidental, que vem completamente formadas as lendas epicas de Christna, depois de uma longa serie de evoluções naturaes porque passam todos os mythos. Portanto, como no periodo vedico o *Atharvan*, ou o quarto Veda, não é considerado com existencia canonica, e a sua natureza de esconjuros determina o seu character popular, é logico fazel-o preceder esse periodo, collocando-o quasi contemporaneo da separação dos iranianos. Christna é designado como *Angirasa*, designação de uma familia sacerdotal, e titulo de uma das antigas divisões dos hymnos do Atharvan-Veda; esto nomo de *Angirasa* é tomado da familia dos Rishis, communs aos Indo-aryanos e aos Persas-aryanos, para incutir mais auctoridade e santidade aos hymnos. (Weber, op. cit., 255.) Entre os Vedas persicos, o quarto denomina-se *Angirasa*. O *Atharvan-Veda* ou o Veda do Fogo, era excluido da triplice sciencia constituida pelas outras tres, o Rigveda, o Samaveda e o Yadjurveda; os logares parallellos entre o Atharvan e o Rik, provam que esse, o Atharvan, é mais antigo, pelo uso de palavras parakritas e archaicas, costumes domesticos, superstições primitivas, ou ritos decaídos e condemnados. Uma



das escholas do Atharvan, é chamada, no Vishnu-Purâna, *Saindhava* ou habitantes do Sindhu (Indus) e isto é prova da sua alta antiguidade, porque os arias estavam no primeiro periodo da sua vida historica, quando viviam no vale septentrional do Indus, apenas em lucta com as tribus indigenas. Além d'isso o Atharvan é um desenvolvimento do x Mandala do Rig-Veda, o que quer dizer, uma formação extra-canônica mas coexistente com o mesmo fervor sacerdotal, que mais tarde ao definir-se, não a quiz acccitar, da mesma fórma que aconteceu com os Evangelhos synopticos, em relação aos quaes alguns evangelhos apocryphos são mais antigos. No Kanda 19 do Atharvan, cita-se *Asura-Christna*, que vem egualmente citado no Samhita do Rig-Veda. É ainda em alguns dos Upanishads do Atharvan que figura *Christna-Devakiputra*, como um sabio de uma piedade singular; este mesmo titulo apparece no Samaveda, signal de que a tradição de um mytho ariano existia em commum, mas que foi interrompida pela disciplina canonica do brahmanismo, subsistindo apozar d'isso alguns vestigios. Devaki, ou dovadasi (*ancilla domini*) era a bayadora encarregada do attrahir gente para o culto, como Maria serva do templo.



O desenvolvimento do mytho de Christna de origem kusehita, e conservado entre as tribus inferiores e desconsideradas pela sua profissão de *agricultores*, é devido a causas extranhas aos seus elementos proprios: adquire novo vigor na lucta dos aryanos e iranianos; entra em uma phase de elaboração intima na dissideneia das tribus occidentaes contra o regimen sacerdotal brahmanico do nordesto da India; depois na lucta da casta guerreira toma novo incremento; no viehnuismo contra o sivaísmo, o por fim na lucta do brahmanismo contra o buddhismo, torna-se o mytho canonico para attrahir as povoações christnaitas.

Em uma *raça agricola*, sedentaria, com vida domestica, o Fogo torna-se o objecto principal do culto, e a sua produção (*manthana*) é comparada ao acto gerador pelo contacto dos aranis. No Rig-Veda encontram-se os elementos por onde se pode estabelecer a identificação entro o culto da Terra e o culto do Fogo; o arani é um *kteis* onde se géra Agni:

«Eis aqui o pramantha, o gerador está prompto. Traz a senhora da raça.—Produzamos Agni pela fricção, segundo o costume antigo.

«Agni está occulto nos aranis como o fêto que

\*



repousa no utero. Introduz segundo as regras o pramantha no arani estendido diante do ti; immediatamente concebe e engendra o fecundo Agni.» (1) Em outra passagem do Rig-Veda a producção do Fogo é descripta segundo a mesma concepção da fecundidade tellurica: «No momento do sacrificio, a mãe acolheu o pae; uniram-se. A mãe recebe o germen do fructo que deseja... A mãe concebe, e o seu fructo cresce no meio da libação.» (2) O culto do Fogo desenvolvido por allegorisações theologicas tomou um caracter exclusivamente phalico no culto de Siva; os elementos tradicionaes, primordiaes das raças inferiores agricolas, os negros trabalhadores da terra, conservaram uma natureza lendaria e popular no culto de Christna, como nova *encarnação* de Vishnu. O regimen intolerante das castas imposto durante a severa theocracia brahmanica é que separou os *kristi* como castas, segundo a interpretação de Sáyana; considerando a producção do Fogo pela fricção como costume antigo, Agni é

(1) Rig-Veda, III mandala, hymno 29. Trad. de F. Baudry, na *Revue Germanique* t. XIV, p. 362.

(2) *Ibidem*, I mandala, hymno 164.



o fogo terrestre, o *filho* de Surya, ou o fogo celeste o *pae* da vida, ajudado na sua encarnação pelo vento ou o espirito *Vâyu*. Todas as cerimoniaes do culto consistem em fazer apparecer o fogo, em alental-o, e a primeira faisca é a *estrella*, que annuncia o *menino*. No Christianismo ha esta duplicidade das duas correntes proselyticas e tradicionaes medo-persas e aryanas; até ao quarto seculo da Egreja todo o symbolismo consiste na importancia cultural e doutrinaria da *Natividade* de Agni, o Agnus-Dei, como ainda hoje se conserva; (1) depois do quarto seculo prevalece a parte dramatica da *Paixão*, á medida que os restos do mithraismo europeu e as tradições orgiasticas da Asia Menor e Mediterraneo foram assimiladas pelo Christianismo. Isto se comprova pelas definições dogmaticas que se foram accumulando até constituirem o Credo segundo os dogmas avesticos: «a unica formula exigida dos primeiros christãos reduzia-se ás palavras: Creio no *Padre*, no *Filho* e no *Espirito*. M. de Bunsen demonstrou que esta fórmula não é judaica, mas

(1) Diz Emilio Burnouf: «As scenas da *paixão* não apparecem nos monumentos figurados antes do iv seculo.» *Science des Religions*, p. 249.



que procede de Zoroastro.» (1) Burnouf, remontando aos elementos tradicionaes anteriores á formação do Avesta, acha nos Vedas este fundo primordial, em que *Agni* é o *Agniyâdyâs*, o Agnus Dei da egreja primitiva, *filho e encarnação* do fogo celeste ou o Pac, nascido no arani, bafejado pelo espirito e alentado pela manteiga da vaca. A relação de Agni com o cordeiro, no Christianismo, acha-se na enumeração dos animaes em que montavam as dez divindas dos Vedas, no Nighanta (I, 15); aí *Agni* monta em um *carneiro*; como Indra em cavallos amarellos. (2) Agni é o fogo purificado pelo sacrificio, é o que leva as orações dos homens aos deuses, desce aos infernos como o maior amigo dos homens, e os primitivos indianos o adoravam conservando sempre acceso o fogo que deve servir para o sacrificio; no Christianismo o Agnus-Dei, é o cordeiro immaculado, que symbolisa o sacrificio do *filho* de Deus pela salvação humana; conserva-se-lhe tambem sempre accessa uma lanpada na qual se accendem as luzes imprescindiveis do sacrificio da missa; a

(1) Ibidem, p. 218.

(2) Nève, *Etudes sur le Rig-Veda*, p. 52.



elle se dirigem as palavras: *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis*; desce tambem aos infernos para tirar as almas dos patriarchas; como a ara em que nasce Agni, a egreja tambem deve ser *voltada para o oriente*, segundo as Constituições apostolicas. Comprehende-se como o symbolismo christão dos primeiros quatro seculos da egreja, aproveitando as tradições populares (como veremos adiante na persistencia do culto solar na Europa) se apoderasse exclusivamente dos mythos da *Natividade*, que se conciliaram com os cultos telluricos da *Virgem-Mãe*; e que só mais tarde, com o desenvolvimento dogmatico preponderasse o mytho da *Paixão* dos deuses orgiasticos, interpretando-se a doutrina de um Mediador com a metaphysica medo-persa e alexandrina, vendo-se a Virgem perder gradualmente a sua maternidade. N'este ponto diz Emilio Bournouf: «por comparações cheias de luz, M. de Bunsen pode demonstrar que os dogmas fundamentais do Christianismo não são senão os dogmas do zend-Avesta transmittidos até Sam João e até nós por uma serie não interrompida de iniciados.» (1) A separação da parte *cultural* da parte

(1) *Science des Religions*, p. 209.



*dogmatica* é que torna facil a discriminação das duas correntes, que se influenciaram mutuamente pela importancia do rito da *Paixão* sobre o da *Natividade* á medida que o dogma se baseou sobre a corrente philosophica alexandrina, e que decahiu o rito do *flabellum*, apenas conservado nos dois grandes leques de pennas de pavão que vão adiante do Papa. (1) O nome de *Agniferus* dado ao Precursor, a representação do mediador pelo *Agni*, o desenvolvimento mythico de *Agnes* e de *Mara*, (em sanskrito *Agni-mâya*) o symbolismo da cruz formada pelos dois aranis, (a virgem e o carpinteiro) pertencem a essa parte tradicional accessivel ao vulgo; foi substituida pela disciplina do *segredo*, em quanto á doutrina, e os primeiros adeptos da nova religião, como se vê pelas inscrições das Catacumbas e nos Padres da igreja, eram chamados *christos*. Foi sobre esta designação que se exerceu a otymologia, que é uma fórmula de mythificação erudita, derivando-a do grego *christos*, o que recebeu a uneção real, apagando-se assim toda a relação com *Christna* (*christayas* e *christi*,) do período árico

(1) Ibidem, p. 246.



e vedico, e contra o intuito da humildade da origem.

Importa separar a formação e desenvolvimento do mytho de Christna, do facto secundario e fortuito do seu culto; os orientalistas catholicos sophismam sobre esta confusão. Christna apparece com character *heroico* depois do seu apparecimento *mythico* nos Vedas; depois do seu desenvolvimento como doutrina philosophica, só recebeu o character de divindade quando se deu a lucta religiosa entre o brahmanismo e o buddhismo. Á medida que o buddhismo foi triumphando, o brahmanismo para desviar as classes populares da nova religião proselytica, transigiu em parte com a doutrina vedanta, e o Christna começou a ser adorado como Deus. Uma vez recebida a nova phase religiosa, o Christna foi repellido pelos buddhistas e pelos brahmanes, ficando como uma especie de religião popular entregue ás variações da superstição. No Mahabharata vem a legenda de um sabio brahmane, que fez uma peregrinação através do mar *occidental* á terra dos sabios, onde observou o culto de Christna e o trouxe depois para a sua patria. É n'esta legenda, que os catholicos querem fundar a influencia do Christianismo sobre o culto de Christna, e d'aqui fa-



bricam a hypothese de ser esta viagem a Alexandria no seculo II da nossa éra. O facto de apparecer Christna como Deus no Mahabharata, depois de Çiva e Vishnu, mostra que a sua antiguidade vae até ao ponto da constituição fundamental da grande epopêa, anterior em muitos seculos ao Christianismo.

A religião christã saiu como uma fórma philosophica da eschola Vedanta, penetrou na Grecia pela eschola de Alexandria, e na Judêa pelos Essenios, e foi no meio dos combates contra essa doutrina que as hallucinações dos perseguidos a tornaram uma religião. Na India a doutrina do Christna foi tambem repellida pelos Çivaitas, pelos Brahmanistas e pelos Buddhistas; bastava isto para tornar a doutrina em dogma religioso. A lenda da peregrinação ao mar *occidental* que outro sentido pode ter, senão um meio poetico de fortalecer o novo culto; Weber, no Krishnajanmâshtami (317 e sg.) considerava o verso do Mahabharata, que allude á *ilha branca* como uma vaga lembrança do paiz dos Brancos, sectarios do Christianismo. Senart considerando uma tal denominação dos occidentaes como isolada e extranha, diz que a *ilha branca* é puramente mythologica, inspirada pelo branco *oceano de leite*, porque na



concepção indiana cada ilha ou continente é rodeado por um oceano de leite. (*Leg. do Buddha*, p. 241, not.) A passagem do Mahabharata é XII, 12778, 13051. Diante d'este facto de generalidade mythica cadueca a interpretação de Weber, por onde se queria explicar a influencia do Christianismo sobre o Christna epico. É absurdo interpretal-a como *afirmação historica* em um poema onde os factos que se narram estão tão proximos dos mythos d'ondo se desdobraram. O culto de Christna na terra *occidental*, refere-se ao tereiro Brâhmana do Samaveda, conhecido pelo nome de Chandogyopanishad, onde, pela ausencia de certos nomes, se vê pertencer a sua origem mais para a *parte occidental do Indostão* (Weber, 146); n'esta parte dos Vedas apparece o nome de Christna, filho de Devaki. Bastava a antiguidade vedica d'este mytho, para fazer notar que elle devia desenvolver-se na epopêa, e Weber reconhee, que o seu culto não podia estabelecer-se só pela força de eircumstancias exteriores. Mostrando a differença que existe entre o Chandogyopanishad e o Vrihad-Aranyakan, e de que se não pode concluir que o primeiro seja mais moderno, diz Weber: «é a menção de Krishna Devakiputra, que é instruido por Ghora



*Angirasa*. O ultimo com effeito, e ao lado d'elle (mas sem que haja entre elles alguma relação) Krishna *Angirasa*, são mencionados no Kanshitaki-Brahmana: se este ultimo Krisna Angirasa é identico ao outro Krisna Devakiputra, esta menção poderia ser considerada antes como um signal da sua prioridade sobre o Vrihad-Aranyakan: eomtudo, admittindo que esta identificação seja exacta, é preciso ainda assim ligar importancia á mudança que o nome teve aqui: em lugar de Angirasa, chama-se Devakiputra, fórma de nome pela qual não se acha analogia em nenhum outro escripto vedico, excepto nos Vanças (taboas genealogicas) do Vrihad-Aranyaka, e que por isso pertence certamente a uma época assaz recente. Finalmente, a importancia d'esta menção para a intelligencia do lugar que occupou mais tarde Krishna, é evidente: aqui é ainda um discipulo ávido de sciencia, pertencendo talvez á casta guerreira, e elle deve sem duvida ser distincto por alguma fórma ainda que saibamos pouquissimo sobre este ponto, de outro modo a sua elevação posterior á cathegoria de Deus, resultando de circumstaneias exteriores, seria inexplicavel.» (Weber, p. 145.) Cumpre notar que esta parte dos Vedas «se distingue particularissimamente



pela sua rica colleção de legendas sobre o desenvolvimento successivo da theologia brahmanica» como a caracteriza Weber.

A existencia de Christna nos Vedas tem como consequencia logica a sua manifestação épica no Mahabharata; mas fóra da corrente litteraria, esta tradição aryana continuou a ser olaborada pelo povo, a ponto de imprimir á intelligencia indiana a feição philosophica Vedanta. Criada independentemente do dogmatismo sacerdotal, foi por isso que se tornou o thema favorito dos poetas artisticos.

A lenda da origem *occidental* do culto de Christna tem a sua explicação em um outro livro vedico; o Atharva Samhita, onde apparece mencionado o nome de Christna, tem um cerimoniaal dos arias extranhos á vida brahmanica, isto é os Vratinas ou arias *occidentaes*, oppostos aos costumes brahmanicos: (Weber, 253.) «A sua lingua (do Atharvasamhita) appresenta palavras totalmente particulares, muitas vezes com um aspecto muito antigo, bem que revestindo formas praritas; porque eneontra-se ahi uma quantidade de palavras, que eram usuaes na boeca do povo, mas que não acharam logar no resto da litteratura por falta de occasião.» (p. 254) «Ha alli uma men-



ção de um interesse particular; é a de Asura Krishna Keçin, cuja morte fez dar a Krishna (Angirasa? Devakiputra) na epopêa e nos Purânas, os sobre-nomes de Keçihan, Keçisûdana.» (Ib., p. 255) Em nota prosegue Weber: «Nós achamos um Asura Krishna já no Riksamhita, e elle tem uma parte importante na legenda buddhica (onde parece ter sido identificado com o Krishna epico?)»

A lucta de Christna como se encontra no Bagavad-Gita, e no Bagavata-Purâna, contra os genios do mal, explica-se pelo sentido do Atharvasamhita; n'este livro vedico, (cujo espirito constituiu uma eschola, a que pertence o *Vishnupurana*, onde a lenda de Christna vem desenvolvida) ha a lucta do genio livre *occidental*, contra a vida brahmanica do nordeste. Os nomes citados nos hymnos do territorio brahmanico, são tomados na parte occidental como expressões hostis; entre estes nomes, do nordeste, encontra-se o de *Angas*, e na lenda posterior de Christna, este deus é morto á traição por *Angadas*.

Pelos documentos vedicos se conhece a razão porque o culto de Christna teve sempre um caracter popular, e uma origem occidental.



§ V. *O culto de Christna no periodo buddhico,  
e sua degeneração épica.*

O estabelecimento da disciplina brahmanica trouxe consigo a instituição das castas; a ultima e a mais degradada era a dos Çudras; esta casta era formada de diferentes elementos, e para comprehender o problema ethnico da sua origem, basta vêr como as povoações pagãs se tornaram raças malditas, os *cagots* e *bagauds*, quando o Christianismo europeu se tornou religião official. Os Çudras eram formados: 1.º pelas tribus aborigenes encontradas e avassaladas pelos Arias dominantes que se fixaram no Indostão; 2.º pelos primeiros emigrantes arianos que estavam mais atrasados pelo facto de se terem isolado prematuramente, e que por isso nas regiões occidentaes que habitaram, não quizeram reconhecer o regimen brahmanico. (Weber, *Hist. de la Litt.*, p. 75.) Foi esta posição desesperada e oppressiva, que fez com que os Vratinas insistissem com mais fervor nas suas erenças naturalistas, e dominados pelo terror dêssem ao seu culto a força de esconjuro contra as divindades malevolas, esse caracter de pusillaniedade supersticiosa, e ao mes-



mo tempo fez com que desenvolvessem esse ideal de esperança de uma reabilitação futura realizada pelas diversas *encarnações* da divindade. Desde que esta esperança se desenvolvesse até servir-se para sua expressão do mytho do Christna, apenas heroe, sabio e de singular piedade, e depois até elevá-lo á altura de uma *encarnação* de Vichnu, foi preciso um longo decurso de tempo. As revoluções succedidas no seio do proprio brahmanismo determinaram esta evolução; tudo isto se passou antes da elaboração do Mahabharata; para que a aspiração do sudra se tornasse uma crença com a forma do culto publico, foi preciso a disciplina philosophica Vedanta, e a lucta do Buddhismo e do Çivaismo.

As luctas para a divisão das classes, fez nascer na propria região do nordeste da India dissidentes contra a doutrina brahmanica; chamavam-se os apostatas ou Vratyas; só depois de vencido é que se explica o desenvolvimento da crença em um deus de terror e de morte, ou o culto do Çivaismo. (Weber, 201.)

No *Ramayana*, não apparece um unico vestigio do Christna; não porque ao tempo da redacção d'esta epopêa não existissem as tradições de tal divindade, mas porque o *Ramayana* é um



producto puro da sociedade brahmanica, no periodo em que o partido sacerdotal procurava manter-se lisongeando a classe guerreira.

Conhecendo-se a época relativamente moderna da ultima elaboração de *Mahabharata*, onde apparece o Christna como Deus, julgaram alguns orientalistas, que embora existisse a personalidade mythica muitos seculos antes do Christianismo, se deveria attribuir este facto da sua apothose ás relações da India com a Europa, e á communicacão directa com a tradiçãõ evangelica. Mas á medida que as descobertas se foram alargando no dominio dos documentos litterarios da India, a divinisaçãõ de Christna appareceu como um successo anterior ao *Mahabharata*, ou pelo menos seculo e meio anterior a Christo. Nos *Commentarios* de Panini, que existiu depois de Buddha quatro seculos, se acha «o *Christna Vasudeva*, o que pertence á tradiçãõ dos Pandavas, considerado como Vasudeva, da raça de Vrishni (Panini, IV, 1, 114.); como Vasudeva juntamente com Çiva e Aditya (Pan., V, 3, 99.); como Vasudeva, sempre com Adjurna (Pan., IV, 3, 98, text.) No *Commentario* a Panini (III, 3, 156, e II, 3, 72) temos a prova de Christna ser adorado como



um Deus; (no I, 4, 92) é mencionado como um heroe.» (1)

Vejamos o que vem a ser um *Vasudeva*; «*Vasudevas* e *baladevas* são um desdobramento da pessoa de Vishnu, tal como o systema vishnuita o reconhece na dupla encarnação dos dois *vasudevas* Balarâma e Christna. Se estes nomes authenticam um sensível predomínio do elemento *Christnaita* no vishnuismo d'esta época, o algarismo *nove*, parece derivar-se de uma enumeração então classica dos Avatars d'este deus. (A época quo aqui se trata é das origens do buddhismo.) Quanto a esta aproximação singular dos vencedores e dos vencidos, dos *Asuras* e dos Deuses, na pessoa dos *Vasudevas* e dos *vishnu-dvishs*, é preciso reconhecer indubitavelmente a influencia de certas doutrinas expressas nos Purânas, e que tendem a absorver, a confundir em uma unidade speeulativa superior os velhos dualismos mythologicos. Como quer que seja, os *Vasudevas* reecbem tambem o nome de *Ardhakra-vartinos*;... Parece-me mais verosimil, que a

(1) Max-Muller, *A History of ancient Sanskrit Literature*, p. 45, not. Ed. 1859.



denominação de ardhacakravartino é antes de tudo a consagração pelas palavras de um facto perfeitamente elaro, o desdobramento da pessoa de Vishnu, o unico verdadeiro e completo Cakravartino, em Bala e em Christna.» (1)

As relações do Christianismo com os cultos da Asia, com os *avatars* do periodo brahmanico, (mysterio da *encarnação*) e com as fórmas cultuaes do buddhismo, (*conventos, camandulas, sinos, agua-benta, etc.*) deslumbraram os primeiros navegadores portuguezes do seculo XVI. Castanheda desereve essa extraordinaria surpresa, em que os portuguezes se imaginavam illudidos, tomando as figuras das divindades brahmanicas como obra do diabo. Nos *Lusiadas* consignou Camões essa impressão, deserevendo a pomba phalica do Espirito Santo, e tirando a synthese catholica: «O falso Deus adora o verdadeiro.» Para conciliar estes factos cujo nexu historico era desconhecido aos eruditos do seculo XVI, inventou-se um apostolado de Sam Thomé, a que se ligou tambem a tradição das expedições do seculo XV que proeu-

(1) Senart, *La legende du Buddha*, p. 167. Journal Asiatique, (Aout-Septembro, 1873.)

\*



ravam o reino do Preste João das Indias. Uma outra illusão se repetiu no seculo XVII com as analogias entre o catholicismo e o buddhismo; os embaixadores siamezes que visitaram a eôrte de Luiz XIV, fizeram conhecido o nome de Buddha sob a fôrma de Samanacodon (*çramana Gautama.*) Para explicar essas analogias recorreu-se á existencia de uma seita christã da Asia, dos Nestorianos, porém, como diz Emilio Burnouf, a descoberta dos manuscritos do Nepal, e os ramos buddhicos do Thibet e da China demonstraram a existencia d'essa religião com base moral anterior ao Christianismo cinco seculos e a Nestor quasi dez seculos. (1) O Christianismo, em parte pela sua base tambem moral, seguiu as fôrmas do Buddhismo, na organisação do sacerdocio independente de castas, na constituição de uma corporação doutrinaria na Egreja, analoga á *Sangha*, no espirito de Caridade ou *Maitreya*, na vida cenobita dos Mosteiros como os *Vihâras*, no uso dos Exemplos com o mesmo intuito dos *Avalânas*, e na elaboraçaõ de uma metaphysica co-

(1) *Science des Religions*, p. 137.



mo o *abidarma*, e no ultimo gráo do mysticismo da via unitiva, em que se imita o nihilismo do *Nirvâna*. As lendas buddhicas penetraram no Christianismo, e não é sem interesse o modo como do Lalita-Vistara tirou a Igreja por via de Sam João Damasceno a lenda de *Barlam e Josaphat*, que é o proprio Buddha canonisado e adorado nos altares catholicos, e cujo martyrologio foi incorporado na collecção dos Bollandistas.

Assim como o Christianismo tem innumeradas analogias materiaes com o Buddhismo, assim nos apparece proseguindo as mesmas phases historicas: O Buddhismo apparece na India quando o dogmatismo brahmanico se tornou mais intolérante e exclusivo contra as diversas castas que procurava annullar, e contra as diversas dissidencias de Vishnuistas, Sivaitas, etc.; o Buddhismo propagou-se porque foi proselytico, isto é, fundou-se sobre os dogmas da egualdade e do perdão pela penitencia. O Christianismo nasceu quando o Mosaismo se limitara no rigorismo pharisaico e quando os povos do Occidente indisciplinados pelos differentes polytheismos sem sentido, não tinham liberdade fóra do exclusivismo politico. O Buddhismo nasce na India e propaga-se principalmente na China em uma raça que limi-



ta a sua aspiração humana; o Christianismo constitue-se na Judêa e propaga-se na Europa em uma raça poetica e fecunda, que o vivifica e o alarga a ponto de se tornar a primeira revelação da consciencia da Humanidade. Assim como o Buddhismo se definiu canonicamente no Concilio do Pataliputra, da mesma fórma se definiu o Christianismo no Concilio de Nicêa; a religião Buddhica tem as suas legendas apocryphas, e o Christianismo tambem rejeitou uma parte da sua elaboração popular. Tanto Buddha como Christo, foram submettidos a um acanhado *evhemerismo*, procurando tomar e fazer valer como documentos historicos o que não passa de lendas poeticas, desenvolvidas tradicionalmente de mythos cujo sentido era obliterado. Todos os trabalhos sobre Buddha partiam da admissão da sua *realidade historica*; hoje pelos trabalhos de Senart e pela corrente da critica, Buddha fica unicamente um typo mythico; (1) o mesmo

(1) Segundo Wassiljew, Buddha não é uma pessoa, mas um termo technico ou um dogma. A personalidade nas suas diversas legendas é de tal fórma variavel que o typo historico se dissolve no mytho. Ap. Senart, op. cit., p. 119.



succede com o Christo, cuja realidade historica não tem um só documento que mereça fé e que apresente o caracter historico. Em vez de reduzirmos os Evangelhos a um forçado *evhemerismo*, tomemol-os pelo que elles são, e partamos d'essas lendas mais ou menos populares para restabelecer as relações d'este typo com os mythos primitivos. As relações exteriores e formaes que expendemos, entre o Buddhismo e o Christianismo, apparecem-nos intimas e constitutivas desde que se demonstre a hypothese de Eug. Burnouf, quando falla das relações do brahmanismo popular com a formação do buddhismo, e estabelece, que o culto de Christna nasceu da reacção brahmanica pelo successo do Buddhismo. Esta reacção brahmanica foi simplesmente a admissão com caracter canonico de certas fórmas religiosas populares para contrapôl-as ao proselytismo buddhico. O fundo commum d'onde saiu o Buddhismo e o Christianismo foi esse brahmanismo popular, a que se não tinha ligado importancia. Diz Eugenio Burnouf:

«Citarei apenas, como exemplo dos resultados que se devem de esperar do estudo dos *Sutras* considerados sob este ponto de vista, (a época da



redacção das legendas buddhicas) um facto que merceceria ser verificado sobre textos mais numerosos do que aquelles que possuímos; vem a ser, que em nenhuma parte, nos tratados do Divya avadâna, não tenho encontrado o nome de *Krīchna*. Por outras palavras, as legendas relativas a este personagem, actualmente tão celebre na India, não eram ainda diffundidas entre o povo, ou então o seu nome não tinha ainda tomado o seu logar junto dos deuses brahmanicos? Não ousarei com certeza affirmar-o, mas o problema é muito digno de toda a attenção da critica; por que de duas cousas uma: ou o *Krīchna* era venerado na India com o caracter quasi divino que lhe attribue o Mahâbhârata, quando appareceu Çâkyamuni e quando foram redigidas as suas prégações; ou a sua divindade não era ainda universalmente reconhecida no tempo de Çâkye e dos primeiros apóstolos do Buddhismo. No primeiro caso é necessario explicar o silencio guardado pelos Buddhistas a seu respeito; no segundo é preciso reconhecer que os monumentos litterarios dos Brâhmanes onde *Krīchna* tem uma parte tão importante, são posteriores á prégação de Çâkye e á redacção dos livros que se tem direito de julgar como as auctoridades escriptas as mais



antigas do Buddhismo. (1) Mas tanto n'um como em outro caso, é preciso adquirir a certeza de que nenhuma obra buddhica cita Krichna entre as divindades, quanto a mim, brâhmanicas, admittidas pelo proprio Çakya.» (2)

Esta questão acha-se admiravelmente posta por Eugenio Burnouf, e o que mais nos assombra é a sua previsão scientifica sobre a solução futura do problema.

Em primeiro logar, os monumentos buddhicos não citam o nome de Christna:

D'aqui difluem duas hypotheses importantes e que precisam de uma prova immediata:

(1) «Não tenho meio de me exprimir com mais precisão sobre esta questão curiosa. Lembrarei sómente que a alta razão de Colebrooke lhe tinha já inspirado duvidas sobre a antiguidade do culto de Krichua, e que este sabio estava bem perto de declarar posterior ao desenvolvimento das fabulas e das legendas que fizeram um Deus do filho de Dêvaki. (*Misc. Essays*, t. II, p. 197.) Achar-se-ha talvez mais tarde que a extensão consideravel que tomou o culto de Krichna foi uma reacção popular contra o de Buddha, reacção que foi dirigida ou plenamente acceita pelos Brâhmanes.»

(2) E. Burnouf, *Introduction à l'Histoire du Budhisme Indien*, p. 136.)



1.<sup>a</sup> *As lendas de Christna ainda não eram populares na Índia, ao tempo do proselytismo budhico?* Esta hypothese torna-se inadmissivel o contra a realidade historica, desde que se achou que o mytho do Christna pertence ao periodo ariano, que tomou desenvolvimento na classe popular e pastoral dos Vratynas na rogião occidental do Indostão.

2.<sup>a</sup> *O nome de Christna não tinha ainda tomado o seu logar entre os outros deuses brahmanicos, no tempo da pregação do buddhismo?*

Este factio é o unico accitavel; mas não prova contra a antiguidade do mytho. Porque, sendo a religião dos Vratynas um protesto de resistencia contra as ambições politicas dos Brahmanes, que sob a nova fórmula religiosa queriam submeter todas as tribus arianas ao regimen das castas, por certo que a theologia brahmanica não podia admittir no seu pantheon esse mytho occidental que representava o Deus que se tornara a expressão da reacção popular.

Não tendo previsto estas soluções, Burnouf propõe novas hypotheses que o foram successivamente aproximando da verdade.

3.<sup>a</sup> *Tendo Christna já um character divino, co-*



*mo lhe dá o Mahabharata, porque é que os monumentos buddhicos o não citam?*

Sabendo-se que os Brahmanes resistiram por todos os meios ao immenso proselytismo buddhico que ameaçava extinguil-os, é tambem certo que os Brahmanes para contrabalançarem esse novo proselytismo transigiram com a crença dos Vratynas, acceitando Christna com caracter divino. Este favor canonico, que foi uma bajulação popular, é que veio communicar ao culto de Christna a sua maior hallucinação. Burnouf em uma nota previu esta razão, que é um facto historico; «*a extensão consideravel que tomou o culto de Christna foi uma reacção popular dirigida ou plenamente acceita pelos Brahmanes contra o culto de Buddha.*»

O Christianismo recebeu do Buddhismo, segundo Weber, o culto das reliquias, os sinos, os mosteiros de frades e freiras, a tonsura, o rosario, a campainha, a confissão; <sup>(1)</sup> esta influencia pertence toda á disciplina moral. A doutrina de Buddha era conhecida e discutida na Eschola de Alexandria; o judeu hellonista Philon cita o nome

(1) Gubernatis, *Piccola encyclopedia*, p. 470.



de Buddha, e os *Samanai* (os *Çramanas*, discipulos de Buddha) conhecidos em Alexandria por este nome, cumpriam um fervoroso apostolado por toda a terra. Se isto nos explica a relação doutrinaría com o Christianismo, o fundo popular, commum ao buddhismo e ao brahmanismo em que se formou o mytho de Christna, é onde se encontrará a fonte primordial da parte mythica do Christianismo, de que a Eschola de Alexandria foi o centro de propagação.

Assim como o príncipe de Siddhârtha é reconhecido depois do seu nascimento como quem hade ter uma sorte gloriosa, pelos Brahmânes que vêem n'elle um Cakravartino ou um Buddha, assim tambem Christo, quando nasce da regia estirpe de David, é considerado na apresentação do templo como um Messias, pelo sacerdote Simeão.

Quando o príncipe, o Bodhisattra abandona os prazeres terrestres, Mãra o tentador procura desvial-o da sua missão religiosa, promettendo-lhe de o fazer em sete dias monarcha universal ou Cakravartino se elle abandonar a sua vocação. (1)

(1) Senart, *Legende du Buddha*, p. 122.



Christo ao encetar a sua obra messianica é também tentado por Satanaz, que lhe promette todas as glórias da terra se elle o adorar. Qual será a razão porque este facto é commum ao Buddhismo e ao Christianismo? É por que existe uma fonte commum brahmanica, ainda com sentido cosmologico. As prophecias de Simeão e a tontação de Satanaz mostram que elle era ou podia ser se quizesse um «monarcha universal» ou *Cakravartino*. O caracteristico do *Cakravartino* era o disco de *Vichmu*, symbolo da supremacia, usado pelos padres catholicos na corôa da cabeça e na fórma redonda da hostia. Na *Iconographia christã*, Christo é representado quando menino com o mundo debaixo dos pés, ou com o mundo em uma mão; o *Cakravartino*, tem aqui ainda o seu primitivo sentido cosmologico; segundo Beal, a significação de *Cakravartino* é «um monarcha que reina sobre todo o *cakra* (ou roda) de rochedos com que se representa circundar a terra, ou em outros termos um monarcha universal.» No *Apocalypse* de S. João, ainda apparece a roda que se atira ao oceano. De facto nas tradições do buddhismo chinez, a *Cakra* é identificada a uma roda de ouro, apparece a Leste e afunda-se no Oceano. (Sen., 135.) Segundo Kuhn, este disco é



o symbolo do sol, cujo carro brilhante é fabricado pelos Ribhus; e torna-se igualmente o proprio Deus sob a fórma luminosa. (1) Como o Cakravartino, que dá a volta ou faz girar a *Roda da Lei*, Christo veio tambem substituir a lei velha.

A metaphysica christã apropriou-se das especulações abstractas da Eschola de Alexandria.

Um dos primeiros proclamadores da *lei nova* foi Estevam, *alexandrino*; seguiu-se o grego Philippe, que converteu Simon, discipulo de Philon de Alexandria. Foi esta corrente proselytica, que hallucinou Paulo, que fez prevalecer na evolução do Christianismo o espirito hellenico, e portanto as suas relações com os mythos aryanos. O nome semitico de *Nazareno*, usado pelos petrinistas de Jeruralem, foi substituido pela designação grega de *Christãos*, na primeira igreja fundada por Paulo em Antiochia. Apollus, de Alexandria, na *Epistola aos Hebreus*, funda o *docetismo*, e introduz no Christianismo a doutrina indopersa da *encarnação*. (2)

(1) Apud Senart, p. 127.

(2) *Science des religions*, p. 102; 67; 95.



Fallando das relações da Grecia com a India, diz Weber, pretendendo mostrar que por via de Alexandria o Christianismo influenciou na mythologia indiana: «No culto de Krishna, heroe dos tempos antigos, que entra em uma phase nova, o nome de Christo parece dever ser posto directamente em relação com o do heroe, e muitas legendas concernentes a Christo e sua mãe, a Virgem-divina, deverem referir-se a elle.— Por um effeito contrario, os principios philosophicos da India exerceram uma influencia decisiva sobre a formação de muitas seitas gnosticicas de que Alexandria sobre tudo foi o berço.» (1)

Sabendo-se, como é hoje incontroverso, que a doutrina religiosa de Krishna deriva-se directamente da philosophia Vedanta, que é a sua expressão metaphysica; sabendo-se mais, que as seitas dos gnosticos, como o proprio Weber reconhece, são de origem indiana, como é possivel admittir que o Christianismo, que foi gnostico na sua origem, influenciasse sobre os mythos da India? Repugna aos simples rudimentos da razão; mas os orientalistas catholicos, e protestantes, ou por fa-

(1) *Hist. da Litt. indiana*, p. 36.



naticos (Abb. Bertrand e Garcin Tassy,) ou por conveniencias de posição social, (Weber, Max-Muller) procuram a todo o transe fazer passar como principio corrente de que a copia do Christianismo foi o original dos mythos indianos do Krischna! (1) Era como, na ordem linguistica, se quizessem pelas analogias que ha entre o latim e o sanskrito, dizer que este ultimo se derivou de uma communicacão hypothetica com o Lacio.

O desenvolvimento litterario das lendas de Christna acha-se no *Bagavad-Gita*, (trad. de Schlegel, Thompson, Burnouf e Wilkins); no *Bagavata-Purâna*, ou Historia poetica de Christna, (trad. de E. Burnouf) no *Gita-Govinda*, no *Prabodha Chandrodaya*, no *Iswara-Krishna* (trad. de Wilson), no *Prem-Sagar*, e no *Harivança*,

(1) Em Gubernatis encontramos a referencia a este modo de ver injustificavel: «nella mitologia bramânica si onora in vece in *Krishna* o nel vero, una delle piú luminose trasformazioni della divinità, al che forse poté pure contribuire alcuna notizia pervenuta nell' India del *Cristo*, che me sembra (come è gia parso al Weber) avere imprestato al *Krishni* con una parte della sua sapienza, anche qualche episodio della sua vita...» *Piccola Encyclopedia indiana*, p. 242.



emfim em uma vasta litteratura que corresponde á profundidade, antiguidade e extensão de lendas que decahiram da sua importancia religiosa; a sua crença é seguida por poucos brahmanos, mas tem ainda a adhesão de seis decimos da população de Bengala. Resumiremos aqui os topicos d'essas lendas populares, em que se dá uma analogia crescente entre *Christna* ou *Krischna* e Christo.

Krischna, nasce para livrar o reino de Mathura do jugo sanguinario de Kansa, a sua vinda é prophctisada, e Kansa para se livrar do seu poder, mata com as suas proprias mãos todos os filhos de sua irmã Devaki e de Vasu-Deva, por que Krischna, havia de nascer de estirpe real.

Quando Devaki dava á luz algum filho, Kansa era logo avisado pelos orneios de um jumento que collocara no sitio onde sua irmã estava encerrada.

Khrisna, nasceu á meia noite, ao romper da lua; e logo que elle veiu á luz, ordenou a Vasudeva, de o levarem para Gokuula para além da ribeira do Yamuna, para aí ser criado entre os pastores, como um d'entre elles.

Kansa, sabendo que o annunciado Kristna ti-



nha desaparecido, decretou a morte de todas as crianças. Entregaram Krishna aos cuidados do pastor Nanda e de sua mulher Yasoda, na terra de Yradja.

Na sua meninice, Krishna, fazia maravilhas extraordinarias. (Confrontal-as com os Evangelhos apocryphos.) As pastoras seguiam-no encantadas, e Radha era a sua predilecta. (Magdalena.)

Cercou-se de jovens guerreiros, e deixando a vida obscura de Pastor ou Govinda, fez a sua entrada triumphante em Mathura.

Crishna, quando estava sentado á sombra de um arvoredó é atravessado por uma lança, e pregado no tronco da arvore tchandana, pelo pastor Angadas.

Krishna é representado com côr negra; nas primitivas tradições evangelicas Christo tambem é negro.

O Entrudo é a *Rasa* de Chrishna. Esto heroe, celebrado no Mahabharata, é anterior á era christã do 1200 annos. Depois de tratado como heroe na epopêa, Khrishna foi tratado outra vez como encarnação de Deus no *Prem-Sagar*. (Vid. Garcin Tassy.) É n'este ultimo ponto que existem relações com a religião christã, e que pretendem



os catholicos fundamentar a originalidade da Egreja.

Chrisna deseende de *Yadu* (tribu de Judá); seu pae era *kshatrya* (José era carpinteiro); sua mãe era filha do rei *Devaka* (Maria deseendia de David.) A visita de Devaki a Yasoda; (visita de Santa Izabel); o filho de Yasoda morre por causa de Chrisna; (o Baptista é victima de Herodes.) Chrisna é filho do deos *Vasudeva*, e tem por pae putativo Nanda.

No Baghavat, falla-se no meteoro luminoso do nascimento do Khrishna, analogo á estrella dos Magos.

Os Pastoros de Gokula mandaram suas mulheres eantando e dansando offerecer potes de leite a Nanda pelo nascimento de Khrishna.

Do mesmo modo que as prophecias de Simeão e de Anna, os Pandits e astrologos vatieinam quo Chrisna vencerá os Asuras (os demonios).

Mathura, para onde foge Chrisna, é o mesmo que *Matarea*, no Egypto.

A perda de Jesus, e a desolação de Maria é identica á do Yasoda, quando Nanda volta a Vrindava, tendo deixado em Mathura o filho adoptivo.

\*



A transfiguração do Thabor, é analogo á que faz Chrishna no Vradja.

O milagre da corcovada, quo vem ungir os pés de Chrishna com sandalo, é o caso de Magdale-na a peccadora.

Ressuscita o filho de Saudipan, como Josus o filho da viuva de Naim.

Em nenhum povo o desenvolvimento das theogonias se mostra mais completo do que na India, pela antiguidade da sua civilisação, pelo motivo de ter sido a crença religiosa o thema de toda a actividade intellectual em politica, philosophia e litteratura, e em moral. A idcia da enearnação da divindade, depois de differentes fórmas rudimentares, recebeu pois a sua mais completa manifestação no mytho de *Christna*; é este o pensamento fundamental de todos os monumentos da India, que se transmittiu aos povos indo-europeus na civilisação que continuaram, no espiritualismo do seu sentimento, no desinteresse do seu character. Tendo o Gonesis copiado incompletamente a tradição árica de Adam e Eva, modificando-a com o seu genio do maldição semitica, o desdobramento d'essa tradição no redemptor promettido foi indubitavelmente adoptado em



uma época de crise religiosa. Pelas relações do povo hebreu com os Persas e Egypcios, nos seus differentes captiveiros, pelo movimento religioso dos judeus hellenicos se explicava o modo como a tradição de *Christna* penetrára na Judêa, se a propria ethnologia não tivesse deixado hoje em evidencia que certas creações dependem de certos caracteres da raça. O Judeu, como semita, viveu sempre em um isolamento politico, moral e religioso; a ideia de humanidade nunca teve existencia no seu espirito; todos os povos foram por elles considerados em uma absoluta inferioridade, porque se chamavam a si o *povo escolhido de Deus*. Como é que no systema religioso dos Judeus poderia germinar o desenvolver-se uma tradição generica, segundo a qual d'entre as suas tribus havia de nascer um filho, hebreu de sangue real, que viria rehabilitar pelo sacrificio da sua vida todos os povos inimigos, e fazel-os gozar diante de Deus todas as felicidades que tinham pertencido exclusivamente ao povo escolhido? Era um impossivel moral, que a historia demonstra experimentalmente. A ideia de um Messias, não podia actuar na consciencia judaica, do mesmo modo que certas fórmas grammaticaes do sanskrito, produzidas pelas faculdades



da abstracção da raça ariana, faltam completamente na lingua hebraica. E se é um absurdo o admittir que a ideia messianica tivesse origem entre os Judeus, quanto imprudente não é a hypothese dos modernos theologos catholicos, que querem que a India tivesse recebido da Biblia essas fórmas incompletas e sem sentido para o semita, desenvolvendo-as em monumentos escriptos que antecedem a civilisação grega e romana! O estudo e comparativo das religiões é uma ereacção seientifica do nosso seculo; basea-se sobre a linguistica e sobre a critica da historia, e nada admitto como verdade sem o principio supremo da filiação dos factos. Os theologos catholicos têm comparado o mytho indiano de *Christna* com *Christo*, por se verem impossibilitados de eneobrirem ou obliterarem esta origem ariana que a seientia deseobriu aaccidentalmente; mas para a sua eomparação servem-se dos monumentos mais modernos, (do mesmo modo que se quizessemos penetrar as origens do Christianismo pelos Autos da Paixão do seculo xv, ou pela *Messiada* de Klopstock) para depois coneluirem que a identidade entre os dois mythos naseera da propaganda dos missionarios catholicos na India. Felizmente



a sciencia não se funda sobre afirmações, mas unicamente nas demonstrações. Lidas as prophcias de Isaias, de Micheas ou de Daniel, o que os exegetas querem que se refira a um Messias, diz respeito a personagens historicos, que só á força de allegorias podem ser reduzidas a esse vago ideal. N'essas prophcias predomina mais do que em nenhum outro lugar da Biblia, o isolamento e egoismo politico da nacionalidade judaica; não ha a minima ideia de reabilitação, nem de felicidade para a universalidade dos homens, ahi considerados como inimigos. Não era d'essas prophcias que podia logicamente sair um todo completo de christologia como vemos nos evangelistas. Os proprios judeus nunea acceitaram como uma realidade os Evangelhos, e não reconhecem a *encarnação* de Jesus. Os Phariseus, os que melhor mantinham a tradição religiosa, segundo se conta no Evangelho de S. João (IX, 16) vendo quo Jesus não guardava o sabbado, diziam: «Este homem não é de Deus, porque não guarda o sabbado.» Os Saduceus, outra seita judaica, negavam a *immortalidade da alma* o o *principio das penas e recompensas*; como podia este ramo dissidente acceitar as tradições messianicas? Sómente nas seitas dos Essenios é que se



encontram todos os sentimentos, costumes, o modos de vestir, como nos representa a lenda de Jesus; as relações d'esta seita judaica do ramo contemplativo ou *therapeuta* com a philosophia alexandrina, é que nos explica o modo como o mytho indiano de Christna foi recebido insensivelmente na raça semitica, e em um periodo de scismas religiosos, como o dos phariseus, saduccus, e essnios. Recebida essa tradição, os judeus não se serviriam d'ella senão na sua parte abstracta de doutrina moral; nunca sairia dos limites pyrrhonicos de uma seita, e soria quando muito uma philosophia sentimental privativa de alguns homens de sciencia. Quando por effeito da queda de Jerusalem, se dispersou a nacionalidade judaica, a tradição de Jesus foi communicada aos povos da Europa; como indo-europeus facilmente acceitaram a criação primitiva do seu tronco aryano, deram-lhe a sua communicabilidade poetica, a ponto de vormos as novas raças dos indo-europeus, que entraram depois dos romanos na vida historica, abraçarem a tradição de Christo, como os Germanos, os Scandinavos, os Francos, tornarem essa ideia o movel do seu desenvolvimento e a base primaria da sua civilisação.



A ideia de um *mediador*, que se sacrifica pela humanidade, é de origem medo-persa, como o provou Bunsen; a ideia da *encarnação* da divindade pertence propriamente ao systema theologico indiano do culto de Agni e dos *avatars*. Estes dois systemas actuaram em diversas epochas na constituição religiosa do Christianismo; os dogmas e symbolos da *Natividade*, como observou Burnouf, prevaleceram até ao quarto seculo, e coincidem com a *disciplina arcani*, em que as cerimoniaes eram occultas e as explicações doutrinaes se faziam por symbolos allegoricos, e por grãos de iniciação. E' por isso que esta corrente indiana do Christianismo é a que se acha mais claramente nos symbolos christãos das Catacumbas, e a que ainda persiste sem sentido na parte ritualistica da Igreja, e tambem a ultima que foi descoberta pela erudição historica. Os Padres da Igreja primitiva, orientados pelas doutrinas espiritalistas medo-persas propagadas ao Occidente pela Eschola de Alexandria, conheciam a corrente tradicional indiana, contra a qual foram reagindo, condemnando-a como heresias. Santo Hyppolito no fim do seculo II declara que muitas heresias da igreja nascente eram repro-



ducção dos systemas brahmanicos da India; (1) Eusebio, na *Historia ecclesiastica*, antes do seculo IV, diz serem os christãos *barbarae ac peregrinae*, nome que se lhes não daria em Roma se a religião proviesse do Egypto ou da Judêa, que estavam encorporados no Imperio romano; e este character *estrangeiro* explica-se pela carta de S. Jeronymo a Marcella, que diz que era a Palestina o centro para onde convergiam os povos da Armenia, da Persia e da Judea. (2) O fim da *disciplina arcani* coincide com um maior desenvolvimento metaphysico do Christianismo, tornando-se exclusivamente *moral*; os mythos da *Natividade* foram substituidos pela representação iconographica da *Paixão*, e a corrente medopersona accentuou-se terrivelmente pelo dualismo religioso d'onde resultou a introdução do Diabo. A Igreja combatu os mythos do polytheismo indo-europeu como obra do Diabo, e considerou Diabos todos os deuses helleno-italicos. Não obstante as perseguições que veio a exercer pela intolerancia canonica, a Europa con-

(1) Burnouf, *Science des Religions*, p. 256.

(2) Ibidem, p. 255.



servou os seus mythos árieos primitivos, em uma vastidão e intensidade tal, que ainda hoje se póde reeompôr o systema completo do culto do fogo, que é a essencia dos ritos automaticos da Igreja.





## CAPITULO IV

### COSTUMES POPULARES DO CULTO SOLAR, QUE EXPLICAM OS RITOS CHRISTÃOS

A complexidade dos ritos catholicos acha-se reduzida a uma certa unidade pela critica de Emile Burnouf: «O rito christão no seu conjunto, apresenta-se sob dois aspectos: *é quotidiano*, e tem por centro o canon da missa; *é annual*, e tem por centro a semana da Paschoa.» (1) Nos costumes populares, que se ligam tambem ás festas do Christianismo, acha-se ainda esta dualidade, explicando-se mutuamente suas origens mythicas em todos os povos da Europa, e a sua prove-

(1) *Science des Religions*, p. 231.



niencia de um fundo ethnico indo-europeu aproveitado pela egreja, o polytheismo árico. Nos mythos primitivos, essa parte *quotidiana* figurava-se a lucta diaria da luz contra as trévas da noite, em que a divindade solar morria e tornava a ressuscitar triumphante; (1) a parte *annual* era figurada pela lucta do Verão contra o Inverno, ou do calor que fecunda, contra o frio que mata e esterilisa. O Inverno era por fim vencido, o Sol triumphava das neves, e com elle renascia a natureza inteira em florescia e alegria. Na dissolução do polytheismo árico das raças indo-europêas, muitos dos elementos mythicos d'esse primitivo culto solar se dispersaram quebrando-se a sua unidade ritualistica, porém conservaram-se no automatismo dos costumes populares, como usos, superstições, allusões inconscientes, que a erudição historica tornou a reu-

(1) Ainda hoje a hora do *meio dia* é considerada com caracter magico na superstição popular; nas orações poeticas diz-se: «Nem de noite, nem de dia; Nem ao *pino do meio dia*,» como a hora malefica, quando o sol começa a declinar. A caçada phantastica do Rei Arthur, segundo a tradição conservada por Gervasio de Trilbury, era *circa horam meridianam*.



nir recompondo esse fundo épico decahido da crença religiosa. Os trabalhos de Jacob Grimm, de Liebrecht, de Kuhn e de Schwartz são fundamentaes na exploração d'estes vestígios consuetudinarios, que se tornam cada vez mais claros no seu sentido á medida que se accumulam; Emile Burnouf, sem so aproveitar d'estas conclusões, determina na liturgia christã essa mesma corrente dos mythos áricos, abandonando as fórmas que lhes deu a tradição popular para as explicar por aproximações com os ritos vedicos. Achamos no seu processo esquecido o critorio da filiação historica, e por isso apenas nos serviremos das bases analyticas do ritual catholico, que elle determina com grande lucidez, para por ellas coordenarmos a serie dos usos populares que nos revelarão o fundo poetico ou tradicional do culto. Continua Burnouf: «Todos os officios do *dia e da noite* são preparações ou consequencias da missa; todos os officios do *anno* preparam a semana santa ou d'ella derivam. Porém o rito *quotidiano* não é senão a abreviação do rito *annual*, o qual constitue o culto christão por excellencia. Este culto é distribuido segundo a marcha do sol o da lua. O nascimento de Christo coincide com o solsticio do inverno. A Paschoa



segue de perto o equinocio da primavera. No solsticio do verão celebra-se a festa do Precursor, e accendem-se as fogueiras nos nossos campos, chamadas de Sam João.» Para demonstrar a antiguidade d'esta dupla festa anterior á constituição da Egreja bastava aproximal-a das fórmas mythicas conservadas ainda entre todos os povos da Europa; Burnouf chega ao mesmo resultado pelo calculo da precessão dos equinocios: «O solsticio de inverno tem logar quatro dias antes do Natal; o solsticio de verão quatro dias antes do Sam João. O dia de Paschoa é regulado segundo o equinocio, pois que tem logar no domingo que segue a lua cheia depois do equinocio da primavera. É por tanto provavel, que o Natal e o Sam João sejam duas festas antiquissimas, que coincidiram primitivamente com os solsticios. A precessão dos equinocios sendo do cincoenta segundos por anno, quatro dias correspondem pouco mais ou menos a *sete mil annos*; mas os quatro dias podem não ser plenos.» (1) Ligados por tanto estes ritos ás cerimoniaes mythicas da renovação do Fogo, representação do sol hy-

(1) *Op. cit.*, p. 232.



bernal, a persistencia dos costumes populares em todos os povos europeus, suas analogias intimas com os ritos ehistãos, vem-nos restabeleecer esse periodo ante-historico das migrações dos ramos árieos, sobre o qual a Igreja se desenvolveu tardiamente.

A persistencia tradicional, que é na ethnologia o mesmo que na psychologia o automatismo espontaneo, é um dos grandes campos de exploração da Sciencia das Religiões; diz Baudry, estudando o Mytho do Fogo segundo as conclusões a que chegara Adalbert Kuhn: «Um mytho desfigurado a capricho pelos escriptores gregos, apenas respeitado no Rig-Veda, permanecee intacto em um rifão ou em uma festa popular...» Podemos apresentar um exemplo flagrante no seguinte rifão dos arredores do Porto, imagem da concepção do mundo vedico:

Curral redondo,  
Vacas ao lombo;  
Cão ravinioso  
Moço formoso?

É uma adivinhação, com o caracter myste-



rioso dos enigmas que se derivam do um dogma; a explicação popular é a seguinte: *Curral redondo*, o céu; *vacas ao lombo*, as nuvens estendidas; *cão ravinoso*, o vento; *moço formoso*, o sol. Compreende-se que a moderna sciencia das religiões, procure a relação entre os mythos primitivos e as tradições populares modernas, e como é que na liturgia do Christianismo se hãode encontrar ainda vigorosas bastantes festas e actos cultuaes que são vestigios aproveitados de mythos que não cederam o campo ás alegorias de uma religião metaphysica. Os mythos solares são os que predominam nas festas da Egreja, em uma tal extensão que Emilio Burnouf soffreu a illusão mental de deduzir toda a evolução do Christianismo exclusivamente d'esses mythos da fôrma particularizada dos Vedas.

Os povos polytheistas não desconheceram as analogias que existiam entre a religião de Christo e o culto solar; Tertuliano defende o Christianismo d'esta analogia, dizendo: «Alguns de vós pensam que o Sol é nosso Deus.—O quo faz supôr que nós o adoramos, é porque souberam que nós nos voltamos para o Oriente para orar.—Nós nos entregamos, é verdade, ao jubilo no dia do Sol; mas é por um outro motivo que não o de



honrar este astro, que nós celebramos a nossa solemnidade depois do dia de Saturno...» (Apol., XVI). São Justino explica o motivo que Tertuliano deixou em silêncio, «porque o dia do Sol foi santificado pela ressurreição do Salvador.» (1) Ha aqui uma elaboração theologica, uma *interpretação*, no sentido primordial d'esta palavra apresentado por Vico; uma explicação de padre ou sacerdote.

A comprehensão de qualquer mytho não consiste em *interpretal-o*, mas em decompol-o nos seus elementos primitivos, remontando-nos cada vez mais ao seu sentido quanto, por esses elementos simples que o constituem, podémos entrar na mentalidade dos povos e epochas que exprimiram por essa fórma uma dada concepção da natureza. É um processo duplo, de decomposição erudita por meio da aproximação dos símiles mais simples, e ao mesmo tempo uma reconstrucção psychologica da intelligencia humana. O mytho universal commum a todas as raças áricas, da *lucta do Sol contra as Trevas*, e da *lucta do Verão contra o Inverno*, que nos apparece nas fór-

(1) Abb. Martigny, *Dicc.*, p. 93.

\*



mas cultuaes indo-europêas, nas tradições poeticas do povo, nos elementos legendares das litteraturas, nas superstições rusticas, nos costumes civis, e mesmo no syncretismo biographico de alguns personagens historicos, tem uma origem natural de uma capacidade psychologica que ainda se conserva nas naturezas infantis e ingenuas. Tylor, nas *Civilisações primitivas*, colligiu um facto que nos permite remontar ás origens d'esta concepção mythica; diz elle, baseando-se sobre relações dos Jesuitas do seculo XVII: «As tribus da America do Norte personificaram em dous seres, Nipinūkhe e Pipinūkhe, as causas que determinam a primavera (*nipin*) e o inverno (*pipin*): Nipinūkhe traz o calor, as aves e a verdura; Pipinūkhe destroe-as com o frio, com os seus ventos, seu gelo e a sua nevoa; um chega quando o outro se vae embora, e conjunctamente compartilham o mundo. Taes personificações fornecem o thema eterno das metaphoras que a nossa poesia europêa tira da natureza. Chegou-se a representar om linguagem chcia de imagens a primavera como sendo Maio que triumpho do Inverno: a sua porta abre-se, fazendo-se precoder por cartas annunciando a chegada dos fructos;



sua tenda é plantada, traz aos bosques a sua vestimenta de verão.» (1)

Em todos os povos da Europa, como se conhece pelos trabalhos de Jacob Grimm, sobre a *Mythologia allemã*, (2) e pela monographia de Liebrecht sobre a *Cavalgada furiosa*, (3) existe um grande numero de festas populares, que se ligam a mythos primitivos dos deuses solares, a personificações de heroes mortos prematuramente, tudo isto em um syncretismo com as épocas das festas catholicas, e com as superstições inconscientes das camadas mais infimas da sociedade. O trabalho de reconstrução d'esses mythos, pela aproximação de tantos elementos dispersos, está feito; servimo-nos d'essa luz que derrama uma comprehensão mais profunda sobre os costumes populares, coordenando por ella as tradições portuguezas. Liebrecht resume assim o sentido de todos esses costumes: «A meu vêr, é certo que a sua origem remonta a uma festa popular (procissão ou cavalgada) composta de duas

(1) *Les Civilisations primitives*, I, p. 344.

(2) *Op. cit.*, p. 870.

(3) *Bulletins de l'Académie royale de Belgique*, t. XXII  
P. II; 1855.—pag. 190.



partes principaes, que se celebravam ao mesmo tempo em certas localidades, o separadamente em outras. Esta festa representava a *expulsão do Verão pelo Inverno*, e depois a *do Inverno pelo Verão*. Na primeira, esta representação, o Inverno, sob a fôrma de uma medonha Velha, e á frente de um cortejo não menos terrivel, corria atraz do deus do Verão, que envelhecia e fugia sósinho, matava-o e lançava-o á agua; ao passo que na segunda parte o deus rejuvenescido do Verão ou da primavera, montado em um cavallo e seguido de uma cohorte (*mesnie*) tambem nuncrosa e igualmente a cavallo corria atraz da deusa do Inverno ao som de trombetas o alaridos de caça. Depois de um combate, o deus a alcançava e a lançava diante de si de través sobre o cavallo, depois matava-a (em effigie) afogando-a, dilacerando-a, serrando-a, etc.» (1) É este o resultado positivo de todos os costumes europeus que se referem á *Wuthendes Heer*, á *Mesnie Hellequin*, *Grand veneur*, á *procissão de Russon*, á de *S. Lievin em Gand*, á *feira de Lendit*, á do *Loup-Vert*, e especialmente em Portugal á *Corrida do Porco*

(1) Liebrecht, ib., pag. 192.



preto em Braga, á *Cavallhada de Dom Sebastião*, e aos usos populares da *Serração da velha*, das *maias e giestas*, do *Homem das ervas*, do *Maio carambola*, etc. Vamos analysar todos os elementos da tradição popular portugueza sob este duplo aspecto do mytho primitivo; porque nos outros paizes já Liebrecht colligiu todos os vestígios.

a) *O triumpho do Inverno expulsando o Verão*

O grande depositario das tradições portuguezas, Gil Vicente, em uma tragicomedia representada em Lisboa em 1530 na cõrte de D. João III, elaborou litterariamente este mytho, dividindo-o nas suas duas partes *Triumpho de Inverno*, e depois *Triumpho de Verão*, representadas em seguida, como nos costumes observou Liebrecht. É de um valor incalculavel esta tragicomedia, (1) que começa por uma queixa do poeta sobre a decadencia dos alegres costumes populares, o abandono das gaitas, dos pandeiros, dos tambores,

(1) *Obras de Gil Vicente*, t. II. p. 446. Ed. de Hamburgo.



dos atabaques, das folias e cantigas. Representando a tragicomedia por ocasião do nascimento da infanta Dona Brites a 15 de Fevereiro de 1530, Gil Vicente dramatisou o costume popular que se fazia representar pela *Cavalgada do Inverno* que entrava triumphante:

Quando vi de tal feição  
Tão frio o tempo moderno  
Fiz um *triumpho de Inverno*,  
Depois será o do *Verão*.

Nas mais insignificantes phrases, Gil Vicente conserva os mais persistentes traços mythicos, como no verso *O Inverno vem selvagem*. (1) Diz Liebrecht: «O deus, finalmente, apparece na procissão de Russon, assim como nas outras tradições já citadas, com um aspecto terrivel.» (2) Na Dinamarca, aquelles que compõem a cavalgada do deus, chamam-se ainda hoje *selvagens*. Quando entra em scena a figura do Inverno, o poeta chama-lhe *Juan de la greña*, e *aggravio de viejas due-*

(1) Aunquo veais mi figura

*Itecha un selvagen bruto*. . . . Gil Vicente, (II, 450).

(2) Op. cit., p. 195.



ñas. O nome de Juan, liga-se á tradição arabe de *Gines*, e ao costume da Provença da festa de *S. Gen*. Diz Liebrecht: «Mas quem é este *S. Gen*? por ventura *S. João*? O paganismo celebrava o solsticio do verão por grandes festas cujos vestigios se conservam ainda, alem de outros, nas fogueiras de *S. João*.» (1) A velha superstição de fechar as janellas quando troveja, liga-se a este velho mytho, e Gil Vicente allude:

Hago a buenos y á ruines  
Cerrar ventanas e puertas,  
Y hago llorar las huertas,  
La muerte de los jardines. (Ib. 450.)

A morte do deus do Verão era chorada na antiga mythologia syro-phenicia; *Thamuz* chegou a ser chorado nas ruas de Jerusalem; *Adonis* e *Mithra* eram tambem chorados, bem como *Osiris* e *Atys*, todos representações solares. Nas malhadas do centeio em Agosto, na provincia do Minho, faz-se tambem uma lamentação em redor da eira, levando uma *Velha feita de palha*.

(1) Ib., pag. 206.



No *Triunpho de Inverno*, vem o verso allusivo á morte prematura: «Si me muero antes de Abril.» Em Gil Vicente figura tambem como symbolo do inverno uma *Velha*; assim nas sagas do norte como o provou Kuhn, ou na representação da *rainha do inverno* da Ilha de Man, ou a *deusa do inverno* dos povos slavos. Entre os arabes, os sete dias do solsticio do inverno são chamados *os dias da velha*. Segundo Herbelot, o costume do *segar la vecchia*, e o portuguez da *serração da velha*, ligam-se a esta tradição arabe, que por si deriva de velhos mythos chaldeo-babylonicos e indo-europeus. A quarta figura do *Triunpho de Inverno* é uma *Velha*:

Pastores acullá assoma  
 Una *vieja* sin sentido  
 Que quiere um mozo marido;  
 Y el dice que toma  
 E sacóle este partido:  
 Que si esta *sierra* passar  
 Asi lloviendo y nevando,  
 Luego la queiere tomar,  
 Y ella por se casar  
 Viene descalza cantando. (Ib., 462.)

O moço que a *Velha* procura é indubitavel-



mente o Maio, que *carambola*, segundo os usos do Algarve; diz Gil Vicente, ao descrever o noivo:

Um maneebo tão bem feito  
Que é uma consolação;  
Ora *vedel-o jogar*  
C'os pranches *pella do vento*... (Ib. p. 464.)

Na tragicomedia, os alaridos de uma tempestade do mar simulam a *caçada furiosa*:

GREG. Tanto monta assobiar  
Com'aquillo que s'he li.

PILOT: Não sabeis ali eaçar?

GONÇ. E que tendes vós aqui?

.....

APP. Gonçalo vae pelo furão  
Va Gregorio.

GRE. Mas vae tu,  
E eu ehamarei o eão  
Do Piloto, tu, tu, tu. (Ib. 468.)

A tragicomedia termina com um canto de se-reias, em que já se allude ás *Ilhas encantadas* reservadas para a gloria de Portugal:

Todalas *Islas inotas*  
A ti solo ha revelado. (Ib. 479.)



Por fim termina esta primeira parte com allu-  
sões á origem mythica da festa:

Sirenas, por mi amor  
Que no canteis mas, os pido,  
Porque *el Verano es venido*  
*Mi enemigo mayor,*  
Y capitán de Cupido.  
Esperallo no me cale,  
Vos os podereis quedar,  
Y acoger a la mar,  
Si la tierra no os vale. (Id. 480).

O deus do Verão era nas legendas germanicas simultaneamente o deus do amor; tal é o deus *Wuodan*, retratado no verso de Gil Vicente, que o representa tambem como deus da guerra. A *Velha* personificada por Gil Vicente é a deusa Holla, que foge através de silvados e montes. (1) Um anexim popular conserva a concepção mythica: «O mez de Janeiro,—*Como bom cavalleiro*,—Assim acaba,—*Como á entrada*.» (P. Deli-

(1) Na Ilha de S. Miguel pela occasião do entrudo um mascarado vestido de *Velha*, lança cantigas satyricas contra quem apparece ás janellas; é frequente este uso na villa da Bretanha.



cado, *Adag.*, p. 182.)—Vac-te embora Janeiro,  
—Deixar-me-has Abril e Maio.

b) *O triumpho do Verão expulsando o Inverno*

Esta parte do mytho nos costumes populares está bastante vigorosa em muitas povoações de Portugal; a entrada do Verão é representada pelo *Maio*, como Wuodam vestido de *ervas verdes*, pelo enfeite das portas com *giestas*, pela persistencia de *S. Jorge vencendo o Dragão*, na procissão de Corpus, pelas *fogueiras* de S. João e começo dos banhos do mar. Gil Vicente, na segunda parte da tragicomedia, allude ao character divino do Verão:

Oh Vorão, Verão, Verão!  
Verão os que bem te olharem  
Teus misterios quantos são;  
E se bem to contemplarem,  
*Como a deus adorarão.* (Ib., 483.)

Com lingua exeommungada  
Fallar no *Verão sagrado.* (Ib. p. 487.)

Tambem allude á morte e resurreição do deus:



Meu senhor, tu saberás  
 Que c'o poder quo em mi tens,  
 Se me alegras quando vens,  
 Matas-me quando vás  
 E em suidades me mantens.  
 E em quanto lá estás  
 Sendo eu certa que hasde vir,  
 Suidade me faz sentir  
 Duvidas se tornarás,  
 Ou se o céo pode mentir. (Ib., 483.)

Em uma praga que traz Gil Vicente «*Mão Verão se metta em ti*» se acha a superstição popular do primeiro dia de Maio, em que se crê que é preciso madrugar para não ficar todo o anno negligente. A parte final da tragicomedia é preciosissima, porque conserva a tradição do principe que ressuscita quebrando o encantamento: «Entram quatro mancebos e quatro moças, todos muito bem ataviados em folia, dizendo esta cantiga:

Quem diz quo não é esto  
*Sam João o verde?*

Nas cantigas populares do Minho:

Que festas farão os Mouros,  
 Em dia de S. João?  
*Correm todos a cavallo*  
*Com canas verdes na mão.*



Gil Vicente não diz como caracterizou na scena este principe encantado que reaparece, mas por um costume de Lamego verêmos que era vestido de *ervas verdes*. Como mais tarde el-rei D. Sebastião, o infante está guardado em um *jardim maravilhoso*:

Reis de todo mal imigos  
Dinos de fama immortal  
Este *jardim* perennal  
Já de tempos mui antigos  
Se encantou em Portugal.  
O seu nome principal  
Jardim de virtudes é,  
E segundo nossa fé  
Vem-nos muito natural. (Ib., 593.)

O scenario que figurava o jardim apresentava a *arvore de maio*, que ainda modernamente se conserva no páo em volta do qual se enrolam as fitas das danças de mascarás açorianas (1); diz Gil Vicente:

O castanho se prantou  
No paraiso terreal.

(1) Nas dansas insulares em volta de um mastro, o que dirige a dança e faz de palhaço tem um bastão com



No antigo costume cultual da procissão de Corpus Christi figurava a *caçada furiosa*, como se vê por esta descrição do Regimento que acompanha o Alvará de 1621: «Primeiramente os Hortelões e moradores da freguezia de S. Ildefonso, com seu Rey, *Emperador, Usso, carro e montaria, e acompanharão o usso pelo menos oito homens com suas lanças e chuças*, quatro de cada cousa.» Entre as outras figurações entrava também S. João, e a *dansa das espadas*, como nos costumes derivados do mytho de Wuodam. Nos costumes populares do Minho, João Pedro Ribeiro cita o enfeitar-se as portas com *giestas*; é entre as *giestas* que os genios celticos seduzem as donzellas; Wuodam ou Gines, ainda percorrem as ruas de Lamego no 1.º de Maio com todo o seu caracter pagão.

A *dansa das espadas*, tantas vezes citadas nos costumes portuguezes do seculo XVI, o represen-

duas bexigas na ponta, e é vestido com *canudos de cana*. Chama-se-lhe o *Velho dos Canudos*. Como diz Liebreht: «o Verão, por causa dos seus canaviaes é chamado *Waservogel* em Angsburg e em outras localidades de Baviera, e por isso era mergulhado no rio ou nos canaviaes». (Op. cit., 196.)



tada na procissão de *Corpus Christi*, é um resto das superstições odinicas, ou mais geralmente vestigio do mytho do combate entro o Verão e o Inverno. Segundo Grimm, as *Espadas* eram brandidas em honra de Ostara, e segundo Liebrecht as espadas pertenciam a Wuodam e ao seu sequito. Como Odin, montado no seu cavallo Sleipnir, tal como apparece na moderna Procissão de Russon, o Sam-Jorge representa o mesmo papel na Procissão do Corpus Christi em Portugal, acompanhado tambem de uma luzida cavalgada. É a figura pagã de *Maió* transportada ao divino. Nos costumes portuguezes antigos na epoca da reconquista, a *cavalgada de Maio* era aproveitada para começo festivo da guerra da fronteira contra os mouros.

Os deuses do Verão, Adonis, Atys, ou Wuodam, são mortos por um *javalí*; sabe-se que o porco era sacrificado a Hertha, e a epoca da matança dos porcos em Dezembro, leva a inferir pela persistencia da tradição o sentido mythico do triumpho do Inverno. A *Mesnie Hellequin*, ou a *Cavalgada furiosa*, em que na entrada do Verão se caça o porco selvagem, acha-se em Portugal nos costumes da *Corrida do Porco preto*, nas festas do Sam João em Braga. Transereve-



remos aqui uma memoria descriptiva importante para se conhecer esse costume extincto, que nos completa o campo da popularidade do mytho. Escreve um correspondente de Braga, a proposito das festas de S. João n'aquella cidade: (1)

«Outr'ora as festividades ao Santo Precursor eram recheiadas de algumas brincadeiras curiosas. A mais importante era sem duvida alguma a *corrida do porco preto*. Para relatarmos aos nossos leitores essa *folia* valemo-nos de algumas auctenticidades de valor historico incontestavel.

«Frei Bernardo de Brito, fallando de S. Victor, ou S. Victoure, e outros santos martyres, naturaes de Braga, diz:—«E quero advertir do caminho um antigo costume, que dura em nossos tempos n'esta cidade, conservado (ao que se póde crêr) desde estes antigos, ou em memoria do que succedeu ao martyrio dos santos, ou por guardar aquelle modo de festa, inda que gentilica, todavia convertida em melhor uso: e é que na vespera de S. João, se põe a cavallo a gente principal da cidade, e passando o rio Deste, junto ao qual foi o martyrio dos santos, e se faziam os jogos e sacrificios de Ceres e Sylvano, fingem que empra-

(1) *Actualidade*, n.º 143, iv anno. Porto.



zam um porco, e gastada a tarde om festas, vão ao dia do santo pela manhã fazer sua *montaria com um porco preto*, que lhe lá tem aparelhado, e soltando-o, lhe seguem o alcanço, ao som de cornetas e vozes, que representam uma verdadeira montaria, e o vem seguindo contra a cidade todo o tropel de gente; e se ao passar do rio se lança ao vau, e passa pela agua, o dão aos moradores das azenhas, que ha na mesma ribeira, e tomando a ponte, fica da gente da cidade.

«Melhor nos parece que por festojar ao santo Precursor ordenavam os antigos d'esta cidade que na sua vespera e dia houvesse verdadeira montaria de muitos porcos montezes, e outras féras, de que junto á cidade havia grande quantidade por estar toda cercada de espessos bosques, onde se creavam, e multiplicavam com damno dos campos e cearas visinhas. Este exercicio, postoque faltaram as féras, e se povoaram os bosques, ficou sempre o uso, fazendo-se em modo de montaria a louvor e honra do santo.—Tirou-se por alguns annos no tempo do illustrissimo senhor D. Affonso Furtado de Mendonça, nosso antecessor, esta fingida montaria, parecendo aos do governo da cidade que não convinha achar-se sua nobreza n'aquelle tão leve exercicio; que pelo que tem de

\*



antiguidade não só se toleram, mas veneram n'este reino, ordenou que a festa se restituísse outra vez, como em effeito se restituiu.»—

«O sr. Forjaz de Sampaio Pimentel, no seu curioso volume *Memorias do Bom Jesus do Monte*, transcreve do velho manuscrito do um frade os seguintes interessantes apontamentos, respeitantes ao facto em questão:

«Na vespera da festa faziam os bracarenses cavalhadas além do rio Deste, e depois da folga monteavam á imitação dos seus maiores.

«Com o dobar dos annos extinguiu-se a caça grossa, e esmoitaram-se os grandes matagaes onde as feras se embrenhavam. Nem por isso os cavalheiros de Braga se abstiveram da sua antiquissima usança. Inventaram como haviam de continuar, e resolveram lançar porcos no local que hoje denominam—coutada dos arcebispos (esto hoje refere-se a um hoje do ha trescentos annos) para assim eumprirem a sua devoção.

«Chegaram os tempos de D. Diogo de Souza, o qual fundou uma capella a S. João Baptista, logo além da ponte, obra sua tambem, sobre o rio Deste; e, como se erigisse uma irmandade em honra do santo, tomou esta á sua conta dar os meios para continuarem os antigos costumes. Ele-



giam-se, para o caso, dois mordomos: um d'elles obrigava-se a errear e manter todo o anno um corpulento porco de côr preta. Na madrugada do dia de S. João, feitas as cavalhadas iam os fidalgos ao alto do Picoto, soltavam o cevado, e despediam atraz d'elle contra o rio Deste, onde o esperavam os moleiros sobre a ponte para lhe estorvarem a passagem, e obrigar-o a vadear o rio. A' aba do rio apinhava-se povileo d'aquelles sitios a escorraçar o porco para a ponte.

«Emfim, se o porco passava a ponte, era premio do gentio fluvial, que o comia; se passava o rio era dos moleiros, que o comiam tambem.

«Acabado o festejo, vinham os cavalleiros á alameda de S. Sebastião, e sobre uma pedra, que ainda hoje se conserva em fôrma de meza—proseguo o frade copiando o arcediago—a qual estava muito armada e cheia de cestinhos com as fructas d'aquelle tempo, outro mordomo da confraria de S. João repartia pelos cavalleiros as taes cestinhas, que elles levavam pela cidade com muita galhofa ás pessoas da sua obrigação.»—

«A eeremonia do porco não sei ha que tempos aeabou; porém, a das cestas de fructa, ainda conheci gente que a viu, e haverá cem annos, pouco mais ou menos, que de todo se extinguiu.»



Entre os costumes peninsulares, derivados de mythos primitivos das raças que entraram na constituição ethnica da Hespanha, figura no Cancioneiro da Vaticana, o do *Maio*. Em uma canção de Affonso IX, satyrisando Dom Affonso II, que abandonou as guerras contra os mouros para vir disputar em Portugal a herança de suas irmãs, acha-se este estribilho affrontoso: *Não vem al Maio*. Era no Maio, que se começavam as hostilidades, ou que se encetava a cruzada contra os mouros na fronteira; no romance popular do *Mouro atraído*, da versão insulana, ao ser perseguido, dizem-lhe que o campo por onde vae, *se lavra em Maio*. (1) Na Canção 1055, de Pero Barroso, allude-se a este mesmo costume cavalleiresco, e achá-se tambem o fio tradicional que explica o uso:

Chegou aqui dom Foam  
e veo mui bem guysado,  
pero non veo ao Mayo,  
por non chegar endoado;  
demos-lhe nós unha *Maya*  
das que fazemos no Mayo.

(1) *Cantos populares do Archipelago açoriano.*



As festas populares de Maio são o vestigio das cerimoniaes liturgicas do antigo culto da entrada do Verão, que triumphava do Inverno; por todas as provincias se encontram usos fragmentarios d'este culto naturalista, como o *Sam João o verde*, no seculo XVI, o *carro das ervas*, em Lamego e Vianna, o *Maio Maiola*, do Algarve, a vinda do *el-rei Dom Sebastião*, das tradições populares, a *cerração da velha*, ainda dos costumes arabes, o *enterro do bacalhau*, actualmente. Liebrecht estudou este grande drama liturgico nos costumes populares da Europa, e a fórma principal em que subsiste é nas procissões á desfilada, restos da lenda da *Mesnie furieuse* ou a caçada feroz; é por este costume que explicamos o motivo de se começarem as guerras contra os mouros sempre em Maio. Nos romances populares portuguezes varias cativas foram agarradas pelos mouros em manhãs de Sam João, quando andavam a colher flores. Este costume poetico sobresáe na tradição de Hermingues, recebida como historica pelo chronista Brito.

A este mesmo costume considerado como superstição popular deve attribuir-se a lenda da *chuva de Maio*, posta em verso de *Noeillaire* pelo



trovador Peire Cardinal, e conservado no seculo xv em Portugal, por Duarte da Gama, no seculo xvi por Sá de Miranda, e no seculo xvii por D. Francisco Manoel de Mello.

O *carro das hervas*, dos costumes de Lamego e de Vianna, é um vestigio da antiga cerimonia germanica do Carro de Hertha; nos costumes peninsulares da epoca da reconquista, por occasião das festas de Sam João havia treguas nas guerras contra os arabes, e nos festejos mutuos os inimigos misturavam-se. Tal é o caracteristico dado por Tacito á festa de Hertha: «Suspendem-se as guerras; não se arraneam as armas; todo o ferro é euidadosamente guardado. Este tempo é o unieo em que estes barbaros conheeem, o unieo em que amam a paz e o repouso; etc.» (*Germania*, XL.)

No *Auto da Lusitania*, Gil Vicente, allude á personificação de *Maió* nas festas populares:

Muito me espanto eu  
De mundo tão albardeiro,  
Que por ser eu prazenteiro  
Me tem todos por sandeu,  
E por sisudo *Janeiro*. (II, p. 283).



E tambem:

Não me hajaes por estrangeiro

.....

Que eu sam *Maio* e messageiro.

E principal cavalleiro

Da côrte de vosso pae. (Ib.)

O vestigio do *Caçador selvagem*, encontra-se nos romances insulanos de *Joãosinho o banido*, e de *Flores e Ventos*, cujas devastações estão localizadas na noite de Natal. (1)

Nos anexins populares abundam as personificações mythicas:

Primeiro de Maio

Corre o Lobo e o Veado. (Delicado, 186.)

Quanto Maio acha nado,

Tudo deixa espigado.

Livrar das *aguas de Maio*.

O costume da festa do *Maio* já nos apparece prohibido como uma superstição no tempo de D.

(1) *Cantos do Archipelago*, n.º 17 e 18.



João I, no *Accordam da Camara de Lisboa*: «Outrosim estabelecem que d'aqui em diante, n'esta cidade e em seu termo, não se cantem janciras, nem *Maias*, nem a nenhum outro mez do anno, nem se lance cal ás portas sob o titulo de janciro.» (1) A cal representava aqui a geada do inverno. No *Auto da Lusitania*, de Gil Vicente, vem uma cantiga das *Maias*, bastante preciosa:

Este é Maio, o Maio é este,  
Este é Maio e florece,  
Este é Maio das rosas,  
Este é Maio das formosas.  
Este é Maio e florece!

Este é Maio das flores  
Este é Maio dos amores  
Este é Maio e florece! (2)

Na poesia popular portugueza é frequentissima a referencia ao mez de Maio como época: *Era pelo mez de Maio*, etc.

(1) Ap. José Soares da Silva, *Mem. de D. João I*, t. iv, p. 539, n.º 37.

(2) *Obras*, t. iii, p. 283.



O costume das festas heroicas do *Maio* está ainda vigoroso em bastantes provincias de Portugal. Transcrevemos aqui as descripções authenticas de varios observadores:

Em Lamego, o costume do *Maio-moço* é interessantissimo; no primeiro, ou nos primeiros dias de Maio percorre as ruas de Lamego um rapaz de vinte annos, pouco mais ou menos, com um *vestuario de ervas*, com especialidade trevo, cercado de uma grande turba de rapazes, entre berreiros, fazendo ouvir de quando em quando algumas cantigas:

O meu Maio-moço  
Elle além vem,  
Vestido de verde,  
Que parece bem!

Elle la vae por hortas abaixo;  
Elle la vae por hortas acima,  
Viva, viva, viva!

O meu Maio-moço  
Chama-se João,  
Anda na campanha  
Feito capitão.

Elle la vae, etc.



De Lagos se refere a seguinte tradição: «Era costume n'esta cidade festejar o primeiro de *Maio*, em que ia toda a gente da terra, e na frente, no melhor cavallo, um rapazote adornado de muitas flores e joias, que se pediam emprestadas, e que figurava o *Maio*; este mancebo fazia suas correrias, desviando-se ás vezes do prestito a que se tornava a reunir; succedeu porém um anno que o rapazinho, ao passar a procissão junto a uma das portas da cidade, metteu esporas á cavalgadura, deu ás de villa diogo pela estrada fóra, e ainda hoje esperam por elle em Lagos, onde se não falla em *Maio*, mas sim no *Mez que hade vir*.» (1) Este caso é inventado para explicar o sentido mythico da phrase o *Mez que hade vir*; porque o deus do Verão vencido hade reaparecer do jardim encantado onde esteve escondido. É a este apparecimento esperado, que se liga tambem o das Mouras encantadas na noite de S. João no Algarve, e que se formou a personificação historica de el-rei Dom Sebastião, que *hade vir* da Ilha encantada, montado em um *cavallo branco*.

(1) J. A. d'Almeida, *Dicc. abbrev. de Chorogr.*, t. II, p. 4.



Na festa de Maio em Beja encontramos este mesmo mytho, que toma a forma feminina: «este brinquedo no mez de *Maio* impede a muitas pessoas de sairem ao domingo ou dia sancto, em algumas partes. Aqui juntam-se as crianças do ambos os sexos, especialmente do feminino, enfeitam uma rapariguinha mais pequena, *vestida de branco*, eontorneam-lhe de flores a cabeça e o peito, assentam-na em uma cadeirinha, que collocam sobre uma meza elegantemente ornada, e deixam estar ali a pobre pequena toda a tarde, em quanto que outras sentadas em redor da meza, cantam tocando adufes; logo que alguém passa levanta-so aquella chusma de rapazes e raparigas, e agarram-se onde melhor podem deitar as mãos, fazem tal gralhada, que quem se quizer ver livre d'ella tem de ir prevenido eom alguns eobres para lh'os distribuir; muitas vezes ainda se não está livre do um grupo, já dois e tres andam pedindo para a *Maia*, e não desistem da perseguição, emquanto os não satisfazem com alguma cousa.» (1) Os peditorios das crianças são frequentes em novembro em Coimbra e pelo S. João em Lisboa. A este eostume do *Maio* eor-

(1) Idem, t. 1, p. 129.



respondem no Porto o enramalhetar as casas com *giestas*; em Vermuil, o *Maiar o gado*, é enfeitar-lhe as côrtes com *ramos de carvalho*; (1) em Lisboa costuma-se invadir as hortas dos arredores da cidade.

São muitos os vestígios pagãos da festa de Maio; a antiga fabula da *chuva de Maio*, (2) que a todos endoudecia, a que alludem Duarte da Gama, no *Cancioneiro geral*, Sá de Miranda e D. Francisco Manoel de Mello, é um conto moral fundado com o intuito de atacar essa alegria popular que se manifestava pela ressurreição do *João Verde* ou Wuodam. A locução portugueza *Maio carambola* é tambem allusiva ao fim das neves e ao combate contra o Inverno. No Algarve faz-se a *cavalgada de Maio*, com um mancebo coberto de ouro emprestado pelas principaes familias; e o costume pagão não foi extincto, apesar da lenda que se conta de ter fugido para

(1) Diz Liebreteh: «os ramos de carvalho, (allude á festa de Gand, de 1540) indicam sufficientemente Wuodam, deus da primavera, e deus da guerra.» Pag. 205, Bulletin.

(2) Na poetica provençal o *Maio* constituiu um genero.



Hospanha com as riquezas, em uma festa, d'onde veiu a phrase insultuosa para os algarvios *esperar pelo Maio*. Estes costumes ligam-se com as cerimoniaes da Paschoa, e a *serração da Velha*, ou da deusa Holla, ainda se faz quando se chega ao meio da quaresma, e o enterro do Inverno é simulado por duas formas, ou pelo *Enterro do Bacalháo*, ou pelo enforcamento de *Judas*. O bacalháo allude ao fim da penitencia o do jejum forçado, e a morte de Judas é menos popular e mais provocada pela interpretação catholica. Emfim, a propria Alleluia o a ressurreição de Christo estão intimamente ligadas ao renascimento do deus vernal que triumpho da frieza do inverno, como Osiris ou Mithra. Tal é a razão porque um grande numero de usos populares se conserva, apoiados em volta d'esta personificação, que deu uma unidade moral e um sentido santo a esse eterno thema das grandes epopêas da humanidade; é tambem por esse motivo, que facilmente se aproveitaram esses elementos consuetudinarios para se personificarem nos vultos do rei Ginnes, de Roland, de Arthur, de Sigfried, ou de el-rei Dom Sebastião.

Em uma canção popular da Allemanha, o Inverno é equiparado á Morte, que é arrebatada



em carreira. (Liebretch, *op. cit.*, p. 199.) Também em Bragança, na quarta-feira de cinza, uma figura da *Morte* pereorre as ruas n'uma carreira vertiginosa, fustigando tudo quanto encontra com uma fouce ou com um tira-pé, chegando a entrar pelas casas que encontra abertas. A misericórdia de Bragança é que aluga a veste que figura a Morte; também na Allemanha, raparigas de sete a dezoito annos costumam percorrer as ruas da cidade levando uma boneca simulando a *Morte*, ou um morto, que vão deitar ao rio; os Sorbos no Obelansitz, apedrejam uma figura de palha (a vestimenta de *palha* era a da deusa do Inverno); nos arredores de Boitzenburg no Ukermark, existe o mesmo costume da *lucta do Verão contra o Inverno*, na forma da expulsão da Morte. O costume de Bragança, a que alludimos, é esta expulsão da morte quando Christo ressuscita; a reunião da carne aos ossos, da crença de juizo final, conserva-se na cantiga com que os rapazes perseguem a figura da Morte, que apedrejam:

Oh Morte, oh piegas,  
Tira a chicha da panella!  
Sete costellas e moia  
Nariz de canella.



A esta profunda tradição popular da Europa deveu a arte moderna as composições litterarias e artisticas da *Dansa da Morte*, que a Igreja aproveitou para moralisar sobre o nada das cousas terrestres. A expulsão do Inverno na figura da Morte tem em Portugal intimas analogias com os costumes de outros paizes; na festa arabe Rokub al Kansage, um homem montado em um burro, com um bastão n'uma mão, e na outra um corvo, corre a povoação *lançando fóra o Inverno*. Em uma descripção do entrudo na aldeia da Bretanha (ilha de Sam Miguel, 1840) nos escrevem: «Pelo tempo do entrudo occorreu a uma mulher natural e moradora na Bretanha, o ir correndo a freguezia a fim de arranjar algum dinheiro, e isto atraz de dois jumentos em que tinha collocados dois bonecos, *ambos de palha* e vestidos segundo o uso da terra, a que chamava o *Entrudo e a mulher*, e a proposito d'elles ia lançando cantigas satyricas contra os que ella via.» Comprehende-se a tradição inconsciente aproximando-se do costume allemão, em que a velha Holda é acompanhada do seu fiel Eckart, que representa o deus do Verão que vae fugindo. A expulsão do Inverno faz-se com a *procissão a correr*, e com *fachos accesos*, como a procissão dos *Fogaréos* em



Braga, e tambem no Porto na quinta-feira maior, em que os fogaréos eram apagados no chafariz de Sam Domingos. Os fogaréos apparecem na festa de Gand, e Liebrech comparando esse uso conclue, que allude á perseguição do Inverno pelo Verão. (*Op. cit.*, p. 207.) Tambem na festa de Sam Sebastião, em Faro, o povo sáe á noite armado de archotes, ao som de cantigas, mettem os fachos pelas caras uns dos outros, forcejando por apagarem os que os outros levam; (1) Sam Sebastião é advogado da *peste*, e em Schleh-dorff, segundo Panzer, *in tempore pestis* fazia-se uma procissão á noite com tochas e fogaréos.

O phenomeno da adaptação d'esta somma de elementos mythicos a um personagem historico é um facto positivo; (2) é talvez o ultimo esforço

(1) J. A. d'Almeida, *Dicc. chor.*, t. 1, p. 419.

(2) «Que incidentes mythicos se liguem muitas vezes á historia de personagens reaes, e que estes mesmos personagens figurem em contos cujo fundo é mythico, nada ha de mais certo. Ninguem nega a existencia de Salomão por causa da aventura legendar no vallo dos macacos, nem a de Attila porque figura nos Niebelungens. Sir Francisco Drake não deixa de ser um personagem real, posto que os contos digam que olle conduz ainda a



de conservação ou persistencia tradicional. D'este facto provém talvez essa velha theoria de interpretação dos mythos pela personificação *evhemerista*, e, quando o mytho se torna absurdo diante d'este processo, a sua interpretação arbitraria por meio da *allegoria*.

Para a personificação historica de todos estes elementos mythicos em Dom Sebastião, tinhamos já o principal trabalho poetico realisado na lenda de el-rei Arthur, conhecida em Portugal desde o seculo XIV, como se pode vêr no *Nobiliario do Conde D. Pedro*; conheciamos as *Viagens de S. Brendan*, citadas por Azurara, as quaes animaram os nossos navegadores no seculo XV, e despertaram esse furor extraordinario de ir á descoberta das ilhas desertas; no seculo XVI as prophcias de Merlin eram elaboradas tradicionalmente por Bandarra já preocupado com a ideia classica da *Monarchia universal*. O *Maio que hade vir*, o joven heroe occulto em um paraíso, co-

*Caçada selvagem.* (wild hunt) na floresta de Dartmoor, ou que elle ainda se levanta quando se toca em Buckland-Abbey o tambor que deu volta á roda do mundo. » Tylor, *Les Civ. primitives*, I, p. 319.

\*



mo o descreve Gil Vicente, guardado em uma Ilha deserta, como o diz a lenda arthuriana, facilmente se personificára no joven monarcha portuguez morto prematuramente, pelo impulso da reacção contra a usurpação castelhana. A adhesão profunda do povo a esta crença, que se tornou uma seita fanatica, chamada dos *Sebastianistas*, não podia provir senão das ultimas raizes que ella tinha nos costumes, nas superstições, nos vestigios mythicos. Nas classes superiores a adhesão explica-se pela miragem da esperança na tradição classica da *Monarchia universal*, que nós pela aspiração nacional convertemos na affirmação do *Quinto Imperio do mundo*. (1)

Uma das tradições intimas do povo portuguez e por ventura a mais ligada á vida nacional, é a que se formou sobre a morte *prematura de um joven heroe*, el-rei Dom Sebastião, que succumbiu, vencido em Alcacer-Kibir em 1578, acabando com elle a independencia de Portugal. O thema

(1) O Ms. n.º 113 do Catalogo da Livraria do bibliothographo Innocencio, tinha o titulo *Mesada do Quinto Imperio, a D. João v*, por Pedro Rates *Hennequin*, por onde se vê a *Mesnie de Hellequin* identificada na tradição portugueza.



fundamental de todas as epopêas espontaneas, que se derivaram de mythos religiosos primitivos, é sempre *a morte prematura de um joven heroe*, a personificação solar, em que o astro esplendido é vencido pelas brumas do inverno; este thema, onde não produziu epopêas, deixou um grande numero de ritos e vestigios cultuaes, que se conservam ainda entre os povos catholicos, e a elle se ligam um sem numero de superstições populares, que perderam o seu sentido. Em Portugal os costumes, superstições e tradições do povo conservam um grande numero d'esses ritos do mytho primitivo, e pelo abalo nacional causado pela perda da autonomia em 1580, a imaginação foi estimulada, fazendo reviver sob a aspiração de uma futura independencia esses restos de tradição mythica, agrupando-os em volta do typo heroico de el-rei D. Sebastião: A vinda do joven guerreiro, montado em um cavallo branco, em um dia de cerração, tal como ainda se acredita na moderna tradição portugueza, para que persistisse com profunda vitalidade na imaginação do povo, que ignora a sua historia, era preciso que esse facto fosse a transformação de vestigios mythicos, existentes nos costumes, nos contos, nas superstições, aos quaes os successos



politicos ou os interesses partidarios fizeram localisar n'esse joven heroe. O rei Arthur, Carlos Magno, Barba Roxa, Dietrich de Bern, o proprio Carlos v, pertencem, como diz Liebreteh: «ao numero dos heroes arrebatados de um modo sobrenatural, e dos quaes diferentes povos esperam de ha muito tempo a volta.» El-rei Dom Sebastião é o ultimo d'esta phalange de heroes maravilhosos, que absorveram nas suas individualidades os vestigios do mytho solar da *lucta e triumpho do Inverno sobre o Verão*, mytho que na Europa moderna ainda é conservado nas festas de *Mai*, e nas tradições poeticas ou supersticiosas da *Caçada furiosa*.

As esperanças messianicas do *Reino de Deus* e do *Millenio*, derivadas do mytho da ressurreição do joven-deus que revive depois da morte prematura, voltaram á sua origem nos costumes populares em Inglaterra com el-rei Arthur, na Allemanha com Barba Roxa, em França com Carlos Magno e em Portugal com Dom Sebastião, com mais ou menos vivacidade segundo a intensidade das erenças christãs.

Na evolução historica do Christianismo, em que a Egreja se apoderou da sociedade civil identificando-se com a moral e intervindo nos actos es-



senciaes da vida pela dependencia dos sacramentos, a parte dogmatica da doutrina teve um desenvolvimento exclusivo, e uma grande parte das tradições mythicas d'onde esta religião se derivara ficou abandonada á persistencia popular. Nas povoações ruraes da cidade media, os *Pagi*, essas tradições mythicas deixadas ao automatismo do costume foram consideradas como restos despreziveis do passado, combatidas pela prédica e denominadas *Paganismo*; quando os concilios trataram de definir as doutrinas abstractas, foram inconciliaveis com essa efflorescencia tradicional da devoção do povo e amaldicionaram-n'a como *superstições*. A dissolução do regimen catholico, coincidindo com a renascença scientifica do seculo XVI, levou a igreja a uma nova situação; á medida que os espiritos se iam emancipando pela cultura intellectual, que a civilização se ampliava, a Igreja foi procurando os adeptos do seu proselytismo nas camadas inferiores da sociedade. Começou pela captação das mulheres, pela influencia dos directores espirituaes e vem acabar nas devoções picgas das grutas, das aguas milagrosas e das aparições. O pontificado de Pio IX consistiu n'esta regressão á orientação primitiva; as grandes descobertas scientificas do seculo XIX,



impondo-se á consciencia como um novo poder espiritual, em vez de despertarem na Igreja o instinto de uma conciliação racional, acharam só a intolerancia impotente do Syllabus, que para apoiar-se teve de recorrer á credulidade do maior numero, dos mais atrasados. É assim que se explica como no seculo em que a razão humana se manifesta com mais força, a credulidade foi explorada tambem com mais amplitude, convertendo em devoções piedosas o que até então eram tradições poeticas condemnadas que pairavam na transmissão inconsciente.

FIM



LIVRARIA UNIVERSAL  
DE  
MAGALHÃES & MONIZ—EDITORES

12, LARGO DOS LOYOS, 14—PORTO

EDIÇÕES ILLUSTRADAS

Visconde de Villa Maior

*O Douro illustrado*, album do rio Douro e paiz vinhateiro, contendo: introdução historica e descriptiva do paiz vinhateiro, descripção das principaes quintas e dos trabalhos vinicolas usados no Douro, nota sobre o commercio dos vinhos do Porto, serviço e trabalho dos armazens, 1 volume com 24 vistas e 2 mappas, encadernado..... 7\$000

Ramalho Ortigão

*Banhos de Caldas e Aguas mineraes de Portugal*, 1 volume com 10 vistas e desenhos de fantasia. 1\$000  
*As Praias de Portugal*, 1 volume com 10 vistas e desenhos de fantasia..... 1\$000

João de Deus

*Flores do Campo*, 1 vol..... \$600  
*Folhas Soltas*, 1 vol..... \$600



**Rangel de Lima**

*Dramas e comedias*—1.º volume: «A pedra de escandalo». «Casas, criados e agiotas».—2.º volume: «A condessa do Freixial». «Como se enganam mulheres», cada um..... \$500

**David Livingstone**

*Viagens de exploração no Zambeze e na Africa Central*, tradução de Julio Gama, 1 vol..... \$400

**Theophilo Gautier**

*Magdalena de Maupin*, tradução de Francisco Gomes de Souza, 1 vol..... \$600

**Alberto Pimentel**

*Photographias de Lisboa*, 1 vol..... \$300

**B. Moreira de Sá**

*Guia de correspondencia e escripturação commercial*, contendo: circulares—cartas de recommendação—cartas de credito—pedidos de credito a descoberto—offerta de serviços—pedidos de esclarecimentos e informações—pedidos diversos—ordens e sua execução—consignações e vendas em commissão—exprobações, queixas, reclamações, desculpas e justificações—saques, remessas e pagamentos—fallencias e revezes—remessas de contas correntes e de recambio—negocios maritimos, seguros, avarias o naufragios—modelos diversos—taboas das moddas, pesos e medidas—cambios—glosario dos termos de commercio—escripturação commercial. 1 vol..... 1\$200

**J. J. Rodrigues de Freitas**

*Elementos de escripturação mercantil*, 1 vol..... \$600

**Elias Fernandes Pereira**

*Guia dos exames de admissão*, ou noções sobre



arithmeticã, systema metrico decimal, chorographia portugueza, historia de Portugal, doutrina christã e grammatica portugueza; segundas de uma collecção de figuras para o estudo do desenho, 5. <sup>a</sup> edição. 1 vol.....	\$400
<i>A Arithmetica dos Lyceus</i> , redigida em harmonia com o programma official. 1 vol.....	\$700

**Julio G. Moreira**

<i>Elementos de desenho geometrico</i> , elaborados conforme o pogramma official para os candidatos ao magisterio primario e para servirem nas escholãs de instrucção primaria, 1 vol.....	\$250
<i>Grammatica da lingua ingleza</i> , 1 vol. 8. <sup>o</sup> .....	\$600

**Amaral Cirne e Alvares Ferreira**

<i>Exposiçõ elementar do systema legal de medidas portuguezas</i> , com gravuras elucidativas do texto, 1 vol.....	\$250
--	-------

**Dr. H. G. Ollendorff**

<i>Methodo para aprender a lêr, fallar e escrever a lingua franceza em seis mezes; arranjado para uso dos portuguezes por F. Adolpho Coelho. 3.<sup>a</sup> edição muito melhorada. 2 vol.....</i>	1\$000
<i>Methodo para aprender a lêr, fallar e escrever em seis mezes a lingua franceza (traduçãõ dos themas). 1 vol.....</i>	400

**F. Adolpho Coelho**

<i>Tractado da pronuncia franceza</i> , complemento do Methodo Ollendorff. 1 vol.....	\$400
---	-------

**Theophilo Braga**

<i>Manual da historia da litteratura portugueza</i> , desde as suas origens até ao presente. 1 vol..	\$600
<i>Anthologia portugueza</i> . Trechos selectos coordenados sob a classificaçãõ dos generos litterarios, precedidos de uma <i>Poetica historica portugueza</i> . 1 vol.....	\$600



350,-

A. M. Gomes

- Lições de leitura manuscripta*, em letra variada, para as escolas de instrução primaria. 1 vol. \$200
- Collecção de trechos*, em prosa e verso, extrahidos dos melhores escriptores contemporaneos. 1 vol. \$500

Prospero Pichard

- Doutrina do real*, Catecismo para uso dos que não se contentam com palavras, precedido de um prefacio por Mr. E. Littré. Tradueção auctorizada pelo auctor. 1 vol. .... \$400

\* \*

- Conversação Parisiense*, collecção de dialogos. 1 vol. cart. .... \$600

A. Ribeiro da Costa e Almeida

- Curso elementar de philosophia*, comprehendendo todas as materias do programma official para o ensino dos Lyceus, 3.<sup>a</sup> edição emendada e acrescentada com resumos de todas as partes do curso. 1 vol. .... 1\$600

A. Epiphanio da Silva Dias

- Grammatica portugueza*, para uso das aulas de instrução primaria. Obra approvada pela Junta consultiva de instrução publica. 3.<sup>a</sup> edição, revista. 1 vol. .... \$250

Theophilo Braga e Julio de Mattos

- O Positivismo*, revista de philosophia, 1.<sup>o</sup> vol. ... 2\$500
- N. B. Está no prelo o 2.<sup>o</sup> anno, e custa, por assignatura. .... 2\$250

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA MODERNA

SCIENCIA DAS RELIÇÕES

- Origens poeticas do christianismo*, por Theophilo Braga, 2 vol. .... 1\$000







CTA - 4-5-8

REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

Autor \_\_\_\_\_

Título \_\_\_\_\_

N.º do Leitor	Data

TOMBO: 1878

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS  
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se êste livro não fôr devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000



